REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Ano LXXXVII – Dezembro de 2005 N.º 26

Valer
EDITORA

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS BIÊNIO 2003-2005

Presidente
ELSON JOSÉ BENTES FARIAS

Vice-presidente
ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

Secretário-geral
JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Secretário-adjunto
LUIZ MAXIMINO DE MIRANDA CORRÊA

Tesoureiro
FRANCISCO GOMES DA SILVA

Tesoureiro-adjunto
ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

Diretor de patrimônio
ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

COMISSÃO EDITORIAL

Coordenação Editorial
TENÓRIO NUNES TELLES DE MENEZES

Editor da Revista
ALMIR DINIZ DE CARVALHO

Editor do Boletim
ANÍSIO THAUMATURGO SORIANO DE MELLO

Esta obra foi editada com o apoio cultural da

Valer EDITORA

GRAFISA

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Ano LXXXVII – Dezembro de 2005 N.º 26

Valer
EDITORA

Copyright © Academia Amazonense de Letras, 2006

EDITOR
Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Tenório Telles

PROJETO GRÁFICO
Heitor Lopes

REVISÃO
Núcleo de editoração Valer

FICHA CATALOGRÁFICA
Ycaro Verçosa

Revista da Academia Amazonense de Letras. Ano 87, N.º 26, 2006.
Manaus: Editora Valer, 2006.

168 p.

1. Literatura -- Periódicos I. Academia Amazonense de Letras

CDD 805 CDU 82(05)

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 3633-6565
E-mail: editora@valer.com.br
www.valer.com.br

Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 3234-0584
E-mail: acadam@ig.com.br

Quadro de patronos e acadêmicos efetivos da Academia Amazonense de Letras

CADEIRA	PATRONO	TITULAR
1	Péricles Moraes	José Bernardo Cabral
2	Euclides da Cunha	Moacyr Couto de Andrade
3	Gonçalves Dias	Anísio Thaumaturgo S. de Mello
4	Sílvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
7	Maranhão Sobrinho	Aldisio Gomes Filgueiras
8	Torquato Tapajós	José Jefferson Carpinteiro Peres
9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
10	José Veríssimo	Marcus Luiz Barroso Barros
11	Barão do Rio Branco	Vaga
12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
13	Estelita Tapajós	Jauary Guimarães de Sousa Marinho
14	Barão de Sant'Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
15	Graça Aranha	Narciso Júlio Lobo Freire
16	João Leda	Tenório Nunes Telles de Menezes
17	Francisco de Castro	Vaga
18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
21	Tenreiro Aranha	Luiz Franco de Sá Bacellar (eleito)
22	Farias Britto	Robério dos Santos Pereira Braga
23	Cruz e Souza	Joaquim de Alencar e Silva Neto
24	Joaquim Nabuco	Áderson Pereira Dutra
25	Araújo Lima	Márcio Gonçalves Bentes de Souza
26	Rui Barbosa	Oyama César Ituassú da Silva
27	Tavares Bastos	Zemaria Pinto de Figueiredo
28	Aníbal Teófilo	Aníbal Augusto F. de M. Beça Neto
29	Castro Alves	Amadeu Thiago de Mello
30	Araripe Júnior	Armando Andrade de Menezes
31	Raimundo Monteiro	Max Carphentier Luiz da Costa
32	Bernardo Ramos	Ruy Alberto Costa Lins
33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Novoa Silva
34	Ermanno Stradelli	Antonio José Souto Loureiro
35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
37	Benjamin Lima	Luiz Maximino de M. Corrêa Neto
38	Barbosa Rodrigues	William Antônio Rodrigues
39	Alfredo da Matta	Mário Augusto Pinto de Moraes
40	Paulino de Brito	Waldemar Baptista de Salles

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
REPORTAGEM
Uma vida dedicada à cultura amazonense 11

ENSAIOS
Farol de Alexandria – Antonio Loureiro 15
Latim e Humanismo – Newton Sabbá Guimarães 23
Ainda em busca de Jonas da Silva – Jorge Tufic 31
Djalma Batista, o Apóstolo da Cultura Amazônica – Ruy Lins 35

MEMÓRIA
O tempo em que se usava camisão e outras histórias – Armando de Menezes 57

CRÔNICA
Colóquio Péricles Moraes/Martins Fontes – Almir Diniz 61

PERSONALIDADES
Uma rememoração votiva – Acadêmico Oyama Ituassú 65
Cadeira n.º 1 de Péricles Moraes – Bernardo Cabral 75
Rimbaud – Thiago de Mello 81

MURAL LITERÁRIO – POESIA
Cinco poemas de Almir Diniz 85
Colo de pai – Carmem Novoa 89
A casa perscrutada – Zemaria Pinto 91
Poemas de Jorge Tufic 95
Poemas de Tenório Telles 101

LIVROS
Discurso do Acadêmico Max Carphentier apresentando os livros *Cordelim de Alfarrábios II*; *Território Noturno*; *As tendas do Caminho* (20.3.2004) 107
Discurso do Acadêmico Alencar e Silva agradecendo, pelos autores, a apresentação dos livros da "Coleção Textos Madrugada" 111
Discurso da Acadêmica Carmem Novoa Silva, saudando o lançamento do livro de contos *O Mercador de Sonhos e outros contos*, de Almir Diniz (21.2.2003) 115

DISCURSOS ACADÊMICOS
Posse do Acadêmico Anísio Mello na Cadeira n.º 3, de Gonçalves Dias (29.8.2003)
Fala do Presidente Max Carphentier 119
Discurso de Posse do Acadêmico Anísio Mello 121
Discurso de Recepção, pelo Acadêmico Tenório Telles 129
Posse do Acadêmico Luiz de Miranda Corrêa na Cadeira n.º 37, de Benjamin Lima (17.10.2003)
Fala do Presidente Max Carphentier 135
Discurso de Posse do Acadêmico Luiz de Miranda Corrêa 137
Discurso de recepção, pelo Acadêmico Elson Farias 141

NOTICIÁRIO
Largo de São Sebastião entregue aos manauenses 147
8.º Festival Amazonas de Ópera 148
A experiência do processo criador 150
Sessões em Memória: Homenagem a Acadêmicos desaparecidos 150
Preenchimento de vagas na Academia 150

RESOLUÇÕES
01/04 – Cria a Coleção "Clássicos da Academia" 151
02/04 – Cria a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes 152

PORTARIAS
02/2004: Designa comissão para coordenar as comemorações do Cinqüentenário do Clube da Madrugada 153
06/2004: Designa comissão para adaptação do Estatuto da AAL às novas disposições do Código Civil Brasileiro 154
07/2004: Nomear comissão para apreciar pedidos de inscrição para preenchimento de vaga 154
08/2004: Designa comissão editorial. 155
09/2004: Nomear comissão para apreciar pedidos de inscrição para preenchimento de vaga 155
10/2204: Nomear comissão para apreciar pedidos de inscrição para preenchimento de vaga 155
11/2004: Nomear comissão para apreciar pedidos de inscrição para preenchimento de vaga 156
12/2004: Nomear comissão para apreciar pedidos de inscrição para preenchimento de vaga 156

ATAS DE ASSEMBLÉIA-GERAL 157

ATAS DE SESSÃO ORDINÁRIA DA DIRETORIA 161

PÁGINA DE SAUDADES 167

APRESENTAÇÃO

Veículo por excelência de divulgação do labor acadêmico e da meritória produção literária, científica, historiográfica e mais manifestações do saber dos ilustrados componentes da austera Academia Amazonense de Letras, esta *Revista*, mais uma vez, insere-se nos hábitos da boa leitura como exige a ilustrada intelectualidade desta terra.

Cumprindo a meta de divulgar o pensamento formal e estético dos beletristas do Silogeu, este Órgão de divulgação literária oferece aos seus eruditos leitores belíssimas páginas de raro artesanato poético, de elevada sensibilidade artística e notável ordenamento ficcional, além de acolher seríssimas revelações históricas, colhidas pela competência nas próximas vertentes em que os fatos foram registrados.

Este número abriga reportagem sobre a vida do historiador Mário Ypiranga Monteiro – escrita antes da partida do mestre –, noticiário cultural, ensaios, poemas, discursos acadêmicos, atos da Presidência e resumo de atas da Assembléia-Geral e da Diretoria.

Bom proveito.

Uma vida dedicada à cultura amazonense*

Aos 95 anos de idade, o escritor Mário Ypiranga Monteiro já se permite dedicar boa parte do dia aos seus hobbies. Dentre eles está o hábito de assistir desenhos animados

A cidade em miniatura Santa Anita, com seus trens elétricos, edifícios, carros e pessoas, é uma das grandes paixões de seu idealizador, o escritor, folclorista, historiador e jornalista Mário Ypiranga Monteiro, que há mais de 40 anos adquire peças estrangeiras e nacionais para montar o lugar que leva o nome de sua esposa, Ana dos Anjos Monteiro.

O autor de importantes, e numerosas, obras sobre o Amazonas e sua cultura, dedica atualmente grande parte de seu tempo a atividades que lhe são prazerosas, como brincar com seus trens elétricos, ler (está relendo obras de Ághata Christie) e escrever. Dentre os livros que estão sendo escritos por ele – assim mesmo no plural, pois ele escreve dois ou três ao mesmo tempo – está a sua biografia, à qual vem se dedicando há dois anos.

A história deste amazonense ilustre tem início em 23 de janeiro de 1909, quando Manaus ainda vivia o fausto da borracha. Mário Ypiranga Monteiro nasceu na rua da Indústria, n.° 41, no bairro dos Tocos, hoje Nossa Senhora de Aparecida. Filho do inspetor da Alfândega Francisco Monteiro e de Maria de Souza Monteiro, Mário foi estimulado desde cedo a apreciar a literatura. Seu maior incentivador foi o pai, que o mandava ler e decorar poesias, para depois declamá-las durante as reuniões familiares. E o pequeno Mário não se limitou às leituras indicadas pelo pai. Certa vez, Francisco Monteiro encontrou o filho, na época com apenas oito anos, lendo o denso *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Questionado pelo pai se estava entendendo o texto, o pequeno leitor confidenciou que não.

O episódio pode ser considerado um indício do leitor voraz, pesquisador incansável e escritor minucioso que Mário viria a ser anos depois. As poesias decoradas na infância, apesar dos anos, ainda estão presentes na memória do escritor, assim como as lembranças do tempo em que era escoteiro. Aos 11 anos, Mário Ypiranga costumava sair de sua casa, localizada no bairro de Aparecida, às 5 horas da manhã

para ir, sozinho e a pé, até a sede de seu grupo de escotismo, localizado no colégio Chevalier, na rua Doutor Machado.

Desde aquela época, Mário já se mostrava independente e detentor de um espírito aventureiro, mas essas características iriam ter seu ápice após ele concluir os estudos no Ginásio Amazonense Pedro II. Após o ginásio, Mário conheceu todo o interior do Estado, muitas vezes viajando de regatão. A experiência lhe proporcionou um grande conhecimento sobre a região e sua população. Foi nessa época que Mário colheu vasto material que depois seria utilizado em seus livros, como histórias e lendas ouvidas de caboclos e índios. Sobre o aprendizado obtido nessas viagens, o escritor costuma dizer: "Eu conheço minha terra. Morei e fui professor primário no interior. Sofri, então posso falar que conheço minha terra".

Mário Ypiranga iniciou sua vida literária no jornal *Alvorada*, em 1927, quando ainda era aluno do Ginásio Amazonense Pedro II. Ainda nesse período, ele dirigiu os pasquins manuscritos *Abrolhos*, *Arco-Íris* e, algum tempo depois, o mensário impresso *O estudante*. Mário também escreveu nos jornais de combate *A Voz do Operário*, *Correio de Manaus* e *12 de Agosto*. Na década de 30, escreveu contos amazônicos e poesias para as revistas cariocas *Fru-fru*, *Fon-fon* e *O Malho*. Nesse período também dirigiu a revista *Vitória-Régia*.

A pesquisa histórica também entrou na vida de Mário por influência do pai, Francisco, que lhe contava história sobre a Manaus do fim do século 19 e início do 20. Mas uma outra personagem também teve papel importante para que ele enveredasse pela história e folclore do Amazonas. Ana Monteiro, após se casar com o escritor, em 1939, passou a influenciá-lo para que ele escrevesse sobre temas sociais. "Minha mãe achava que ele devia sair daquela coisa de poesia e ir para um caminho mais concreto. Ela falava que ele devia aproveitar a experiência que ele acumulou nas viagens pelo interior do Estado. Ela, inclusive, sempre o ajudou nas pesquisas", conta Marita Socorro Monteiro, única filha mulher do casal, que teve quatro filhos.

Mário Ypiranga sempre foi um escritor minucioso, procurando esgotar os assuntos sobre os quais se propôs escrever. Um exemplo disso é o livro sobre a história do Teatro Amazonas, que levou 30 anos para ser concluído. O cuidado com a qualidade do que escreveu não pára após o lançamento da obra, pois assim que o livro sai da forma, ele já começa a fazer correções, preparando a nova edição. Segundo o escritor, "um livro precisa ser pesquisado, preparado, amadurecido, para poder ser revisado e só então enviado para a editora". Todo esse zelo com os livros que escreve é um dos motivos pelos quais Mário nunca se deixou abater pelas críticas.

FOLCLORE

No campo do folclore, a paixão de Mário Ypiranga pelo tema não ficou restrita

a seus livros. Na época em que foi professor do Ginásio Amazonense Pedro II, ele costumava ensaiar com seus alunos danças típicas do Estado, como a 'Desfeiteira', 'Arara" e 'Jacundá'. O 1.° Festival Folclórico do Amazonas, realizado em 1954, na avenida Ajuricaba, no bairro da Cachoeirinha, também foi uma iniciativa do escritor Mário Ypiranga. O evento nasceu com o objetivo de acabar com as brigas de rua protagonizadas pelos brincantes dos bois-bumbás de Manaus e ao mesmo tempo levar diversão gratuita e regional para a população. Para realizar o festival, Mário contou com a ajuda da Prefeitura de Manaus, Câmara Municipal e Assembléia Legislativa. Dentre as atrações que concorreram ao título de melhor apresentação do festival estavam os bois Corre-Campo e Mina de Ouro, as duas maiores agremiações da época.

O último livro lançado pelo escritor tem como tema, justamente, os bumbás. *Boi-Bumbá – história, análise fundamental e juízo crítico* foi lançado durante uma festa realizada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan-AM) durante as comemorações dos 95 anos do escritor. O boi-bumbá Corre-Campo esteve no evento prestando homenagem ao aniversariante, que ficou bastante emocionado.

COLEÇÕES

Além da cidade em miniatura Santa Anita, o escritor Mário Ypiranga também possui uma coleção de imagens sacras em madeira e uma coleção de peças etnográficas. Esta última, possui mais de 150 peças que foram adquiridas em viagens pelo interior do Estado, algumas, inclusive, foram trocadas com índios de diferentes etnias.

A coleção de artes sacras em madeira teve início há 50 anos e hoje conta com mais de 200 peças. As primeiras imagens da coleção pertenciam ao oratório da mãe do escritor, Maria Monteiro, e o restante foi adquirido por compra, troca ou doação. A coleção serviu para uma pesquisa sobre o estilo e escola de cada uma das peças e sobre os cultos onde foram utilizadas. O resultado da pesquisa será publicado em um livro ainda inédito, cujo título é *Xilogravuras Sacras*.

Além das coleções supracitadas, Mário Ypiranga possui hoje aproximadamente 15 mil livros em sua biblioteca particular. Destes, três mil compõem a parte dedicada aos temas amazônicos. A quantidade de exemplares deve-se ao prazer que o escritor cultiva, desde a adolescência, de comprar livros. Mário Ypiranga sempre foi um "rato de livraria". Hoje, impossibilitado de ir até as livrarias, devido a dificuldade de locomoção causada pelo problema de ácido úrico, o escritor, ao tomar conhecimento de algum novo livro de seu interesse, pede a sua filha Marita que compre um exemplar da obra. Mário também recebe muitos livros ofertados pelos próprios autores. A gentileza dos colegas é aceita, mas ele prefere manter o hábito de comprar livros: "Eu sei quanto

custa para um escritor colocar um livro em circulação, então não é justo ficar pedindo livro dos outros", declara.

Mário Ypiranga Monteiro possui entre 10 e 15 livros para serem lançados. Alguns já foram concluídos e passam pela fase de revisão. Os temas são, em sua maioria, voltados para as áreas de história e folclore, mas também há títulos dedicados à literatura.

* O acadêmico Mário Ypiranga Monteiro não viveu para ler esta reportagem. Faleceu no dia 9 de julho de 2004, enlutando a Academia Amazonense de Letras e a cultura nacional.

Farol de Alexandria

Antonio Loureiro

A ACADEMIA, OS MUSEUS E ALEXANDRIA

Instituições similares às academias e aos museus podem ter surgido em diferentes tempos e civilizações, mas os seus equivalentes atuais, do Brasil e do Mundo Moderno, têm a sua mais remota e histórica origem na Grécia.

Essas academias estão ligadas ao rapto de Helena, ainda criança, por Teseu, muitos anos antes de ela ser a causa da Guerra de Tróia. Os Dióscuros, seus irmãos gêmeos Cástor e Pólux, filhos de Zeus e de Leda, conta a Mitologia Grega, só conseguiram libertá-la depois do seu local de cativeiro ter sido descoberto por Acádemos, que passou a ser honrado como um herói.

Os gêmeos também participaram da expedição dos Argonautas e de muitas outras aventuras, em uma das quais morreu Cástor, que era humano. O divino Pólux, então, pediu ao pai que lhe permitisse acompanhá-lo ao outro lado, e ele concedeu-lhes a graça de viverem seis meses no Hades, e seis meses nos céus, sob a forma de constelação.

Quanto a Acádemos, posteriormente a ele foi consagrado um bosque de oliveiras, perto de Atenas, junto ao rio Céfisos, onde havia um ginásio. Neste local ensinaram Platão, que foi enterrado próximo do lugar, Spêusipos, Xenócrates, Polêmon e Crates, sendo esta escola conhecida como Academia.

O olival foi mandado cortar por Sula, mas o poeta Horácio ainda viu algumas árvores, definitivamente extintas, em 529, quando foram derrubadas as últimas.

Assim começaram as academias, congregando pessoas, na busca da Sofia, as partículas divinas de Deus, descidas para o seu exílio, na Terra, buscando o convívio de outras de idênticos interesses, expondo e trocando idéias, ensinando e aprendendo, tudo em amizade fraternal.

Quanto aos museus, estes inicialmente foram templos dedicados ao culto das Musas, transformando-se, com o tempo,

em centros de coleções de objetos diversos relacionados a elas, entre os quais livros, mapas, instrumentos, documentos, moedas, achados históricos, plantas, animais empalhados e objetos de arte.

Historicamente as Musas foram as nove filhas de Zeus com Mnemósine, a Memória, cujo culto estava relacionado com o de Apolo, sendo espíritos inspiradores dos poetas, músicos, astrólogos e historiadores, além de ninfas das montanhas e das nascentes.

Com 2.450 metros de altura, bem perto de Delfos, na Fócida, ficava o monte de Apolo, o Parnaso, onde estava o seu maior templo, habitado pelas pitonisas, sacerdotisas perscrutadoras do futuro, quando possuídas pelo deus, após terem aspirado o ar saturado da fumaça das folhas de loureiro, a planta sagrada do deus, e mascado grande quantidade delas.

Apolo também foi patrono dos poetas, e das faldas do Parnaso nascia a fonte Castália, onde um dia afogou-se a ninfa do mesmo nome, ao tentar fugir do assédio daquela fogosa divindade. A fonte fornecia água ao templo e diziam que inspirava as mais belas composições dos poetas, quando dela bebiam. Na subida do Parnaso ficavam as rochas Fedríades, de onde os sacrílegos eram atirados para a morte.

Entre a Fócida e a Beócia localizava-se o monte Hélicon, com 1.750 metros de altura, ladeado pelo golfo de Corinto e pelo lago Copais, o centro do culto das Musas. No seu cume havia um templo dedicado a Zeus, e, na vertente norte, o vale das Musas, com um bosque sagrado, onde estava o Hieron ou Museu, o santuário delas, com seus altares e estátuas, mais tarde levados para Bizâncio, de onde desapareceram.

Nas encostas do Hélicon nasciam numerosas fontes das quais a mais célebre foi a de Hipocrene, literalmente as águas minerais do cavalo, pois foi aberta por um coice do cavalo alado Pégaso, e em torno da qual elas dançavam e cantavam, daí também serem denominadas de Hipocrênides. As suas águas, consideradas milagrosas, inspiravam os poetas e curavam doenças.

As Musas sempre foram as belas acompanhantes de Apolo Musageta, de quem algumas tiveram filhos, e com ele inventaram cantos e instrumentos musicais. Vamos a seguir descrever a amplitude das suas atividades, para melhor entendermos as suas funções inspiradoras, hoje quase em esquecimento.

CALÍOPE

Sempre foi representada com uma coroa de ouro, tendo uma trompa à mão direita e um poema à esquerda, e outras vezes portando uma tábua, um estilete e um rolo de papiro, instrumentos indicadores da sua participação como inspiradora da Poesia Épica e da Eloqüência. Foi a mãe de Orfeu e o seu nome poderia indicar a de belos olhos ou a bela cobra.

CLIO

Protetora da História e da Epopéia, aparecia coroada por louros, tendo em uma das mãos uma cítara ou uma trombeta, e, na outra, um rolo de papiro ou o livro de Tucídides. Foi a mãe de Jacinto.

ÉRATO

Estava relacionada com o Amor, coroada por mirtas e rosas; apresentava-se tangendo uma lira. Outras vezes portava a lira, à direita, e um arco, à esquerda. Presidia a criação das Elegias e das Poesias Lírico-Amorosa, Erótica e Anacreôntica.

EUTERPE

Sabia agradar quando aparecia coroada de flores, tendo às mãos uma flauta dupla e um caderno musical. Protegia a Música e a Poesia Lírica.

MELPÔMENE

Relacionada aos cantos, seria a mãe das sereias. Foi representada de várias maneiras: coroada de pâmpanos, tendo à mão esquerda uma máscara trágica, daí ser a musa da Tragédia. Às vezes segurava um cetro, uma coroa ou um punhal ensangüentado, e outras vezes acompanhava-se do Terror e da Piedade.

POLÍMNIA

Possuía admirável memória e grande capacidade de decorar longos textos. Daí ser a musa da Retórica, dos longos cantos religiosos e dos hinos sacros, além de inventora da Mímica e da Harmonia.

TÁLIA

Nos primeiros tempos correspondia a uma divindade agrária, ensinando o preparo da terra e os cuidados com as sementes e o gado, por isso o seu nome significa florescer. Mais tarde evoluiu para ser a musa da Comédia e do Idílio. Presidindo os banquetes alegres, usava uma grinalda de hera, tendo às mãos um cajado e uma máscara cômica. Calçava borzeguins e gerou, com Apolo, as Coribantes.

TERPSÍCORE

Musa da Dança e do Canto Coral, tinha a cabeça envolta por uma grinalda, e às mãos, uma lira ou harpa de casco de tartaruga.

URÂNIA

Vestia-se de azul, sendo coroada por uma estrela. Portava um compasso e um globo com estrelas, sendo a musa da Astronomia e da Geometria.

Algumas dessas divindades protetoras estão presentes nos jardins e na fachada do Teatro Amazonas.

Vejamos como a Academia e o Museu mudaram o destino da Humanidade:

Alexandre teve como mestre, desde a mais tenra idade, o sábio Aristóteles, oriundo da Academia, de quem gostava como a um pai, e que lhe ensinou a cultura grega, impregnando-o das idéias de disseminá-la através daquilo que mais tarde se chamou de helenização.

Nascido a 6 de junho de 356 a.C., o grande conquistador, durante a sua curta vida, estendeu o domínio grego do Indo ao Nilo, e dos Bálcãs e da Ásia Central à Arábia, tendo falecido, na Babilônia, a 13 de junho de 323 a.C., com apenas trinta e dois anos de idade. Oito anos antes, em 331 a.C., durante a sua conquista do Egito, quando estava em um pequeno povoado, na foz do Nilo, denominado de Racondá, a grega Racótis resolveu ali fundar uma cidade, deixando cair no chão o seu manto ou clâmide de púrpura, cuja forma serviu de modelo para a planta da nova metrópole, traçada e construída pelo arquiteto Dinócrates, logo denominada de Alexandria.

A cidade foi planejada com amplas ruas pavimentadas, alinhadas de tal forma, que facilitavam a circulação do ar. Possuía belas casas, extensos jardins, grandes templos e teatros, e o maravilhoso palácio imperial. As suas muralhas foram traçadas pelo próprio Alexandre.

Após a morte do grande macedônio, na partilha do Império entre os seus generais, o Egito, a Palestina e a Fenícia couberam a Ptolomeu I Sóter (O Salvador), e Alexandria cresceu, tornando-se a capital do Egito e o maior centro comercial, artístico e cultural grego, no Mediterrâneo, durante mais de 1.000 anos, com uma grande colônia judaica, oriunda da que habitava o Egito, desde os tempos da destruição de Jerusalém, pelos babilônios de Nabucodonosor.

A sua maior avenida, a Canópica, de seis quilômetros de extensão e trinta e cinco metros de largura, estava ladeada de suntuosos edifícios, templos e residências, entre os quais destacavam-se o Ginásio e o Estádio. No bairro do Brúquion ficavam o Palácio, a Biblioteca, o Museu e o Soma, e no porto, o grande farol, uma das maravilhas do mundo antigo, iluminando a sua entrada.

O Soma era o túmulo de Alexandre, jamais encontrado, cujo sarcófago fora feito de um cristal, contendo um líquido róseo, onde o corpo do grande general flutuava plenamente conservado.

O Museu, anexo ao Palácio, sob a proteção das nove Musas, idealizado por Ptolomeu Sóter, o primeiro rei da Dinastia dos Lágidas a governar a terra dos faraós (305-285 a.C.), teve continuidade com Ptolomeu II Filadelfo, recebendo um acabamento em mármore branco, possuindo dez salões destinados à pesquisa, jardins zoológico e botânico, sala de dissecação de animais, observatório astronômico, escola de Medicina, salas de aulas e de estudo, laboratórios, refeitórios e dormitórios, sendo talvez a primeira universidade, abrigando grandes professores, e, com eles, a maior parte do conhecimento coetâneo.

A Biblioteca, que fazia parte do Museu, estava destinada a reunir livros e documentos de todo o mundo, sendo a sua coleção iniciada em 295 a.C.

A chamada Escola de Alexandria, que se desenvolveria a partir do século 3 a.C. até o 4 d.C., foi o farol, o ponto de onde irradiaram os primeiros ensinamentos de numerosas ciências.

Formou matemáticos e físicos importantes como Euclides (323-285 a.C.) com os treze volumes do livro *Os Elementos*, dos quais quatro chegaram aos tempos atuais, através dos árabes, com o nome de *Almagesto*. Os seus livros e o seu método (axiomas, postulados, teoremas e provas) influenciaram o pensamento moderno mais do que qualquer outra obra, excetuada talvez a Bíblia, e Arquimedes (287-212 a.C.), seu aluno, foi um precursor da Física, atuando em Siracusa, colônia grega da Sicília. Ali, descobriu o princípio que tem o seu nome, quando o rei da cidade deu-lhe a obrigação de verificar se a sua coroa de ouro fora adulterada, com prata, pelo ourives que a fabricara. No último dia do prazo estipulado pelo rei, já desistindo, ao mergulhar em uma banheira cheia, notou que a água derramava, dando-lhe a solução ao seu problema; e nu saiu correndo e gritando a palavra grega *heureca*, significando "achei". Também foi o inventor do parafuso oco e sem fim, dos sistemas de roldanas e da roda dentada, além de estabelecer os princípios das alavancas e das leis da hidrostática.

Na Medicina, Alexandria revelou-nos Hierófilo, na Anatomia, e Erasístrato, na Anatomia e Fisiologia, além de Galeno, um dos maiores médicos de todos os tempos, que também lá estudou.

Na Astronomia foram por ela formados Eratóstenes, o inventor do crivo para encontrar números primos; Aristarco de Samos (310-230 a.C.), o primeiro a propor uma teoria hellocêntrica; Hiparco de Nicéia, que mediu a distância da Terra ao Sol e à Lua, aproveitando um eclipse solar, no ano 190 a.C., e Cláudio Ptolomeu, o criador do sistema geocêntrico, um erro que prevaleceu até o tempo de Nicolau Copérnico (1473-1543), além de excelente cartógrafo.

Entre outros grandes nomes, pontificaram, em Alexandria, Aristarco, como astrônomo e matemático, Apeles, pintor, Apião, gramático, Apolônio de Rodes (295-215 a.C.), gramático e poeta, dirigiu a Biblioteca, Aristarco de Samotrácia, gramático, Eurípedes, trágico, Calímaco, poeta, bibliotecário e professor de gramática, Estratão, filósofo e físico, João Filopão, foi professor de literatura, no século 6 d.C., Teócrito, poeta, Timão, filósofo, Aristófanes, dicionarista, Bolos de Mendes, alquimista, Maria, a judia, alquimista, inventora do banho do seu nome, Zenódoto de Éfeso, gramático e diretor da Biblioteca, no tempo de Ptolomeu II Filadelfo.

Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.) foi o grande organizador da Biblioteca, onde chegaram a ser reunidos rolos e documentos em um número variando de 40.000 a 700.000, conforme a opinião de diferentes autores. Foi ele quem pediu ao grande rabino de Alexandria e ao grande sacerdote de Jerusalém, dos quais adquirira confiança por ter libertado os judeus da escravidão, a tradução da Bíblia para o grego, realizada por setenta e dois sacerdotes que executaram as suas

versões, na ilha de Faros, talvez dentro da base do gigantesco farol de 120 metros de altura, ali existente.

Esta base era um quadrado com diversos andares até os 70 metros de altura, contendo numerosos alojamentos, para os funcionários, onde talvez os tradutores tenham sido hospedados. Seguia-se um segundo trecho octogonal de 30 metros e, finalmente, a parte cilíndrica, tendo, no ponto mais alto, um local para a fogueira noturna, em que diziam estar um espelho de bronze brilhante, capaz de queimar navios, refletindo a luz dela, cujo fulgor alcançava 50 quilômetros, ou um espelho, ou lente capaz de observar navios até cinqüenta dias de viagem. Durou de 280 a.C. até 796 d.C., por mais de mil anos, quando foi destruído por um terremoto, sendo reconstruído já sem o seu primitivo esplendor, o que foi observado pelo judeu-espanhol Benjamim de Tudela, entre 1160 e 1173.

Quando os judeus voltaram do cativeiro da Babilônia, as primitivas escrituras sagradas estavam praticamente perdidas. Foi Esdras quem refez o Antigo Testamento, recompilando os seus vinte e dois livros, em número igual ao das letras do alfabeto hebraico.

Como faziam todos os povos antigos, os livros sagrados eram guardados de cor, por sacerdotes especiais, com essa grande capacidade de memorização, o que levava anos de aprendizado e de repetições, letra por letra, vírgula por vírgula, daí as setenta e duas versões feitas em Alexandria coincidirem entre si, ou pela ajuda do Espírito Santo, como tradicionalmente é transmitido.

A helenização do Oriente, após as conquistas de Alexandre, transformara o grego na língua internacional, a mais utilizada no mundo de então, e a tradução da Bíblia para este idioma facilitou a difusão desta versão, denominada dos Setenta, por todo o Mediterrâneo, e, mais ainda, a disseminação futura do Cristianismo.

Alexandria sofreu o jugo romano e depois ficou sob o domínio do Império Romano do Oriente até ser tomada, a 22 de dezembro de 640 d.C., por Amr Ibn al Has, a mando do califa Omar. A cidade tinha então 4.000 palácios, 4.000 banhos públicos, 400 teatros, 12.000 lojas de frutas e 40.000 judeus tributários e a grande Biblioteca ainda existia. Consultado o califa, em Damasco, sobre o destino a ser dado aos milhares de rolos, papiros e pergaminhos, nela depositados, dele veio a terrível resposta: "se o conteúdo desses livros estão de acordo com o livro de Alá, eles são dispensáveis, pois o Corão será suficiente, se não estão de acordo, não há necessidade de conservá-los, prossiga a destruição".

E durante seis meses os quatro mil banhos públicos de Alexandria foram aquecidos, pelo calor dos papiros e pergaminhos da Biblioteca de Alexandria. Dizem que só escaparam as obras de Aristóteles, uma coincidência interessante, pois ele fora um dos idealizadores daquele

monumental centro de cultura. Eu, porém, sou levado a crer que muito mais foi salvo, indo tudo parar nas bibliotecas dos mosteiros europeus pertencentes às ordens monacais em formação, como a dos beneditinos de Monte Cassino.

Na realidade tudo isto teria nascido do pedido de Aristóteles ao seu pupilo Alexandre, no sentido de disseminar a cultura helênica, ao lado do seu sonho de reunir uma comunidade de sábios isolados do mundo, em um edifício especial, com uma grande biblioteca e um local de culto às Musas, relacionado com as ciências e artes, que elas protegiam, e essas idéias também estiveram presentes, nas ordens monásticas medievais e na fundação da universidade.

Assim, através da História de Alexandria, conseguimos simbolicamente juntar o Farol, que brilhava no seu porto, a Academia, o Museu e a Biblioteca, que iluminaram a Humanidade.

De Alexandria, de dentro do seu farol, também a Bíblia difundiu-se para a universalidade.

A CADEIRA N.º 34

PATRONO: ERMANNO STRADELLI
FUNDADOR: BASTOS LIRA
OCUPANTE: ANTONIO LOUREIRO

Tem por patrono o etnólogo, jurista e cultor das belas-letras, o imortal conde Ermanno Stradelli, que, deixando a sua pátria italiana, veio conosco viver uma sofrida vida, terminando seus dias no leprocômio do Umirisal, acometido do então incurável mal de Hansen.

Nasceu em Borgotaro, no então ducado de Parma-Placência, no dia 8/12/1852. Com a morte do pai, abandonou o curso de Direito e resolveu vir para a Amazônia, em 1879, fazer aquilo que sempre desejara: explorar novas terras, estudar os povos primitivos, desenhar mapas e escrever. Fez mais de dez viagens exploratórias aos rios da região, visitou inúmeras tribos indígenas, principalmente as do alto rio Negro e divulgou suas lendas e costumes, como a do Jurupari.

Retornou à Itália, onde concluiu seus estudos de Direito, tendo ingressado na magistratura amazonense, como provisionado, no cargo de Promotor, exercido em Santa Isabel, Canutama, Lábrea e Tefé.

Em 1923, foi exonerado do seu cargo por ser doente de lepra, não havendo à época leis trabalhistas que o amparassem. Seu irmão, o padre Alfonso Stradelli, mandou-lhe uma passagem para a volta, mas o comandante do navio inglês da Booth Line não lhe autorizou o embarque, nem os hotéis de Manaus quiseram dar-lhe abrigo, sendo internado no Umirisal, onde faleceu, em 1926, sendo ali enterrado, embora já não mais exista o seu túmulo.

Teve mais de vinte e cinco títulos publicados destacando-se diversas lendas amazônicas (*Ajuricaba*, *Cachoeira do Caruru*, *A Lenda do Jurupari*, *A lenda dos Tárias*, *Pitiapo*) e os vocabulários

Nheengatu – Português e Português – Nheengatu, *Nheengatu – Italiano e Italiano – Nheengatu*, além do famoso Mapa Geográfico do Amazonas, editado em 1901, na Itália.

A maior homenagem a ele prestada foi, até agora, a de ter sido transformado em um mito, no alto rio Uaupés, pelos índios tariana, onde ele faz parte das histórias transmitidas ao pé das fogueiras, de geração a geração. Segundo este mito, foi o primeiro branco a chegar à maloca tariana, onde hoje é uma alfândega colombiana, sendo apelidado de Jesuíno. Sendo um antropólogo, perguntava sempre pelos costumes indígenas e gostava de aprender as suas danças. Por isso comemorou com os tariana a dança do inajá; com os uanana, a festa da puberdade; com os cubeu, o canto do peixe, duas vezes repetido. No rio Cuiudari, escalou a serra à procura de ouro. Foi a Bogotá, de onde desceu para Manaus, pelo Apaporis. Avisou que um dia voltaria, mas até hoje não voltou, ficando sua morte em dúvida, naquela longínqua região. Morreu na miséria, o que o libera das afirmativas de que andava atrás de ouro, no dia 24 de março de 1926.

A Cadeira foi criada em uma das últimas reformas estatuárias da Academia, sendo seu primeiro ocupante e fundador o cientista Manoel Bastos Lira, nascido em Manaus, a 6 de junho de 1913, que a inaugurou no dia 24 de abril de 1969. Portador de vastos conhecimentos científicos, foi professor do ensino secundário e superior em nossas escolas, sendo autor de numerosos trabalhos no âmbito da Farmácia, da Medicina e da Tecnologia, além de um livro sobre a história do seu clube predileto, o Atlético Rio Negro.

Faleceu de complicações do diabetes, a 1.º de setembro de 1998.

O segundo ocupante da Cadeira é o médico e historiador Antonio José Souto Loureiro, que dela tomou posse no dia 23 março de 2002.

Latim e Humanismo

Prof. Dr. Newton Sabbá Guimarães,
da Universidade Estadual do Centro-Oeste – Paraná.

Discere ne cesses
Marcus Porcius Cato – *Disticha*

Poderia muito bem intitular este ensaio de "O que o latim pode fazer por nós", em um desses modernos títulos chamativos, ao gosto dos americanos e dos nossos estudantes de pós-graduação em suas dissertações de Mestrado. Mas latim não é brinquedo, jamais o foi e penso que jamais o será. Mas, o estudo desta língua é um dos maiores prazeres intelectuais que alguém possa experimentar, é a abertura para um mundo mágico, a janela que permite ver horizontes dos mais vastos e fascinantes.

Lamentavelmente o latim está morrendo, pela segunda vez, pelo olvido. No Brasil, pouco se cultiva o seu estudo, que se dá apenas na Universidade, nos precários cursos de Letras, durante dois escassíssimos anos, que os pobres e apressados alunos pouco assimilam, em especial nos cursos noturnos, quando, já fatigados, seguem as aulas sabe lá Deus como. Todos somos culpados desse descaso criminoso: os professores, porque não se interessam em fazer com que os jovens *sintam carinho* pela disciplina ou, no pior dos casos, porque muitos dos que se propõem a ensiná-la nem sequer a dominam bem; os alunos, porque mais interessados na eterna politicagem acadêmica, preferem reuniões idiotas em que todos falam e tudo discutem, sem que nada apresentem de palpável e convincente, a freqüentar as salas de aula. E mais, a fragilidade do ensino de terceiro grau chegou a um estágio doloroso, em que pela falta de boas bibliotecas clássicas, pela pobreza dos estudantes e pela execrável cultura do xerox, quando tudo se resolve por uma cópia arbitrária de duas ou três folhas de um livro de duzentas ou trezentas páginas, pela permissividade das autoridades universitárias, tudo é facultado ao aluno, exceto ser obrigado a bem estudar ou a ser reprovado, tudo isso junto e somado leva a um grau de licenciatura incompleto e licenciados despreparados. As Faculdades de Letras que, na Europa, fornecem às mais variadas camadas sociais e profissionais os homens mais talentosos e cultos, que deram grandes escritores às literaturas mais importantes,

os maiores lingüistas e investigadores do passado, são ninhos de formandos apenas e, hoje em dia, quando um jovem ou uma jovem não consegue vaga em curso de Direito, Medicina, Economia, Administração ou Engenharia, vai para Letras, como iria para um baile ou uma corrida de bicicleta. E não deveria ser assim. Nenhum curso dá maior visão de mundo ao universitário que o de Letras pela variedade de disciplinas que terá de seguir, pelo estudo (que se supõe acurado) da língua pátria, pelas matérias interdisciplinares, etc. Esses estudantes sem vontade e sem seriedade acadêmica estão, ao lado de professores incultos e preguiçosos, a decretar a falência das Letras. E, por conseguinte, do amplo entendimento do que seja Humanismo Cultural, de que o curso é uma breve, brevíssima introdução. E a morte do latim será uma conseqüência ou antecede ela à própria falência dos cursos de Letras? E penso em algumas das profundas máximas de Lucius Annaeus Seneca, ou "tout court", Sêneca, o sábio que foi morto pelo discípulo amado, o imperador pervertido e crudelíssimo: "Spes praemii solacium laboris" e sinto profunda pena do filósofo porque o seu ensinamento não tem acolhida nas nossas salas de aula. Nem o seu *Persevera ut coepisti*. E as suas palavras estão soltas ao vento e ninguém as escuta, como, aliás, acontece com o ensinamento de outros sábios.

Será que somente um melhor ensino do latim daria para salvar o curso de Letras da mediocridade em que está lançado? É claro que não, o latim é apenas uma disciplina a mais dentre tantas que formam as diversas grades dos cursos, mas acredito que serviria para despertar a curiosidade dos estudantes para um mundo que é fantasticamente rico e belo e inquieto e que não deixa de ser parte do seu mundo, como falante nativo de uma língua saída do latim. O seu conhecimento mostraria, ainda, a evolução do vernáculo ou a sua transformação, quando dizemos palavras que, faz mais de dois mil anos, os romanos diziam passeando pelas ruas da capital do mundo de então. No momento em que o lavrador, por exemplo, examina uma espiga, faz o mesmo gesto e usa as mesmas palavras que um seu colega romano e quando alguém lembra que o dia está esplêndido, quase que fala o latim com leve mudança... Outras vezes houve uma transformação semântica que não deixa ver a palavra no seu sentido original, mas lá está ela, como o tirocínio que deixou acerca da aprendizagem da guerra, noviciado ou inexperiência, apenas para se alargar mais no seu significado e tornar-se, na linguagem comum, em experiência que se adquire ao longo de uma profissão ou especialização. Os exemplos se multiplicam aos milhares e, muita vez, quando alguém está a falar português nem de longe imagina que está a usar palavras arquivelhas, que encontramos nos velhos clássicos latinos. E esta é uma emoção muito grande, a descoberta, ou melhor, a redescoberta de algo que é nosso, bem

nosso. É a velha casa familiar apenas coberta pela poeira do tempo.

Não fica só nisso. O bom conhecimento do latim levará à explicação da língua portuguesa em muitos aspectos que, olhados sem aprofundamento, parecem obscuros. Tanto o galego quanto o português se encontram muito próximos do latim e um erudito latinista como foi Castro Lopes – dos maiores sabedores da língua em nosso País até hoje! – chegou a ponto de fazer brincadeiras lingüísticas escrevendo poemas que, segundo a leitura que se lhes dê, ora são latinos, ora portugueses como, "Aurora", que o padre M. Mechtildis Dengg inclui na sua *Antologia Pusilla*, com esta observação: "Lege hos versus lingua Lusitana et deinde sermone Latino, accento tantum transposito". Na verdade, é um poema nas duas línguas, mesmo que o português soe estranhamente avelhantado e artificial:

Salve, aurora! Eia, refulge!
Eia! anima valles, montes!
Hymnos canta, o Philomela,
Hymnos jucundos, insontes!

Eia! Surge, vivifica
Pendentes ramos, aurora!
Aureos fulgores emitte,
Pallidas messes colora!

Protege placidos somnos
Inquietas mentes tempera.
Duras procellas dissipa,
Terras, flores refrigera!

Extingue umbrosos vapores,
O sol, o divina flamma!
Lucidas portas expande
Tristes animos inflamma!

Por tratar-se de um exercício lingüístico, como poesia pouco vale, não flui e arrasta-se aos pedaços, mas dá mostra da semelhança entre as duas línguas mormente na ortografia etimológica que usa o autor.

Talvez não exagerasse Camões quando escrevia n'*Os Lusíadas*:

Na língua na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.

(*Os Lusíadas*, 1,33),

como também não exagerava o visconde de Almeida Garrett quando dizia que o homem público não pode prescindir do latim, que, ao lado do grego, "são necessários elementos desta educação nobre" e, mais adiante, na primeira carta do seu célebre tratado sobre a *Educação*, tem estas palavras certeiras:

"Ora, é tão impossível escrever bem em português, em castelhano, em inglês, em qualquer das línguas do Ocidente da Europa, *sem saber grego, e principalmente latim*, como era impossível aos escritores de Roma fazê-lo bem na sua sem conhecerem a de Atenas" – grifei.

O visconde de Castilho, bom tradutor do latim e tersíssimo escritor, atribuía excelência da escrita de Bernardes aos seus estudos aprofundados de latim, colhendo "as flores de tão formoso idioma" para enfeitar o nosso, pois o latim "que sendo estudado, como cumpre, é só por si um bom curso de Lógica, Retórica e todas as humanidades".

Os gabos ao latim contam-se aos milhares entre os grandes escritores nacionais e estrangeiros de todos os tempos. Rui Barbosa dizia que fora graças aos estudos do latim que aprendera a bem pensar, pensamento compartilhado com um *scholar* britânico, E. B. Osborn quem, no livro *The Heritage of Greece and the Legacy of Rome*, chega a frisar que "The study of *Latim makes for clear thinking* and the concise and coherent expression of thought, and for that reason alone would be an excellent training for any brain-worker" – grifei.

Há os que acham que isso são tolices, que uma pessoa tanto pode bem escrever português, sabendo ou não latim, e então por que perder tempo com uma língua morta quando há tanta vida por aí afora? Certamente o latim não vai servir para o estudante pedir um sanduíche ou uma coca-cola em nenhum país do mundo, nem lhe servirá para fazer a reserva de um quarto de hotel ou comprar roupas e bijuterias em uma grande loja de departamentos. Mas de nada lhe servirá igualmente um meio conhecimento de qualquer língua moderna do espanhol ao norueguês, do italiano ao russo... O estudo das línguas vale pela abertura de um mundo, por permitir que o estudioso possa penetrar nesse mundo e sentir-se à vontade. As línguas clássicas trazem para perto velhas civilizações e o peso de sua sabedoria. Meditar o que os antigos disseram sobre tantas coisas, aproveitar-lhes o ouro de suas riquezas. Tudo o que pensamos que estamos a dizer pela primeira vez, como alguma coisa absolutamente original, já foi dito pelos clássicos até com muito mais beleza e profundidade. Dias atrás um político eminente dizia pela televisão como era difícil administrar o Estado nacional. Lembrei-me, imediatamente, de Cícero que o dissera belamente, muitos séculos atrás: "Ars difficilis, recte Rempublicam gerere!". Não se trata de erudição fora de lugar. É repensar algo cuja importância é patente e recordar que, já na Antigüidade, os homens de Estado se queixavam com amargura da difícil tarefa de governar, ainda que a chamassem de arte... Isso traria um alívio: não é apenas o Brasil que parece ser difícil, o Estado nacional, mas todos os países, todos os Estados, se já o era Roma com a sua rígida organização estatal e sua sólida disciplina... É provável que se os nossos líderes, os nossos governantes e altos dirigentes houvessem estudado latim, refletiriam mais antes de falar e não diriam tantas asneiras. O latim ensina a conter a torrente desigual do pensamento, pela férrea disciplina imposta. Não adianta ser alguém vivaz, esperto, desses que gostam

de passar rasteira nos outros, se não tem disciplina. Demonstrei isso a alunos durante uma argüição, propondo-lhes frases aparentemente simples e com vocábulos que, aparentemente simples, também aparentemente, todos conheciam. Não haviam estudado bem as declinações, as suas regras e exceções, não dominavam o uso dos casos e por mais que se esforçassem, as frases não saíram traduzidas e os que tentaram traduzir pela adivinhação, iludidos pela similitude vocabular, deram-se mal e criaram uns mostrengos ridículos. O latim é árdua disciplina mental, é persistência e para gente como nós, indisciplinada, desobediente e a querer tudo pronto, o latim ajudaria muito.

O curso de Letras sem bom latim, sem essa introdução às humanidades, é pura perda de tempo, significa meramente um canudo simbólico, um diploma imprestável. Formará licenciados iletrados que, depois de cinco anos de freqüência mais ou menos assídua às salas de aulas, não saberão traduzir um trecho em bom latim e não serão capazes de traçar a trajetória de uma palavra do nosso cotidiano vinda diretamente da língua-mãe. Uma aluna queixava-se de não ter podido traduzir um trecho simples que lhe dera por não possuir dicionário... Ora, ela queria, nada mais nada menos, que eu organizasse ao fim de cada aula uma lista de palavras difíceis com a tradução portuguesa. Tudo tem de ser apresentado devidamente mastigado, o aluno não quer trabalhar sozinho. "Sine cortice nare". Imagine-se estudar uma língua sem ter consigo um dicionário! Bem que gostaria que me ensinassem o segredo para poder estudar línguas raras, como o Pennsylvania Dutch, de que jamais consegui um dicionário bilíngüe! Aprender latim significa passar muitas horas debruçado sobre o texto, estudando as complicadas regras gramaticais, é não perder a paciência quando, depois de pôr em ordem a frase e tentar passá-la à língua materna, descobrir, humilhado, que não forma sentido. Voltar sempre ao começo, e esse exercício dará disciplina mental ao aluno. É assustar-se ante algumas coisas que possam parecer estranhas, mas que estão na alma da língua, que fazem parte do seu tesouro semântico. Um outro aluno não conseguia entender que, em um texto clássico, o inocente vocábulo *sincerus* queria dizer puro, sem mistura. E assim deveria ser ainda hoje a sinceridade: pura. Um terceiro ficou admirado quando soube que o *paedagogus* era simplesmente o escravo que levava o filho do seu senhor à escola, de onde o que guia um menino. Descobrir essa teia semântica é saber apreciar mais ainda o veio riquíssimo da nossa língua e por certo melhor usá-la, saber a origem das palavras não é trabalho inútil, não é "noctuas Athenas portare". Bem ao contrário, é saber escrever com mais precisão, é bem dizer o que se deseja, sem muitas hesitações nem titubeios deslocados.

É verdade que não podemos mudar as coisas do passado, aquilo que foi e insistilo seria dar mostras de passadista, e o próprio Cícero, esse homem que sabia dizer tão bem as coisas, já alertava com sabedoria no famoso discurso a Pisão, que "praeterita mutare non possumus"... A Revolução de 1964, que trouxe tantas coisas boas ao Brasil e que lhe trouxe a modernização, fazendo-o acertar o passo com as grandes potências industriais do mundo, no afã de "tecnicizar" o povo através de uma educação extremamente prática, voltada para o culto da máquina e obediente a uma tecnologia cada vez mais desumanizadora, cometeu um de seus grandes erros ao tratar da reforma educacional em eliminar do segundo grau o latim, como disciplina "inútil". As letras clássicas formavam uma elite refinada e humanística, entretanto distanciavam o estudante do mundo soberbamente prático de hoje. Foi um erro de visão. Como o novo regime instaurou a tecnocracia no Estado nacional, achava que manter uma educação clássica era contradição. O pequeno alcance de alguns tecnocratas obtusos, o que só fizeram com tais medidas antipáticas, com tendência a um populismo estúpido e forçado, foi prejudicar a formação dos jovens, sem dar-lhes nada de verdadeiramente novo. Foi pena. O latim foi banido, juntamente com o grego e o espanhol, deixando-se como língua optativa o francês. Imagina-se: banir o grego, o latim e o espanhol! Um regime não se fortalece por medidas populistas, mas pela *pré-visão* e alcance de medidas que possam dar confiança nesse governo. O povo respeita os governantes fortes que sabem mandar e fazer cumprir, rigidamente, a disciplina que é motor principal do progresso dos povos e dos Estados. Não é tentando agradar a gregos e troianos. É sendo pragmáticos, sim, mas conscientes de suas decisões. Uma reforma somente é válida se substituída por alguma coisa que supra realmente aquilo que se fez retirar. O populismo do ensino brasileiro, em oposição ao chamado "elitismo" de outrora, não tornou os brasileiros mais felizes, nem mais disciplinados, nem mais aptos a pensar e a agir. Pelo contrário, gerou universitários que pouco sabem pensar, que sentem tremenda dificuldade em escrever a língua pátria, de idéias fragilimas, incapazes de se fazerem ação. Nunca se viu tão baixo o ensino em nosso País como agora, de onde se infere que não era o latim o obstáculo...

Os americanos tentam fazer reviver os estudos humanísticos, como preferem chamar aos estudos clássicos por entenderem que é partindo para a leitura e estudo dos clássicos que o homem moderno pode pensar bem e criticamente. Isto é apoiado por todos os bons pensadores e faz alguns anos o pe. Ismael Quiles, conhecido filósofo argentino, vem-se batendo por esse casamento possível: humanismo e modernismo. No livro *Persona, Libertad y Cultura*, criticando severamente a universidade latino-

americana, citando a um cientista americano, lembra que as línguas clássicas e os grandes autores clássicos "formam al hombre mentalmente, avivan su imaginación y su inquietud intelectual, indispensables al investigador: le dan una estructura lógica para que pueda proceder con seguridad", em outras palavras, que o ensino e estudo dos clássicos disciplinam o estudioso e lhe dão um pensamento mais seguro, mais imaginação e humanidade também. E é desse retorno às fontes humanísticas que estamos mui precisados, em que o homem seja o centro de tudo e não a máquina!

Florianópolis, 8 de janeiro de 1995.

Ainda em busca de Jonas da Silva

Jorge Tufic

Antes de conhecermos o modernismo, vanguardas, retaguardas, tendências, rumos, entre outros caminhos ou prescrições para a leitura de poesia, as reverências da turma de 1950 a 52 (a Caravana dos Monges era formada por Alencar e Silva, Farias de Carvalho, Antísthenes Pinto e o redator destas linhas) voltavam-se indistintamente para simbolistas e parnasianos, pré-modernistas e modernistas da primeira hora, neoparnasianos e modernistas independentes dos anos trinta, como Jorge de Lima, Tasso da Silveira e Murilo Mendes.

É claro, pois, que nossa formação literária bebia nos clássicos e românticos. Daí a recusa da plêiade em seguir o verso livre, mas tendo por critério estes princípios de Fausto Cunha: "Se é poesia não é oposta nem contrária à outra; se não é poesia, então pouco interessa de que lado está" ("Os homens não estão calados", *Correio da Manhã*, 16.6.1963, Rio de Janeiro). Nosso interesse maior educava-se, portanto, na valorização da mensagem poética que se impunha acima dos "atritos de técnicas, de processos de comunicação, etc." (idem). Não é que fôssemos dogmáticos, senão quando estivéssemos diante de certas extravagâncias cometidas pelo Grupo Anta, o Verde-Amarelo, entre vários rebentos estéticos de 22. Depois, sim, entenderíamos melhor.

Foi, exatamente, neste período (1953 a 54, ano da fundação do Clube da Madrugada), que os sonetos de Jonas da Silva passaram a dominar as tertúlias noturnas da junta, ora reunida em bares e cafés da época, ora no "porão" de Anísio Mello, encontros esses evocados por Guimarães de Paula, num depoimento que nos dera para o livro de memórias *A Casa do Tempo* (1987).

Jonas da Silva viria a ser nosso Patrono na Academia Amazonense de Letras, Cadeira n.º 18, vaga pelo trespasse de Aristophano Antony, e onde fomos recebidos pelo atual Presidente do Sodalício, poeta Elson Farias, em 20 de agosto de 1969. Os dados críticos e biográficos do autor de *Uhlanos* projetavam-se além das fronteiras amazônicas, restando-nos, apenas, naquela embaraçosa ocasião, o arrojado esforço de construir um discurso de posse ao aconchego unicamente de poucas (e já conhecidas) referências de seus raros contemporâneos. E pensar que viajáramos com a viúva do poeta, em 1953, a bordo do transatlântico *Santos*, da Booth Line, de Manaus ao Rio de Janeiro!

É Sânzio de Azevedo, professor emérito da UFC, quem, no centenário de *Uhlanos*, segundo livro de Jonas da Silva, traz-nos revelações inéditas acerca de sua "bizarrice decadentista". "Quase esquecido" é o título do artigo de Sânzio, publicado na revista *Singular*, n.º 9, de setembro de 2002. Dele, vale a pena transcrever alguns trechos: "Andrade Muricy, que informa haver o poeta participado do Simbolismo na Bahia, fala do brilho de sua poesia e conclui ter sido ele 'um simbolista de transição'" (*Panorama do movimento simbolista brasileiro*, v. 2, 1952). De transição porque, nas *Czardas*, o poeta apresenta vários poemas de caráter parnasiano. Como se sabe, não era raro um autor passar de uma a outra tendência, dada a contemporaneidade das duas no Brasil. (...) Mas o que está em causa nesta nota é o livro centenário de Jonas da Silva, *Ulanos* (na grafia da época *Uhlanos*, ou seja, lanceiros do antigo exército alemão). (...) Não conhecemos o primeiro livro do autor, mas Péricles Eugênio da Silva Ramos observa: "*Ânforas* não é um livro simbolista, mas *Ulanos* (...) já é paroxisticamente do novo credo" (*Poesia simbolista*, 1965). "(...) A bizarrice decadentista de *Ulanos* começa pelo retrato do poeta, cuja cabeça aparece desenhada, de olhos fechados, sobre uma bandeja, lembrando a degolação do Batista, um tema caro aos da corrente, desde Oscar Wilde".

Sânzio de Azevedo, tanto quanto nós, só tivera acesso aos livros *Uhlanos* e *Czardas*, mas deve ter lido ou ouvido recitar sonetos de sua obra estreante, *Amphoras*, de 1900, alguns destes incluídos em seu volume póstumo de 1923. Seria, portanto, *Amphoras* e não *Uhlanos*, a obra mais representativa de Jonas da Silva, seja ela parnasiana ou simbolista, cujo centenário ocorrera em 2000. Em vez de *Amphoras*, porém, foi *Czardas* o escolhido para uma reedição da Valer, para compor a "Coleção Resgate".

Foi deste mal, finalmente, que padecera meu discurso de posse na AAL, e padece, também com isso, o poeta Jonas da Silva, ceifado pela raiz por obra e graça da usura balzaquiana de certos bibliófilos estéreis, que nunca emprestam livros, porque foram roubados.

ARISTOPHANO ANTONY

Estatura baixa, calvo, gordo. Tinha a voz poderosa, máscula. E um sorriso que nunca se completava. O olhar oblíquo, penetrante, passava-nos força, modéstia, cortesia, vivacidade e método na arte da palavra, na estética do sonho realizado, na feitura preconcebida daqueles três dedos saborosos de crônica, de artigo ou de ensaio que nos oferecia, diariamente, nas horas vespertinas, páginas densas do seu, também vespertino, jornal *A Tarde*. Referimo-nos ao jornalista Aristophano Antony, que tivemos a honra de suceder na Cadeira iluminada de Jonas da Silva. E a quem devíamos encontrar, rapidamente, em seu trajeto freqüente, todos os dias,

entre as ruas de Rui Barbosa e Lobo D'Almada, esquina com a Henrique Martins, pelas quais transitou, durante longos anos, a pé, naquela Manaus de janelas sorridentes, calçadas amplas, sonolentos lampiões pendentes ainda nos postes de ferro.

Mestre de gerações, contemporâneo de verdadeiros ases da notícia e do editorial que elucida os pontos duvidosos da coisa pública, do artigo de fundo e da matéria a que muito depois se dera o nome de "jornalismo cultural" ou jornalismo fenomenológico, Aristophano Antony admitia em seu jornal, isento, tanto quanto possível, da massa bruta dos incompetentes, plumitivos da cepa de Ramayana de Chevalier e Ubiratan de Lemos, e amigos, igualmente talentosos, como Jovino Lemos e Caio Góes.

O Aristophano Antony que conhecemos, a bem dizer, mais parecia uma entidade doméstica capaz de, ao mesmo tempo, cuidar dos interesses do povo, do Estado e da Nação, frondejar-se nas letras de fino cultivo literário, e – fato admirável! – assumir o comando de associações de classe e clubes esportivos como foi o Rio Negro, entre diversos outros de sua mocidade. Teria de ser ele, neste caso, a chave mestra que nos levara a descobrir, mesmo veladamente, o Jonas da Silva que, embora tivéssemos a Biblioteca Pública e os arquivos da AAL, pouco se desvelara por conta, falavam, de sutis cleptomanias livrescas, em nome, quase sempre, da falta de segurança do prédio que nos abriga, inclusive, das chuvas ácidas e do apocalipse das Cidades de Deus.

Contornos, ora vagos, ora nítidos ou enfáticos da estréia promissora de Jonas da Silva, a começar pela exata grafia do título de *Amphoras*, conforme era costume em 1900, harmonizam-se, em seu discurso de posse, ao exame ou à correta sintonia que se estabelece entre aquele que parte, de acordo com as normas acadêmicas de nossa imortalidade, e o que fora escolhido para sucedê-lo, cabendo a este e aos futuros imortais a tarefa de alimentar, com a palavra, a palavra do outro (é a centelha mágica que fomos encontrar no livro de memórias de Antonio Vilaça: a palavra que exuma; o sopro que modela).

Sobre Jonas da Silva nos confia Aristophano Antony: "O lirismo de Jonas da Silva, nas *Amphoras*, não possuía nada de frívolo ou de choramingas, atestando, porém, nas imagens e nos conceitos, um elevado cunho de sensibilidade e um nítido sentido de arte, no desenhar das paisagens e nas puras manifestações da alma", etc.

Sobre *Uhlanos*, escreve: "*Uhlanos* projetou mais ainda o jovem poeta, porque nas suas páginas havia não apenas o lirismo sadio, mas o romântico e o místico aperfeiçoados por uma estesia mais sazonada. A musicalidade dos versos, as concepções arrojadas, as nuanças da natureza davam à sua obra uma fisionomia nova, mais atraente

talvez. E os seus sonetos passaram a ser recitados", etc.

Sobre o seu último livro, resume: "*Czardas* não teve, portanto, a repercussão dos dois primeiros livros do vate. Era, isto sim, o crepúsculo de Jonas da Silva, o seu doloroso declínio".

Traduzindo o viés naturalista da crítica de então para o catatau uspiano da modernidade, chega-se aos mesmos resultados, ou seja, Jonas da Silva partilhou, com talento, das duas correntes então em voga no princípio do século 20: o simbolismo e o parnasianismo. Em qual foi melhor? Como simbolista, uns o julgam superior ao B. Lopes. E como grande poeta que ele foi, alguns o colocam como precursor ou fonte de inspiração do nosso singularíssimo Augusto dos Anjos. Modelos semânticos de época? Coincidência em certos pontos de encontro? Quién lo sabe?

Diante do que se vê, Jonas da Silva nos lembra um velho apólogo sufi dos cegos e o elefante. Para cada um deles (os cegos), a parte que suas mãos podiam tocar, estas, sim, é que eram o verdadeiro elefante.

Djalma Batista, o apóstolo da cultura amazônica

*Ruy Alberto Costa Lins**

A linha que separa o médico e cientista, consagrado pelas pesquisas que realizou e pelos trabalhos científicos que publicou, do homem voltado para a literatura, igualmente aclamado pelos seus trabalhos literários, é certamente muito tênue, rigorosamente difícil de ser estabelecida com precisão. Principalmente porque Djalma Batista navegou com extrema facilidade nos dois oceanos, com ampla desenvoltura, exibindo sempre uma fantástica e visível capacidade, amparada nos inegáveis e sublimes dotes culturais de que era possuidor.

Na verdade, se trata de uma afirmação talvez temerária, talvez difícil de ser aceita,[2] uma vez que o cientista via de regra não é considerado portador de dotes literários. No entanto, Djalma Batista foi um intelectual inteiramente voltado para as pesquisas e as atividades médicas, com uma notável produção científica, sem nenhuma preocupação de aparecer sozinho, afastando sempre qualquer sintoma de egoísmo e aceitando participar com outros cientistas e estudiosos de Manaus, equipes na produção de trabalhos científicos – repetimos – apresentados nos melhores auditórios, em conclaves internacionais e nacionais, publicadas normalmente nas mais prestigiadas revistas de circulação dirigida.

Este registro pretende, assim, focalizar e apresentar, modestamente, alguns aspectos da vida de Djalma Batista, seus exemplos, os depoimentos que prestou, os seus discursos, com o testemunho de sua obra devidamente documentada nos seus trabalhos escritos, tudo isso em um trabalho hercúleo inteiramente voltado para a melhoria do padrão cultural da Amazônia. Tudo isso – repetimos – sem

---

* Ruy Alberto Costa Lins é economista e professor (aposentado) universitário. Recebeu em 17 de janeiro de 1985 o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Amazonas. É sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, ocupando a Poltrona n.º 48, cujo patrono é o naturalista Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), tendo tomado posse a 1.º de outubro de 1971. Em 20 de janeiro de 1981 recebeu do IGHA o título de Sócio Benemérito. Também é sócio efetivo da Academia Amazonense de Letras, ocupando a Cadeira n.º 32, cujo Patrono é Bernardo Ramos (1858-1931), tendo tomado posse a 29 de agosto de 1985. É sócio efetivo fundador, a 5 de setembro de 2003, da Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas – Alcear, ocupando a Cadeira n.º 10, cujo Patrono é Arthur Cézar Ferreira Reis (1906-1993), da qual é o seu presidente. Recebeu a medalha da Ordem do Mérito do Estado do Amazonas, no grau de Comendador, além de outras significativas distinções.

considerar a sua condição de médico e cientista, cujas atividades desenvolveu com brilhantismo, sempre com extremada dedicação à ciência, com as suas pesquisas e os trabalhos científicos que escreveu. O objetivo, aqui, é realçar os seus trabalhos unicamente literários. De uma maneira casual vamos, então, estabelecer essa linha imaginária a partir do seu ingresso na Academia Amazonense de Letras, quando recebeu da intelectualidade amazonense o reconhecimento dos seus dotes literários. Os dotes literários, quaisquer que sejam os caminhos cruzados, são sempre um eletrizante e majestoso edifício construído por etapas, com paciente abnegação e enormes sacrifícios.

João Chrysostomo de Oliveira[3] batizou-o como o historiador da literatura amazônica, com argumento assim impresso:

> *Revelou-se um historiador da literatura, o historiador do panorama literário. O historiador do pensamento, das idéias e das lucubrações dos homens que se holocaustizaram no vale amazônico. O historiador da literatura na sua essência de criação da mente amazônica, impessoal e libertada do seu criador preso às contingências do meio. Historiador do pensamento amazônico. O beletrista da época superou o cientista em formação que dominou por completo o artista da palavra posteriormente congelada nos comunicados de caráter de pesquisa das ciências biológicas e patológicas, a que se consagrou.*

Djalma Batista foi eleito para a Academia Amazonense de Letras na sessão realizada no dia 18 de janeiro de 1942, para ocupar a Cadeira n.º 11, de José Veríssimo, cujo fundador foi Coriolano Durand. Foi o seu segundo ocupante. Nesta sessão estavam presentes os seguintes acadêmicos: Adriano Jorge (Presidente), Sá Peixoto, Leopoldo Peres, Huáscar de Figueiredo, Nunes Pereira, Péricles Moraes, André Araújo, Vivaldo Lima, Agnelo Bittencourt, Jonas da Silva, Alfredo da Matta e Waldemar Pedrosa. Um elenco de grandeza estelar, alguns deles sócios efetivos fundadores, todos expoentes que estão nas melhores páginas da história social e cultural do Amazonas, também em diferentes atividades profissionais que desenvolveram com rara habilidade e proficiência. A sua posse ocorreu seis anos e seis meses depois, no dia 7 de agosto de 1948,[4] como aparece na visão retrospectiva da vida acadêmica, publicada na *Revista da Academia Amazonense de Letras* de fevereiro de 1955, página 78: *Ano de 1948, 7 de agosto – Posse do Acadêmico Djalma Batista na Cadeira de José Veríssimo. Recebeu-o o Acadêmico André Vidal de Araújo*. Não se conhecem as razões que determinaram uma posse tão demorada,

mesmo tão reclamada. Afinal a eleição ocorrera em 1942; a posse em 1948! Por que tão incrível demora de mais de seis anos? Por quê? Talvez pelos tempos realmente difíceis e complicados; talvez pelo início da reconstrução social e produtiva, resultante dos efeitos da Segunda Guerra Mundial. Foi longo o período do desabastecimento generalizado da cidade e da angústia dos manauenses, do racionamento de energia elétrica e gêneros alimentícios e outras numerosas dificuldades que escapam à natureza deste trabalho. Também para adaptação ao avanço tecnológico, que estava principiando a ser implantado, resultante das pesquisas desenvolvidas durante o período do próprio conflito mundial, como esforço de guerra. Estes avanços estavam mais visíveis nas comunicações, nos transportes, nos recursos disponíveis para a proteção da saúde, nos métodos e meios colocados à disposição da formação e educação e em outros tantos setores dos quais o ser humano depende. A própria Academia Amazonense de Letras ficou virtualmente paralisada em sua atuação e ação benemérita a favor da cultura, certamente por estas razões, mas também por outros motivos, não importa; deixou de preparar os seus anais por alguns anos, inclusive o de 1948; passou 20 anos sem publicar a sua *Revista*, com as suas páginas vivas e edificantes, o que voltaria a acontecer somente em fevereiro de 1955, em cujo ano lançou quatro números.

Em virtude desta larga interrupção na edição de sua *Revista*, sem dúvida um dos mais importantes veículos da cultura amazonense desde o seu primeiro número, o discurso de posse de Djalma Batista na Academia Amazonense de Letras foi publicado apenas na imprensa amazonense. Vamos extrair e reproduzir um pequeno trecho (da parte introdutória) desta magnífica peça, para que se tenha uma idéia bem nítida do seu estilo literário:

> *Minha investidura acadêmica se reveste de aspectos singulares, que tenho a satisfação de realçar, sem refalsada modéstia; porque, abrindo-nos desta forma as estradas que perlustrastes e o templo que construístes, vós, que sois pais espirituais dos moços da atualidade amazonense, nos sagrais continuadores de vossa trajetória; e, aceitando-nos entre vós, aceitais as nossas idéias, as nossas aspirações, as nossas lutas, como legítimas, sinceras, honestas e merecedoras de crédito.*
>
> *Honra excelsa, a minha, de vir participar das tradicionais atividades desta Casa, que terá em mim o mais diáfano dos seus imortais – embora a imortalidade pressuponha um estado imaterial puro, e seja, no curso dos tempos, um predicado da maturidade, ser o mais dedicado e fervoroso dos seus servidores.*

A passagem de Djalma Batista pelo Templo dos Brilhantes foi deveras marcante, não apenas como Acadêmico, mas sobretudo como um abnegado, operoso e estimado dirigente, primeiro como Vice-presidente, depois Presidente. Desde a sua posse em 1948 até o seu falecimento em 1979, participou ativamente e sempre com distinção das reuniões ordinárias, das assembléias-gerais, das sessões solenes, das sessões de recepções a visitantes; a sua participação na *Revista da Academia*[5] sempre foi destacada e continuada, principiando no exemplar de fevereiro de 1955, sem numeração, com a publicação do artigo "Conceito de Cultura" nas páginas 23-25; a sua última presença está registrada na *Revista* n.º 16, de dezembro de 1974, nas páginas 61-73, com a publicação do seu ensaio "Brancos e Índios na Formação da Amazônia".

Em 1955 publicou um ensaio de interpretação da Cultura Amazônica, em três partes, nas revistas n.os 2, 3 e 4 da *Revista Amazonense de Letras*. O seu estudo talvez não tenha tido a repercussão que merecia pelo fato de ter sido publicado em partes, mais ainda, utilizando um veículo de circulação modesta, edição limitada e dentro do círculo provinciano. No entanto o seu ensaio de interpretação é sério, profundo e abrangente. Aprecia com uma estupenda precisão os móveis do avanço intelectual e artístico ocorrido na região, principalmente em Manaus e Belém. Faz a ressalva de que o *alvorecer promissor de um ciclo de cultura não correspondeu totalmente à expectativa*, deveu-se à economia que não conseguiu superar a fase predatória; o aspecto alimentar influenciando negativamente na saúde e a prática comercial adotando um sistema antiquado; na política administrativa focaliza o sistema eleitoral bastante atrasado. Abordando todas as questões cruciais responsáveis pelo lento e reduzido progresso cultural que observou ocorrer na região amazônica, seguidas de apresentações das respectivas soluções, do seu ponto de vista e no contexto da sua época, é um exercício de elevado nível mesmo decorrido quase cinqüenta anos.

Por mais que se diga a seu respeito, sempre será pouco, pois Djalma foi uma figura exponencial. Com os seus trabalhos e com o exemplo, abriu as portas de sua inteligência e de seu coração à terra que adotou e sua vida foi um hino de louvor à cultura, em todos os quadrantes de sua enorme capacidade de transmitir seu vasto universo de saber. Tudo isso ele o fez, e bem, deixando para nós o rastro luminoso de sua passagem.[6] Como sócio efetivo e ocupante da Cadeira n.º 11, Djalma Batista recepcionou na Academia Amazonense de Letras vários acadêmicos,[7] sendo autor de alguns dos mais belos, saudosos e deslumbrantes discursos de saudação pronunciados naquele Templo dos Brilhantes. Vejamos alguns desses momentos:

A 20 de janeiro de 1955 recebeu Thiago de Mello,[8] que havia sido eleito a 23 de dezembro de 1954 para a Cadeira

de Tito Lívio de Castro. A sua peça, revestida de rara beleza, com inteira justiça a um dos vultos da literatura e da poesia brasileira. Sintamos alguns dos belos pensamentos de Djalma Batista transmitidos naquela efeméride:

> *Quero, deste jeito, justificar minha presença nesta tribuna, saudando um consagrado poeta, – eu que vos confesso lealmente ter passado pelos verdes anos das paixões e dos amores inefáveis, sem sucumbir à perpetração de um único verso. Em verdade porém é a poesia que me consola nas limitações da ciência e me faz estremecer, na prática da clínica e da pesquisa, ou nas minhas tentativas de medicina social. Sei que não entrei para a Faculdade com o espírito voltado apenas às ciências positivas. Por isto pude falar, na hora da sagração profissional, de uma espécie de introdução à estética da medicina, que me tem servido de roteiro e a que cada vez me sinto mais fiel.*
>
> *Não estou aqui, entretanto, para falar de mim, e se o fiz foi apenas com a intenção de pôr em evidência que há um nexo entre as nossas posições artísticas: vós, quase médico que sois, fostes adiante, penetrando outros domínios a que a vossa vocação vos conduziu, em alturas que me são defesas e a todos os que somos unicamente médicos, quando muito artistas da medicina. Quero dizer que, enquanto nos outros sentimos ou procuramos sentir e compreender a poesia, vós tendes o condão de criá-la e de dar-lhe vida. O poeta Thiago de Mello, que esteve incubado no casulo do estudante de medicina, continuou, desta forma, em ascensão vertical, a mesma linhagem espiritual de cujos alicerces eu peço permissão para humildemente me considerar aproximado.*

Ramayana de Chevalier[9] foi recebido na Academia Amazonense de Letras a 23 de abril de 1960, na presidência do desembargador Leôncio Salignac e Souza. Mais uma vez, aparece Djalma Batista, meticuloso pesquisador, conferindo um formato literário a um estupendo discurso de saudação, com o qual aprecia a vida e a obra do novo Acadêmico:

> *Bem hajam os fados que vos conduziram a um lugar nesta Academia, com o nome de Euclides da Cunha!*
>
> *Há, em verdade, entre vós e o vosso Patrono, um nexo não apenas cronológico, que há pouco assinalastes – ocorrido que foi o vosso nascimento 39 dias após a sua morte: sois um descendente de qualquer das três correntes oriun-*

das da fonte euclidiana, – pelo estilo, pela pujança verbal, pelo papel vingador e até pela busca de razões científicas que sempre fazeis para as afirmações mais ousadas. Para resumir, tudo em vós provém de um destino, a começar pelo nome – Valmik Ramayana – que reúne o poeta e o poema, tradutores da inspiração e da sabedoria de milênio de civilização hindu.

Tendo freqüentado a mesma Faculdade de Medicina depois cursada pelo seu anfitrião, está cunhado o seguinte depoimento:

Encontrei, na década de trinta, o eco de vossos discursos inflamados, a ressonância de vossa palavra fulgurante, lá na Bahia, onde a eloqüência é um dom de Deus, como a beleza do golfão onde se reúnem todos os santos e como os encantos das mulheres mais lindas do Brasil. Ninguém esquecia o amazonense que fora orador da turma de 1931 e criara uma hora de deslumbramento coletivo, famoso também o discurso à beira da sepultura de Augusto Viana, antigo Diretor da Escola, da qual dissestes depois, num verso enternecido: A Faculdade de Medicina é um luar...

Finalizando com a eloqüência dos sábios o seu monumental discurso, Djalma Batista assinala:

E a Academia Amazonense, em cuja fundação vosso pai foi figura de prol, ao vos dar as boas-vindas, nesta tertúlia para mim emocionante, em que me sinto, a planície diante do planalto, o vale diante da montanha, o córrego diante do rio, água humilde diante da água em caudal, a Academia Amazonense pretende apenas a glória de vos ter entre os seus integrantes. Bem-vindo, pois, à vossa Casa!

Nova participação, agora na sessão solene que aconteceu na recepção de Arthur Reis,[10] no dia 27 de janeiro de 1967, quando ocupava a presidência da AAL. Foi um encontro memorável. Alguns trechos das palavras proferidas por Djalma Batista:

Estava escrito que não escaparíeis à imortalidade em vossa província natal. Eleito na década de 30 para a Cadeira de França Júnior, nunca chegastes a ser empossado, porque tivestes de fazer velas ao largo, numa mudança que foi decisiva para vós, embora altamente empobrecedora para o Amazonas. Naquela época já tinha aparecido a História do Amazonas, *que revelou o homem de estudo e o escritor, ainda hoje livro básico; com ele abristes caminho direto para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Também a síntese histórica de* Manaus e Outras

Vilas e *um ensaio sobre* A Questão do Acre *haviam sido publicados. Apesar de tudo éreis, naquela época, uma glória estadual.*

E aqui estais, ao se encerrar mais um ciclo de vossa existência, trazendo para a Academia a vossa obra e o vosso nome consagrados. Por uma sugestiva coincidência, o menor de vossos discípulos teve a honra de ser designado para vos dar as boas-vindas.

Demorastes 30 anos para sentar numa dessas poltronas azuis: perdoai se a glória é tão pouca e a imortalidade alcançada tão precária e discutida... Perdoai sobretudo a pobreza de minha palavra, certo apenas de que ela é sincera e leal, como tem sido a amizade que nos liga de há muito.

Djalma Batista prossegue desafiando todos os sentimentos humanos, talhando palavras emocionantes com a habilidade dos melhores escultores. Fala sobre o Mestre e o Discípulo, aprecia as três faces da vida do novo Acadêmico, o Escritor, o Historiador e as Divergências e Convergências do homem público. Um portentoso discurso felizmente inserido nos anais da Academia, para que todos aqueles que assim desejarem, possam identificar o seu autor como um homem sério, meticuloso, preciso, ousado. Um homem de sólida cultura social. Um historiador da cultura amazônica, como bem identificou João Chrysostomo.

Djalma Batista foi Presidente da Academia Amazonense de Letras por três mandatos consecutivos. O primeiro, no biênio 1968-1969, tendo Aristophano Antony como Vice-presidente; Genesino Braga como Primeiro Secretário e Oyama César Ituassú da Silva como Segundo Secretário; João Mendonça de Souza como Tesoureiro; Mário Ypiranga Monteiro como Bibliotecário. Reeleito para o biênio seguinte 1970-1971, virtualmente a mesma composição de Diretoria, apenas André Araújo substituindo Aristophano Antony (falecido a 3/8/1968) na primeira vice-presidência e João Chrysostomo de Oliveira na segunda vice-presidência. O terceiro mandato correspondeu ao biênio 1972-1973, praticamente a mesma composição da Diretoria anterior, apenas na tesouraria o cônego Walter Gonçalves Nogueira substituindo João Mendonça de Souza, que passou a ser o Diretor da *Revista da Academia*. Havia exercido, anteriormente, por dois biênios (1958-1959 e 1967-1968) a vice-presidência da Academia.

Um dos feitos mais expressivos de Djalma Batista, no âmbito da cultura social, que representou a concretização de um verdadeiro sonho, foi o lançamento de edições de livros dos Acadêmicos com o nome "Coleção Academia Amazonense". Na modernidade de hoje, a editoração de um livro é tarefa relativamente fácil com os recursos técnicos disponíveis pelo extraordinário avanço da tecnologia; cinqüenta anos atrás representava uma missão complexa e fatigante, difícil mesmo,

pois estávamos na época da composição gráfica, letra por letra, sinal por sinal, ou então, um pouco depois, das famosas máquinas de linotipo, mas sempre representando um trabalho exaustivo e demorado, e que estava muito além da disponibilidade financeira.

Os anais da Academia registram esta façanha com a seguinte notícia:

> *Em sua profícua gestão na presidência da Academia, o Acadêmico Djalma Batista lançou a Coleção Academia Amazonense, destinada a publicação, por este Sodalício, dos livros dos Acadêmicos. Impressos pela editora Conquista, do Rio de Janeiro, e cobertos por um tipo padronizado de capa, de muito bom gosto e artística concepção do capista carioca Célio Barroso, – diferindo uma da outra apenas quanto à cor, – quatro são os livros que, no período de 1971-1973, fez editar a Academia, sob o selo Coleção Academia Amazonense, a seguir relacionados:*
>
> 1. Fundação de Manaus. *Mário Ypiranga Monteiro, 3.ª edição aumentada. Rio de Janeiro: Conquista, 1971, 206 p.*
> 2. O Poeta e a Forma Exata. *Mendonça de Souza. Rio de Janeiro: Conquista, 1972, 222 p.*
> 3. Versos de Outrora. *Cosme Ferreira Filho. Rio de Janeiro: Conquista, 1972, 78 p.*
> 4. Dicionário Amazonense de Biografias. Vultos do Passado. *Agnello Bittencourt. Rio de Janeiro: Conquista, 1973, 520 p.*

Pronunciando de maneira cuidadosa, segura e elegante a tradicional "Fala do Presidente", presidiu com sabedoria as sessões solenes de posse dos Acadêmicos Elson José Bentes Farias em 3 de fevereiro de 1969; Waldemar Baptista de Salles em 25 de julho de 1969; Sebastião Norões (1913-1971) em 28 de abril de 1969; Jorge Tufic Alaúzo em 22 de agosto de 1969; Carlos Dagoberto de Araújo Lima (1912-1998) em 12 de dezembro de 1969; Mário Augusto Pinto de Moraes em 18 de março de 1970; William Antônio Rodrigues em 10 de abril de 1970; Moacyr de Souza Alves (1928-1976) em 5 de dezembro de 1970; Paulo Herban Maciel Jacob (1921-2003) em 3 de setembro de 1971; Cláudio de Araújo Lima (1908-1978) em 1972[11] Newton Sabbá Guimarães em 5 de maio de 1973.

As solenidades de posse na Academia Amazonense de Letras são marcadas, já foi dito, pela tradicional "Fala do Presidente". Djalma Batista foi magistral nestas ocasiões memoráveis, algumas de improviso.[12] Creio compensar a reprodução de pequenos trechos, daqueles que foram escritos e publicados e que estão na história do Templo dos Brilhantes e na literatura amazonense. Para nosso deleite, ouçamo-lo:

Na posse de Elson José Bentes Farias, em 3/2/1969 (Deve ser assinalado, antes,

que o poeta e escritor Elson Farias é o terceiro Acadêmico mais antigo[13] da Academia Amazonense de Letras, atualmente ocupando a sua presidência):

> *Bilac foi o príncipe dos poetas de sua época, que eram substancialmente parnasianos, apenas sofrendo uma ligeira concorrência dos simbolistas. Ficou na poesia brasileira como a expressão mais alta de uma escola que fez da forma a maior preocupação, embora sua obra encerre um conteúdo de beleza imperecível.*
>
> *O nome de Bilac numa cadeira desta Casa era um imperativo a que não poderíamos fugir. E Mithridates Corrêa, na reforma estatutária de 1958, o propôs para seu Patrono, com inteiro apoio dos confrades. Mithridates era um artista tresmalhado nas teias do Direito: escrevia com graça e perfeição, versejava com inspiração e ternura, e pintava, no fim da vida, com emoção e acerto. Sua poesia era sobretudo satírica e por isto pouco divulgada na província, porque feria fundamente os seus contemporâneos e coestaduanos. Descendente dos parnasianos, ele pode bem ser considerado um traço de união entre Bilac e Elson Farias, que é hoje o representante das modernas correntes de poesia na Academia.*
>
> *A eleição do jovem e celebrado poeta de* Três Episódios do Rio *comprova que esta modesta sociedade se renova à medida que os verdadeiros valores se afirmam, quaisquer que sejam as suas tendências literárias. Há lugar aqui para todos que pensam e escrevem nestes longes do Brasil, onde também se amam e cultuam as manifestações da inteligência, que é a força propulsora das idéias, idéias que sempre hão de governar o mundo.*

Na posse de Carlos de Araújo Lima, em 12/12/1969:

> *Ao Amazonas chegaram, no princípio do século, os moços Benjamin e José Francisco de Araújo Lima, para se ligarem à vida e ao destino do Estado: Benjamin se consagrou como jornalista, advogado, teatrólogo e prosador; José Francisco, mais conhecido pelo sobrenome, foi médico e cientista, professor de história natural, administrador e sobretudo escritor. Em tudo os dois irmãos marcaram época.*
>
> *A descendência de ambos, culminada em Carlos de Araújo Lima e em Cláudio de Araújo Lima, já agora na terceira geração, representada por moços promissores e valorosos, continua de posse da*

tocha sagrada que foi acesa nos albores do Brasil independente.
Bem-vindo, pois, Carlos de Araújo Lima!
Nós vos oferecemos a imortalidade da admiração e do apreço do Amazonas ao filho eminente e ao confrade generoso. E vós nos trazeis a vossa glória!
Nestas palavras introdutórias, quero expressar a alegria dos atuais integrantes da Casa, nesta festa de iniciação, em que, recebendo o filho, estamos celebrando o pai, grandes que são, os dois, para a Academia, para o Amazonas e para o Brasil!

Na posse de Mário Augusto Pinto de Moraes, em 18/3/1970:

Apraz-me pessoalmente a presença de Mário Moraes na Academia, já que ambos temos vivido, nos últimos treze anos, muito próximos, quer no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, onde unidos carregamos algumas pedras, quer na Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas, criada e vitoriosa em grande parte pelo seu esforço e pela sua dedicação, onde os dois pertencemos atualmente ao mesmo Departamento de Patologia.
Conheço-lhe como poucos os méritos, admirando o seu valor. Temos discordado muitas vezes, o que é realmente estimulante para o bom entendimento entre os homens.
Além disso, é um homem de cultura e capacidade, familiar aos grandes escritores de nossa época, e conhecedor das idéias que se agitam no nosso tempo.

Na posse de Moacyr de Souza Alves, em 5/12/1970:

Moacyr Alves é um baiano que veio cedo para o Amazonas, a serviço de sua profissão liberal. Veio para cá por amor, e ides ouvir dentro em pouco que houve uns olhos cativantes que decidiram a sua escolha. E aqui ficou, trabalhando e construindo, pondo a sua inteligência e a sua cultura a serviço das letras amazônicas.
Esta Academia se regozija de admitir membros que sejam representantes da inteligência, venham de qualquer ponto do Brasil: para a democracia acadêmica, o importante é que escrevam com inspiração e cultuem o espírito, – considerando como tal o conjunto das faculdades superiores do homem. Importante também que tragam idéias e as defendam, mesmo que sejam contraditórias ou revolucionárias, para se imporem perante o que chamam de ecumenismo da companhia.

Foi o Presidente da Academia por ocasião do seu cinqüentenário, ocorrido a 1.º de janeiro de 1968, cujo evento mereceu uma elegante, precisa e profética saudação, com o título "Lições do Cinqüentenário", publicada na *Revista* n.º 12, de julho de 1968. Vamos, então, conhecer alguns tópicos deste trabalho, magistral marca de Djalma Batista, sempre preciso, sábio e elegante:

> *A Academia Amazonense de Letras está celebrando, desde 1.º de janeiro, o seu Cinqüentenário, o que só aconteceu, até agora, no Estado do Amazonas, ao Instituto Geográfico e Histórico. Trata-se de um fato importante, demonstrando que onde Euclides da Cunha viu, no princípio do século, uma 'terra sem memória', está começando a se sedimentar a história da cultura.*
>
> *Nesta hora é dever celebrar os idealizadores da Academia: Benjamin Lima, que foi um dos maiores espíritos nascidos na Amazônia, em cuja casa assinalada com um bronze, se fez à reunião de fundação; primeiro presidente eleito, não aceitou a incumbência, para que o lugar fosse preenchido por Adriano Jorge, que durante 30 anos empunhou, com galhardia e inteligência, o bastão de comando; José Chevalier foi secretário-geral e como tal uma espécie de chefe do protocolo até 1938, quando se retirou de Manaus, sempre com garbo e sabedoria inexcedíveis; e Péricles Moraes que, durante 40 anos, fez da vida da Academia a sua própria vida, como líder dedicado, campeão no devotamento, animador e entusiasta, senhor poderoso desta Casa, que é sem favor a Casa de Péricles de Moraes.*
>
> *Como justificativa da existência da Academia Amazonense, ao se cumprir o seu Cinqüentenário, diremos, então, que não tem sido vã nem inútil essa existência. Reunindo sempre 30 elementos locais, que estudam, escrevem, falam e ensinam dentro dos respectivos campos de atividade, está a Academia procurando preparar o terreno, formar o meio de cultura de que possam surgir espíritos que consigam interpretar, em novas dimensões, a presença do homem na Amazônia, recriando-o segundo a inspiração da arte, no romance, no conto, no ensaio, na pintura, na escultura, na música e no cinema. Sobre as bases modestas que estamos construindo, erguer, num dia, que provavelmente já está à vista, o grande edifício com que todos sonhamos!*
>
> *Tudo isto quer dizer que os intelectuais têm de estar também no Amazonas, sintonizados com os problemas da terra e as inquietações do povo, especialmente com aquilo*

condão de dominar auditórios e as classes, mas antes, e acima de tudo, foi o médico excepcional. Era dotado de um lastro de humanidades muito seguro, em que as línguas vivas e mortas, as ciências matemáticas e naturais se equivaliam, num nível bem elevado, marca de uma formação intelectual, cuidada e rigorosa, presidida pelo próprio pai, que era um douto. De uma me afirmou, com absoluta sinceridade, sem eiva dessa baixeza que é o exibicionismo, que nunca abrigou em seu espírito, que nos Amazonas existiram no seu tempo quatro humanistas: Araújo Filho, Araújo Lima, Jorge Moraes e ele, Adriano Jorge.

Na verdade Adriano foi, como a criação shakesperiana, 'o entusiasmo generoso, o móvel superior e desinteressado na ação, a espiritualidade da cultura, a vivacidade e a graça da inteligência, o termo ideal a que ascende a seleção humana'. Deixou-nos o livro aberto de sua vida inquieta, e ele é bem, para nós, um evangelho de desígnios alevantados, de beleza, de bondade, de sabedoria e de solidariedade humana. Na vibração das estrelas está a luz, que é sempre 'o supremo Dom e a Graça suprema', como observou o próprio Adriano, em famosa conferência.

Em sua vida ele foi isto: um semeador de luz!

Por ocasião do falecimento de Huáscar de Figueiredo[14] a 23 de fevereiro de 1949, poucos dias antes de completar 58 anos, a *Revista da Academia Amazonense de Letras* consagrou algumas de suas páginas à glória de tão estupenda personalidade. Assim foram as palavras de Djalma Batista:

Os que conhecemos os talentos de Huáscar de Figueiredo – advogado, jornalista, professor, homem de letras – nunca poderemos esquecer o seu humorismo contundente e espontâneo. Nada lhe passava sem um comentário chistoso, quase sempre picante, nascido de improviso e com um alto poder hilariante. Falando, nem parecia o escritor de linguagem escorreita e agitador de temas sérios e austeros. Era o humorismo, com certeza, a sua válvula de segurança, dando vazão a terríveis sofrimentos interiores e insuspeitados complexos, de homem superior, marcado sem piedade pelo destino e constrangido nas limitações esterilizadoras do meio. Porque, em verdade, Huáscar de Figueiredo, que tinha, como poucos, possibilidades para uma vida intelectual das mais brilhantes, nunca pôde se realizar integralmente; ficou, para

tristeza dos que lhe admirávamos a capacidade, apenas uma inteligência e uma cultura que a província inutilizou. Mesmo assim, muito deixou, por aí, que poderia ser reunido e publicado. Seus artigos de jornal, embora perdida a atualidade com o rolar inclemente dos anos, traduzem, para qualquer época, o vigor do seu estilo e o alto sentido de suas cogitações: dariam com certeza um livro alentado. Outro poder-se-ia organizar com os seus belos ensaios literários que escreveu. Um terceiro reuniria os numerosos trabalhos jurídicos de que foi autor. Quem se decidir a coligir todo esse material esparso e valioso terá também uma tarefa a mais a cumprir: recolher (e ter coragem de escrever e publicar...) o imenso anedotário que fazia o encanto da prosa envolvente de Huáscar de Figueiredo.

Djalma Batista foi isto: mais um humanista que brindou o Amazonas com a força da sua ação e os dotes da sua inteligência, um fino intelectual na harmonia das palavras. Nas suas conferências, nas suas entrevistas aos órgãos de imprensa, nos seus discursos de saudação e nas "Falas do Presidente" por ocasião das solenidades de posse na Academia, nos seus artigos, enfim, em todos os seus pronunciamentos, em quaisquer circunstâncias.

É imperioso, então, relacionar os seus trabalhos escritos, publicados ou não, para que se tenha uma dimensão aproximada da grandeza intelectual de Djalma Batista. É claro que ficam sem menção, neste registro, os seus trabalhos científicos.[15] Vamos relacioná-los:

» "Letras da Amazônia", conferência pronunciada no Centro de Estudos Amazônicos, de Salvador, Bahia. Manaus: Palácio Real, 1938;

» "Na Festa do Estetoscópio", discurso pronunciado em 1938, na Faculdade de Medicina da Bahia. Publicado na *Revista do Centro Médico do Amazonas*, Manaus, 1940;

» "Pela Defesa Aérea Nacional", reunindo vários discursos, editado em Manaus pelo Aeroclube do Amazonas, Manaus, 1943;

» "Araújo Lima e a Amazônia", trabalho publicado em vários órgãos da imprensa nacional: *A Tarde*, da Bahia, em julho de 1945; *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em agosto de 1945; *Diário da Tarde*, de Manaus, em agosto de 1945; e no *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, páginas 1.070-1.073, 1945;

» "Apóstolo e Santo Moderno", publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras* de 1946;

» "Petróleo: Riqueza e Futuro do Brasil" (conferência). Manaus: Tipografia Palácio Real, 1948;

» "Discurso de Posse na Academia Amazonense de Letras" – a 7 de agosto de 1948, na Cadeira n.º 11, cujo Patrono é José Veríssimo (1857-1916). Publicado no Suplemento Literário do *Jornal do Comércio*, páginas 10 e 11, em 29 de agosto de 1948;

» "Discurso Acadêmico", saudação ao padre Raimundo Nonato Pinheiro Filho na sua posse na Academia Amazonense de Letras, a 10 de janeiro de 1950, na Cadeira n.º 20, cujo Patrono era Afonso Arinos (atualmente João Ribeiro), que continua inédito;

» "No Limiar da Era Atômica", artigo publicado em *O Jornal*, a 12 de dezembro de 1950;

» "Rui Barbosa, a Política" (conferência), publicada no *Jornal do Commercio*, em 1951;

» "Mulher, Maternidade e Enfermagem", conferência pronunciada na Escola de Enfermagem de Manaus, na Semana do Enfermeiro, em maio de 1951, inédita;

» "Um Grave Problema Sanitário (A Esquistossomose)", artigo publicado em *O Jornal*, a 2 de setembro de 1951;

» "Itinerário Transandino" (conferência), publicada em Manaus: Tipografia Fênix, 1951;

» "O caso do Impaludismo", artigo publicado em *O Jornal*, a 24 de fevereiro de 1952;

» "Reflexões sobre a Assistência Social", artigo publicado em *O Jornal*, a 24 de março de 1953;

» "Conceito de Cultura", artigo publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, de fevereiro de 1955, páginas 23-25;

» "Cultura Amazônica – Ensaio de Interpretação, Parte I", publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 2, de maio de 1955;

» "Cultura Amazônica – Ensaio de Interpretação, Parte II", publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 3, de setembro de 1955;

» "Cultura Amazônica – Ensaio de Interpretação, Parte III", publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 4, de dezembro de 1955;

» "Discurso Acadêmico", saudação a Amadeu Thiago de Mello na sua posse na Academia Amazonense de Letras, a 20 de janeiro de 1955, na Cadeira n.º 30, cujo Patrono era Tito Lívio de Castro (atualmente Cadeira n.º 29, Patrono Castro Alves), publicado na *Revista* n.º 5, de março de 1956;

» "Discursos Acadêmicos", saudação a Walmik Ramayana Paula e Souza de Chevalier (1909-1972) (com o discurso do recipiendário) na sua posse na Academia Amazonense de Letras, a 23 de abril de 1960, na Cadeira n.º 2, cujo Patrono é Euclides da Cunha, Manaus: Tipografia Fênix, 1960;

» "Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento da Amazônia", artigo publicado na *Folha de São Paulo*, Suplemento da Amazônia, no dia 16 de abril de 1967;

» "Pesquisa, Prioridade Esquecida", artigo publicado na *Folha de São Paulo*, Suplemento Especial, Série Realidade Brasileira, no dia 28 de abril de 1968;

» "Bem-Vindos os Confrades da Academia Brasileira e da Academia Paraense", saudação feita na sessão da Academia Amazonense de Letras a 2 de dezembro de 1967, publicada na *Revista* n.º 12, de julho de 1968;

» "O INPA e Suas Atividades", conferência pronunciada durante o Simpósio sobre Administração Escolar, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Amazonas, edição mimeografada, 1968;

» "Discurso Acadêmico", lido na sessão de 27 de janeiro de 1967, saudação a Arthur Cézar Ferreira Reis (1906-1993) na sua posse na Academia Amazonense de Letras, Cadeira n.º 13, cujo Patrono é Estelita Tapajós, publicado na *Revista* n.º 12, de julho de 1968;

» "Lições do Cinqüentenário", discurso pronunciado na sessão de 3 de janeiro de 1968, na sede da Academia Amazonense de Letras, publicado na sua *Revista* n.º 12, de julho de 1968;

» "Adriano Jorge – O Homem e O Médico", ensaio escrito por ocasião do vigésimo ano de falecimento de Adriano Augusto de Araújo Jorge Filho (1879-1948), publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, n.º 13, de dezembro de 1968;

» "Fala do Presidente", discurso de abertura da sessão solene realizada no dia 3 de fevereiro de 1969, por ocasião da posse de Elson Farias na Academia Amazonense de Letras, na Cadeira n.º 12, cujo Patrono é Olavo Bilac;

» "Fala do Presidente", discurso de abertura da sessão solene realizada no dia 28 de abril de 1969, por ocasião da posse de Sebastião Norões (1913-1971) na Academia Amazonense de Letras, na Cadeira n.º 31, cujo Patrono é Raimundo Monteiro;

» "Fala do Presidente", discurso de abertura da sessão solene realizada no dia 25 de julho de 1969, por ocasião da posse de Waldemar Baptista de Salles na Academia Amazonense de Letras, na Cadeira n.º 40, cujo Patrono é Paulino de Brito;

» "Fala do Presidente", discurso de abertura da sessão solene realizada no dia 22 de agosto de 1969, por ocasião da posse de Jorge Tufic Alaúzo na Academia Amazonense de Letras, na Cadeira n.º 18, cujo Patrono é Jonas da Silva;

» "Fala do Presidente", discurso de abertura da sessão solene realizada no dia 23 de novembro de 1969, por ocasião da posse do cônego Walter Gonçalves Nogueira (1923-1981) na Academia Amazonense de Letras, na Cadeira n.º 32, cujo Patrono é Bernardo Ramos;

» "Dados Biográficos de Álvaro Maia", ensaio dedicado à memória de Álvaro Botelho Maia (1893-1969), que foi Sócio Fundador e Presidente da Academia Amazonense de Letras, publicado na sua *Revista* n.º 14, de dezembro de 1969;

» "Fala do Presidente", discurso de abertura da sessão solene realizada no dia 16 de dezembro de 1972, na posse de Cláudio de Araújo Lima (1908-1978) na Academia Amazonense de Letras, na Cadeira n.º 2, cujo Patrono é Euclides da Cunha;

» "Brancos e Índios na Formação da Amazônia", ensaio publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras* n.º 16, de dezembro de 1974.

Não é justo deixar de mencionar outras instituições culturais das quais Djalma Batista fez parte, dignificando-as com a grandeza do seu nome e da sua obra e sempre com um meritório e extenso trabalho, bem assim algumas e nem sempre suficientes distinções que recebeu.

Fez parte do Conselho Estadual de Cultura, na qualidade de conselheiro e vice-presidente, área em que sempre esteve ligado desde meados dos anos 40, quando foi diretor do Departamento de Educação e Cultura (atualmente Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino) no governo do desembargador Emiliano Stanislau Affonso. Foi professor das disciplinas Alimentação e Dietética e de Medicina Social na Escola de Serviço Social de Manaus; de Microbiologia e Parasitologia e de Patologia Interna na Escola de Enfermagem de Manaus; e de Patologia Geral nos cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia da Universidade Federal do Amazonas.

Embora o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA possa ser considerado uma notável instituição de cultura científica, nos seus anos iniciais, na época de Djalma Batista, de 1957-1972, também tinha o brilho da cultura social. Foi seu diretor de 1968 a 1972, tendo ocupado antes a chefia da Divisão de Pesquisas Biológicas.

Na Academia Amazonense de Medicina é o Patrono da Cadeira n.º 19, atualmente ocupada pelo médico Antonio José Souto Loureiro; no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA ocupou a Poltrona n.º 6 cujo Patrono é Alfredo da Matta, na qual foi sucedido pelo farmacêutico bioquímico Humberto Figliuolo; na Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas – Alcear é o Patrono da Cadeira n.º 18 atualmente ocupada pelo médico Manoel Jesus Pinheiro Coelho.

A cidade de Manaus guarda com muito carinho e respeito à memória do doutor Djalma Batista, com significativas homenagens. Temos em Manaus, como bons exemplos, a "Escola Estadual Djalma da Cunha Batista" na Zona Sul da cidade; uma das principais avenidas da cidade, moderna e movimentada, tem o seu nome: avenida Djalma Batista. Uma importante instituição de estudos e pesquisas cultural e social, completando em 2004 o seu décimo ano de atividade, é a Fundação Djalma Batista. Como uma homenagem ao seu trabalho pioneiro, mencionamos o seu antigo laboratório de análises clínicas, hoje com mais de 60 anos de pleno funcionamento, agora sob a orientação de sua filha, doutora Edith Batista, ostenta o seu nome: Laboratório Djalma Batista.

Djalma Batista faleceu em Manaus a 20 de agosto de 1979, na juventude dos seus 63 anos. É claro que este trabalho não esgota a sua trajetória cultural, mas desde já pode ser proclamado: Djalma Batista, o Apóstolo da Cultura Amazônica.

NOTAS

2 Djalma Batista sempre esteve preocupado com os aspectos culturais condicionadores do padrão de comportamento social das coletividades amazônicas. Na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, de fevereiro de 1955, páginas 23-25, publica um artigo com o título "Conceito de Cultura", no qual explora os conceitos antropológico e intelectualista da cultura. É quase uma introdução de um trabalho posterior, a que em outra parte deste trabalho faremos referência, quando procura abordar o complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins da Amazônia.

3 João Chrysostomo de Oliveira, o exemplar professor e humanista, altivo, honrado e culto, absolutamente sem mácula, publicou na *Revista* n.º 1, do Conselho Estadual de Cultura, de julho de 1986, "Djalma Batista – Historiador da Literatura Amazônica"; enaltecendo uma conferência de Djalma Batista com o título "Letras da Amazônia" proferida a 27 de abril de 1938, em Salvador, Bahia, ainda acadêmico de Medicina.

4 Djalma Batista pronunciou um discurso realmente inesquecível, representando uma das melhores peças que escreveu, rivalizando-se com o seu discurso de orador da turma de médicos da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1939. Está publicado no Suplemento Literário do *Jornal do Comércio* de Manaus, de 29 de agosto de 1948.

5 É bem de ver que a *Revista da Academia* nunca teve uma periodicidade regular, por dificuldades naturais, evidentemente não por falta de matérias. De qualquer modo a

presença de Djalma Batista em todas as edições é expressiva e relevante.

6 O texto é de autoria do acadêmico Oyama Ituassú, professor, magistrado, escritor, o terceiro mais antigo membro da Academia Amazonense de Letras, seu Presidente de 1992-1994, escreveu "Djalma Batista – um homem de cultura" para a conferência que pronunciou no Instituto Superior de Administração e Economia, em Manaus, no dia 15 de fevereiro de 1996.

7 O padre Raimundo Nonato Pinheiro Filho tomou posse na Academia Amazonense de Letras no dia 10 de janeiro de 1950, cuja recepção esteve com Djalma Batista. O seu discurso de saudação nunca chegou a ser publicado.

8 Thiago de Mello é um poeta universal; não pertence mais só ao Amazonas. Vale conhecer alguns dados publicados na revista *Manchete* de 14 de novembro de 1955, por ocasião da sua eleição para a Academia Amazonense de Letras, quando tinha apenas 29 anos:

"Amadeu Thiago de Mello nasceu a 30 de março de 1926, numa ilha (mas as grandes enchentes vieram, trazendo as terras de aluvião e hoje a ilha está, por sua face que dá para o poente, ligada ao continente) chamada de Bom Socorro, à margem do Paraná do Ramos (dias e dias de extensão, em viagem de lancha ou batelão), no Amazonas. Com poucos meses de idade foi para Manaus, onde ficou até os 15 anos (e onde teve uma grande infância, uma das maiores infâncias do mundo). Ali fez o curso primário – no Grupo Escola José Paranaguá – e cursou o Ginásio; e foi *goal-keeper* do time de sua rua; guia do seu avô Joaquim, que era cego, e com quem, entretanto, aprendeu muito a respeito das nuvens e de pássaros e inúmeras outras lições, que guarda, bem sabidas, para o resto do seu tempo de homem. Aos 12 anos era um 'virtuose' do violino, conforme opinava a crítica social. Aos 15 anos, concluído o Ginásio, veio para o Rio, sozinho, para ser doutor – formar-se em Medicina. Fez o complementar no Colégio Batista, onde ficou interno um ano e meio, e onde começou a desaprender o violino e a aprender uma série de outras coisas, entre as quais jogar voleibol, basquete e futebol.

Entrou para a Faculdade de Medicina aos 17 anos, época em que começou a sentir, de vez em quando, absoluta necessidade de escrever: escrever as suas descobertas, poesia talvez. Abandonou a Faculdade ao fim do 4.º ano, quando era interno do Hospital, em Manguinhos, – para dedicar-se única e exclusivamente à literatura. A poesia. Foi campeão carioca de basquete pelo Tijuca Tênis Clube, de voleibol pelo Fluminense.

Tem três livros publicados: *Silêncio e Palavra*, 1950, *Narciso Cego*, 1952, e *A Lenda da Rosa*, que vem de ser lançado

pela editora José Olympio, na Coleção Rubayat. Tem mais dois livros concluídos (de poemas) e dois em preparo (um, também em verso, sobre esta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro; outro de história para crianças – para crianças grandes e para grandes crianças), além de uma *Notícia de Visitação* que fez no verão de 1953 ao rio Amazonas e seu Barrancos a aparecer brevemente num dos "cadernos de cultura" de Simeão Leal. É membro eleito da Academia Amazonense de Letras, desde janeiro de 1955".

9 Walmik Ramayana Paula e Souza de Chevalier "foi o despejar de um talento onímodo, vigoroso e poliédrico, dono de uma cultura invulgar, que significa, para nós amazonenses, um galardão de nossa terra, um motivo de perenal orgulho para a nossa mocidade. Ramayna, professor, escritor, conferencista, orador, jornalista, médico, poeta, cronista sutil e forte, em todas essas facetas ele revela a inteligência surpreendente e fértil, exaltando à sua terra e aos seus conterrâneos, nos tropos mais vivos de acendrado amor pelo seu berço". Ramayana de Chevalier, na mesma sessão da AAL que elegeu Djalma Batista, a 18 de janeiro de 1942, foi considerado empossado (havia sido eleito em 1937), "dispensadas as formalidades dos discursos de recepção, na forma estatutária". É que os anos passam, residindo fora de Manaus, os fatos são esquecidos. Vinte e oito anos depois, regressando a Manaus, a AAL realiza nova eleição, promovendo a sessão solene de recepção. Ainda bem, pois que tivemos a feitura e leitura de dois belos discursos, um de Ramayana de Chevalier sobre o seu patrono Euclides da Cunha, outro de Djalma Batista, sobre a vida e obra do novo Acadêmico. A AAL publicou um livro (Manaus: Editora Sergio Cardoso, 1960) com estes dois discursos, definitivamente inseridos na história da literatura amazonense como um dos seus monumentos maiores.

10 Arthur Cézar Ferreira Reis também foi eleito para a Academia Amazonense de Letras em 1937. Mas, como ocorreu com Ramayana de Chevalier, não residia em Manaus. Por esta razão, na mesma sessão de 12 de janeiro de 1942 foi considerado empossado, "dispensadas as formalidades dos discursos de recepção, na forma estatutária". Muitos anos depois (1964), com o fato olvidado, veio novamente para Manaus, quando foi novamente eleito e empossado, agora na Cadeira n.º 13, que tem como patrono Estelita Tapajós (José Estelita Xavier Monteiro Tapajós, 1860-1902), escolhido por ele, Arthur Reis. Ambos foram grandes, são inesquecíveis.

11 Igualmente não foi possível identificar com precisão a data de posse de Cláudio de Araújo Lima (1908-1978). A sua eleição ocorreu a 16 de dezembro de 1972, em reunião presidida por André

Araújo, Vice-presidente. Estando ausente, o Presidente Djalma Batista (a exemplo de outros Acadêmicos) mandou o seu voto por escrito, em separado. Nesta sessão foi designado o Acadêmico Genesino Braga para fazer o discurso de saudação. Na *Revista* n.º 16 de dezembro de 1974 encontramos o seguinte registro: "Novo Acadêmico – Cláudio de Araújo Lima, o aplaudido romancista de *Babel*, *A Bruxa*, *A Mulher dos Marinheiros*, *Coronel de Barranco*; o biógrafo de *Ascensão e Queda de Stefan Zweig*, *Plácido de Castro – Um Caudilho Contra o Imperialismo*, *Mito e Realidade de Vargas*; o ensaísta de *Imperialismo e Angústia*, *Sexo e Amor*, *Amor e Capitalismo*, *Patologia Dialética* foi eleito para a Cadeira n.º 2, da Academia Amazonense de Letras, cujo Patrono é o inolvidável Euclides da Cunha. Filho do saudoso Araújo Lima, Patrono da Cadeira n.º 25, ora ocupada pelo eminente senador e acadêmico José Lindoso, tem o escritor Cláudio de Araújo Lima, a parabenizá-lo em nossa estima e distinção, num segmento de prova incontestável, os nossos votos que o elegeram, por unanimidade, para a AAL. Um homem de letras jurídicas, políticas, científicas, eminentemente literárias, jamais chega tarde ao nosso Silogeu. De há muito, estávamos a esperar, na Casa de Adriano Jorge, nosso dileto confrade Cláudio de Araújo Lima. Chegou, entrou, não nos pediu licença. Era um dos nossos. Melhor: é um dos nossos nesta ventura que sabemos bela e dignificante na majestade espiritual das boas letras".

12 As falas ou discursos de improvisos, mesmo belos e emocionantes, aliás como fazia de forma única e maravilhosa o nosso Adriano Jorge, tem o inconveniente de não ficar registro, quando os mecanismos para esse fim eram mais difíceis. As "Fala do Presidente" de Djalma Batista na Academia Amazonense de Letras pronunciadas de improviso, estão perdidas (ainda bem que foram poucas), o que é uma pena.

13 Pela ordem de antiguidade, os dois que o antecedem: Amadeu Thiago de Mello, tomou posse a 20/1/1955; Oyama César Ituassú da Silva, tomou posse a 12/12/1967.

14 Huáscar de Figueiredo foi um excepcional jornalista, fino escritor, advogado de grandes méritos e brilhante orador. Nascido em Belém a 27 de fevereiro de 1891, veio para Manaus nos primeiros anos do século 20, já formado em Direito pela Faculdade de Ciência Jurídicas e Sociais de São Paulo. Foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, tendo ocupado a Cadeira n.º 15, cujo Patrono inicial foi Thomaz Lopes, depois Graça Aranha. Este depoimento de Djalma Batista aparece na *Revista* n.º 5 de março de 1956.

15 O professor Afonso Celso Maranhão Nina, símbolo cultural em nossa terra, com uma vida de inteira dedicação à educação, em palestra proferida no INPA a 8/9/1996, sob o tema "Djalma Batista – O Cientista", devidamente editada, relacionou todos os trabalhos científicos de Djalma Batista. Uma beleza de trabalho. Por outro lado, não tenho certeza se a relação que integra este registro contempla todos os trabalhos de Djalma Batista, pois que, é possível, algo tenha escapado à pesquisa realizada neste sentido.

O tempo em que se usava camisão e outras histórias

Armando de Menezes

No passado – e é bom botar-se, e muito, passado nisso – as famílias adotavam o camisão para a dormida dos filhos.

Assim também aconteceu com a nossa, lá pelas décadas de vinte e início de trinta do século passado, em Parintins, Barreirinha, Maués e, até que se exaurisse seu uso, em Manaus.

Quando meu Pai – Tude Henriques de Menezes – foi nomeado, a 18 de novembro de 1925, para o cargo efetivo de coletor de Rendas em Barreirinha, Alberto já era nascido, depois viemos eu, Aurélio, Adherbal, Adalberto e Maria Luiza, todos parintinenses, incluindo Alberto que nascera na Ilha das Cotias, mas que integrava, ao tempo, o município de Parintins, e que somente se tornara independente, com o nome de Nhamundá, a partir de 31 de janeiro em 1956, em decorrência da Lei n.º 96, de 19 de dezembro de 1955.

Tude Filho, o caçula, somente nascera em Maués, a 28 de agosto de 1935.

Para o uso do camisão, situar-me-ei entre os mais moços, de Alberto para baixo.

Com o Papai exercendo atividade em Barreirinha, Mamãe, a nossa sempre pranteada e amada "Santa", ficava em Parintins, onde era praticado exemplar ensino elementar, o atual fundamental.

A ida de Mamãe e da meninada àquele município somente ocorria nas férias escolares.

Pois bem, por esse tempo todos nós – os meninos – usávamos camisão para dormir, prática continuada em Maués, para aonde Papai fora transferido por ato de 7 de novembro de 1933. Dali, com a nossa vinda para Manaus em 1936, apenas permaneceram com o uso daquela indumentária noturna os mais jovens: Adherbal, Adalberto e Tude Filho, e isto naturalmente por pouco tempo, já que, como natural, havíamos passado a desfrutar de vida mais moderna, na capital do Estado, onde os costumes eram outros.

Mas essa prática era tão arraigada na concepção de vida da Mamãe que, por ocasião do nascimento de seus primeiros netos, os primogênitos: Aderson Filho, de Aderson e Lúcia; Geraldo Ruy, de Albery e Aladia; Tude Neto, de Almir e Edocine; e Armando Filho, meu e de Ivette, que o seu presente – dela, Mamãe –, para todos, foram camisões, por sinal de fino acabamento, com bordados e tudo mais que os pudesse embelezar.

SOSSEGO PARA MAMÃE

A escolha do tema – camisão – para este trabalho resultara de conversa animada de recordações, entre irmãos, quando Aurélio, sempre espirituoso e de memória privilegiada, abordara o assunto com alguns desdobramentos, como veremos a seguir.

Como todos, ao tempo, éramos oriundos de Parintins, incluindo Papai e Mamãe, Nossa Senhora do Carmo, padroeira do município, nos conduzia em nossas orações, ao levantar e ao deitar.

Um parêntese. Mamãe, enquanto dispôs de condição física, aqui em Manaus, participava, anualmente, da semana comemorativa daquela padroeira e que culminava na sua data festiva, como ainda acontece, a 16 de julho de cada ano.

Os dias de calmaria e sossego em nossa casa eram exatamente os de Sextas-Feiras Santas e de Finados, quando nós – os meninos e de camisão – passávamos aquelas datas devidamente deitados em redes, em quarto escuro, rezando com a imagem de Nossa Senhora do Carmo sobre o peito. Dali somente saíamos para almoçar e jantar.

Essa era uma das muitas invenções de humor do nosso inesquecível Albery, que só a repetia durante as nossas reuniões – dos irmãos Menezes – para o costumeiro aperitivo dos sábados na "casa da dona Santa" e na sua presença, e que tinha o objetivo de espicaçar-lhe o espírito, de quem, invariavelmente, ouvia-lhe a reprimenda de que se tratava de mais uma mentira.

INFORMAÇÃO NECESSÁRIA

Os fatos aqui narrados envolvem membros de minha família.

Apenas Aderson e Almir não foram usados e/ou mencionados, pois os demais tivemos nossos nomes destacados nos temas aqui desenvolvidos, com a inclusão de Papai e Mamãe – Tude e Santa Menezes.

ADORAR, MATAR E BEIJAR

Vez por outra, no decorrer de cada semana, havia a brincadeira religiosa de adorar, matar e beijar, conduzida e/ou dirigida por Alberto e que se processava da maneira como segue.

Sempre acontecia após a reza do deitar, todos em camisão.

Com o livro de orações em seu poder e em meio do qual havia uma imagem, em

gravura de Nossa Senhora do Carmo, Alberto o ia passando de mão em mão, submetendo-nos ao questionamento se queríamos adorar, matar ou beijar. Se a reposta fosse adorar ou beijar e a abertura do livrinho coincidisse com as páginas onde se encontrava a Santa, o sortudo tinha o direito a adorá-la e beijá-la, demoradamente. Mas se, ao contrário, o indagado preferisse o matar, na esperança de não ser aberta a página da Santa, tudo bem, porém se a abertura Nela caísse, ao responsável pela resposta cabia a penalização e/ou obrigação de rezar 15 Ave-Marias e 15 Pai-Nossos.

CARAPANÃ COMO FARINHA

E como estória puxa estória, recordamos daquela, criada por Albery, e que, toda vez repetida, era duramente repelida por Mamãe, taxando-a de *mais uma mentira de Albery*.

A ocorrência dava-se em Barreirinha, quando de nossas férias escolares.

O jantar deveria ser servido sempre antes das seis horas da tardinha, com todos trajando o camisão, pois a seguir o caminho seria o das redes, todas envolvidas por mosqueteiros, já que, com a chegada da noite, Barreirinha era invadida por carapanãs, importando isso dizer que, quando o jantar era servido depois das 18 horas, já à noite, portanto, não havia necessidade de uso da farinha, pois a meninada, ao levar os alimentos à boca, os carapanãs acompanhavam a colher, dispensando-se a farinha, o que consistia uma boa economia.

Essa era mais uma das invenções de humor do nosso inesquecível Albery, que só a repetia durante as nossas reuniões – dos irmãos Menezes – para o costumeiro aperitivo dos sábados na "casa da dona Santa" e na sua presença, e que tinha o objetivo de espicaçar-lhe o espírito, de quem, invariavelmente, ouvia-lhe a reprimenda de que se tratava de mais uma mentira.

Colóquio Péricles Moraes / Martins Fontes

Almir Diniz

Péricles Moraes – Festejado escritor amazonense de renome nacional. Nasceu dia 28.4.1882, em Manaus. Faleceu a 26.9.1956, igualmente em Manaus. Foi político, jornalista, funcionário cartorário, e sobretudo escritor. Escreveu, entre outros livros, *Figuras e Sensações*, *Coelho Neto e sua Obra*, *A Vida Luminosa de Araújo Filho*, *Legendas e Águas-Fortes*, *Retrato de Augusto Linhares*, *Confidências Literárias*, *O Exemplo de Leopoldo Neves* e *Leopoldo Péres*. Foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras e a presidiu por longos anos.

J. Martins Fontes – Nasceu em Santos, São Paulo, no dia 23.6.1884. Faleceu a 25.6.1937, na mesma cidade. Médico e poeta dos mais aplaudidos no País. Patrono da Cadeira 26 da Academia Paulista de Letras. Entre outras obras de fino labor estético produziu *Verão*, *Rosicler*, *Vulcão*, *Marabá*, *Prometeu*, *Escarlate*, *O Céu Verde*, *Arlequinada*, *Partida para Citera*, *Boêmia Galante*, *Laranjeira em Flor*, *O Colar Partido*, *A Fada Bom-Bom*, *A Flauta Encantada*, *Sombra*, *Silêncio e Sonho*, *No Templo e na Oficina*, *Sevilha e Granada*, *Torres de Fantasia*, *Paulistânia*, *Guanabara*, *Nos Rosais da Estrela*, *Fantásticas*, *Sol das Almas*, *I. Tioretti*, *Canções do Meu Vergel*... Pertenceu à Academia de Ciências de Lisboa.

****

O automóvel do engenheiro amazonense Mário Barroso Ramos, por ele dirigido, desceu a serra de Cubatão, em demanda de Santos. Levava um passageiro ilustre em visita a uma das glórias da poesia brasileira. O passageiro era Péricles Moraes, o poeta, Martins Fontes.

Antes de se dirigirem à Casa de Saúde onde o bardo exercia a sua outra atividade – era médico –, uma parada na Vivenda Boqueirão, de Júlio Conceição, milionário paulista, famoso pela sua coleção de peças arqueológicas e por seu amor às raridades botânicas, principalmente às magníficas espécies de orquídeas e catléias que cultivava e com as quais gastava parte significativa de sua fortuna.

Júlio Conceição era íntimo de Martins Fontes e fora apresentado a Péricles pelo

grande historiador amazônico Anísio Jobim. Representava o elo de que carecia o "Príncipe dos escritores amazonenses" para o ansiado encontro com o inspirado autor de *Sombra, Silêncio e Sonho*. Ademais, era no Boqueirão que Péricles aguardaria o anúncio da chegada do poeta à clínica, para a concretização daquele encontro do encontro, entre aqueles dois deuses da literatura há tanto tempo programado e tantas vezes adiado.

Um frêmito de justificada emoção literária dominava o escritor provinciano, entretanto, gozando já de projeção nacional e conceito internacional, notadamente nos meios intelectuais franceses, desde o surgimento de *Figuras e Sensações*, editado no Porto pela Livraria Chardron, de Lélo & Irmão, Ltda.

Quando se anunciou a chegada do poeta à clínica, foi um alvoroço só. Meia hora depois, estavam na Casa de Saúde. A ante-sala do consultório de Martins Fontes estava repleta de consulentes, obstando o colóquio ajustado.

Mário Ramos, impaciente e objetivo como todo industrial que não pode desperdiçar tempo, pois em sua concepção cada minuto perdido significa dinheiro que deixa de ser computado, se adiantou à clientela, para informar ao bardo que Péricles ali se encontrava a cumprir a promessa, tantas vezes prejudicada, de visitá-lo.

A reação de Martins Fontes foi instantânea. Abrindo os braços, numa alegria juvenil, correu a abraçar o escritor amazonense. Estreitaram-se, comovidos porque de muito aguardavam a oportunidade de se conhecerem, fisicamente. Espiritualmente, há muito se uniam pelos formosos laços da admiração mútua.

O soberbo autor de *Nos Rosais das Estrelas* pouca oportunidade deu a Péricles Moraes de manifestar-se, referindo, com sofreguidão, os autores de sua predileção como Rivarol, Bourget, Boulanger, Camille Mauclair, D'Annuzio, Mallarmé, Gener, Montesquieu... e os nacionais da preferência dos dois: Coelho Netto, Annibal Theophilo, Raimundo Monteiro...

Sobre Coelho Netto, fez-lhe o louvor, afirmando que "as suas palavras davam a lembrar uma catarata rumorejante, de policrômica irisação, despenhando-se do alto de um rochedo, e na qual os infinitos matizes, as sutilezas psicológicas, se confundiam com o panorama das imagens alucinantes".

Sem permitir interrupção, qual cachoeira tonitruante, enfocou Annibal Theophilo, lembrando a Péricles.

– "Quando voltaste da França, em 1914, fugindo à guerra, Annibal era o secretário do Teatro Municipal. Falou-me de ti horas e horas seguidas, com a ternura de um enamorado. Aquele célebre soneto – 'Palavras de um forte' –, a ti dedicado e do qual foste o inspirador, quando no seu amargo desespero, numa enxerga de hospital, em Manaus, serve-lhe hoje de epitáfio no São Francisco Xavier". E declamou o último verso do soneto: "Estou sereno em face do infinito".

Sem interromper-se lembrou Raymundo Monteiro:

– "Grande irmão em Apollo. Quando do surgimento de *Volutas*, seu livro de estréia, era figura insubstituível no turbilhão de Paris, na boêmia libertina de Montmartre e nos cafés do Boul! Mich, tomando banho de sol em Ostende, no verão, e gozando da intimidade de Collete e dos poetas célebres da França, naquele tempo: Verlaine, Mendés, Leon Vallade, Albert Mérat, – no fastígio de sua glória, no Rio, pertencendo à roda gloriosa de Bilac, Annibal Theophilo, Goulart de Andrade, Leal de Souza, Emílio de Menezes, Bastos Tigre. Bilac era um amoroso de seus poemas parnasianos; e nas horas fugitivas das noitadas estúrdias, recitava-os de cor, exaltando-lhe as rimas floridas e caprichosas".

Após referir-se aos poemas das *Horas Lentas* (o outro livro de Monteiro), fitando a esposa de Péricles, num gesto de elevada galanteria, "declamou impecavelmente os alexandrinos lapidares e majestosos do soneto 'Andrômaca', de Raimundo Monteiro (...)". (Andrómaca era a esposa de Péricles Moraes que na oportunidade o acompanhava). Então, quedou-se imóvel, a cabeça curvada reverentemente sobre o peito num exagero de respeito e distinção, que lhe era peculiar. Tão que Bilac já lhe plasmara o conceito:

– "Martins Fontes, sem exagero, não seria Martins Fontes".

Entretanto, o poeta logo sairia daquele transe para afirmar, com eloqüência:

– "Asseguro-te que não trocaria o milagre desses quatorze versos do Monteiro pela obra-prima clássica de Racine!".

Mas o artista ainda brindaria o nosso Péricles com esta observação magnetizante e comovente pela lembrança gravada em seu cérebro prodigioso:

– "Há no *Legendas e Águas-Fortes* uma página que parece refletir a maravilha policrômica do espectro solar. É aquele em que, multicoloridamente, perfilas a condessa de Noailles. A tua adoração pela altíssima poetisa do *Eblouissements* infere-se por esse elogio transverberante. Eu também lhe consagrei ditirambos ao espírito pagão (...)".

E, como que em total encantamento, iniciou a história fascinante de seu encontro com Anna de Noailles, em Paris, no "salão de artista" da magnífica mansão da condessa.

Tão grande era a admiração do bardo brasileiro pelo virtuosismo literário da poetisa francesa, que esse sentimento logo evoluiu para fulgurantes impulsões de instintiva sexualidade. O delírio da volúpia suplantava aquela aura de espiritualidade que envolvia o seu objeto de adoração, enquanto só poeta e musa inspiradora, para transformar-se em obsessão carnal. E é do próprio Martins Fontes esta declaração patética com que brindou Péricles:

"(...) Rojei-me aos seus pés, trêmulo, de joelhos, os cabelos desgrenhados, a boca febricitante. E com um gesto

desabalado de Coquelin, antes que ela me tivesse pronunciado uma só palavra ou uma expressão de cumprimento, recitei, em louvor de sua glória preexcelsa, uma balada clássica, em francês, puríssimo, que eu adrede compusera, retocara e decorara. A condessa, no começo da tragédia, julgando-me um louco varrido, tinha o olhar esgazeado e conservava a fisionomia fechada, que acabou por desanuviar-se. Descobri que um sorriso imperceptível desabrochava nos seus lábios... Era o triunfo. O ambiente estava saturado do perfume da condessa. Ouvi-lhe a voz veludosa e envolvente, que tinha o sabor de um beijo. Que prodigioso espírito de mulher! Depois...".

Depois, Mário Ramos, consultando o relógio, despertou a todos daquela hipnose coletiva anunciando que era hora de partir, que os seus compromissos de industrial o chamavam, e a partida se fazia inadiável.

O automóvel partiu. Martins Fontes, de longe acenava aos caravaneiros com ambas as mãos.

E Péricles conclui, desolado e saudoso esse primoroso fragmento, extraído de sua retentiva privilegiada, com que abre o esplêndido volume de suas "Confidências Literárias".

"Parecia adivinhar que seria essa a primeira e última vez que nos veríamos".

Uma rememoração votiva

Oyama Ituassú

Ao ser eleito para a Academia Amazonense de Letras, tive a alegria de saber que a poltrona que iria ocupar tinha como patrono a figura excepcional de Rui Barbosa e que meu antecessor, do mesmo quilate, fora Waldemar Pedrosa. Ambos admiráveis no contexto nacional, ambos brilhando no cenário exterior, ambos marcantes na vida cultural do País e no Amazonas.

Por essa estranha coincidência, os dois vultos se geminaram. Rui, o Águia de Haia, jurista e político, foi luminar na conferência de Haia, e Waldemar Pedrosa, representando o Brasil na Conferência de Paris, teve fulgor semelhante. E ambos defenderam os direitos e interesses do Amazonas.

O PATRONO

Há uma identidade em certos seres que se assemelham a acontecimentos telúricos: desbordam do normal, excedem-se em sua amplitude e força, põem à margem como trapos as coisas comuns estáveis, na fúria de sua projeção. Nascem, crescem, agigantam-se, assumem proporções altíssimas, tornando em nada tudo que os cerca. São fenômenos da natureza, quais árvores que, fechadas no vão restrito do meio ambiente, são dominadas pela sede de crescer e buscam luz, rompendo o mundo vegetal que as circunda.

Esse heliotropismo atingiu Rui Barbosa, homem que se destaca no horizonte brasileiro com a mesma nitidez das palmeiras-imperiais na planície coberta de árvores anãs. Fenômeno genial tão completo que, absorvendo as energias produtoras de outros gênios, fez de si uma superestrutura mental tão grande, que a própria era cultural poderá ser denominada de século de Rui, tal o impacto deslumbrante de sua permanente presença.

As múltiplas facetas de sua personalidade incomum manifestam-se em todos os detalhes e cada um de seus pronunciamentos lhe atesta a sólida formação cultural, primeiro marco de um vastíssimo território de sabença, concentrado em gigantesca moldura cultural. Ninguém nestes Brasis, em sã consciência, clara e

despida de vaidade malsã, pode negar os inegáveis méritos policrômicos de Rui, cuja visão intelectual tinha a dimensionalidade continental – por que não dizer? –, universal. Humanista seguro, o mais puro que estas terras conheceram, a multiplicidade de seu talento excepcional, aprimorado por uma cultura que poderia caber em vários homens de cerebração elevada, tactilizar as variadas fisionomias de suas manifestações é problema árduo e fascinante. Anatomizá-lo é tarefa sobre-humana, como dissecar sua obra atividade morfológica incoadunável com a sacritude. Daí o acerto de Batista Pereira ao dizer que, esmerilhar Rui em seus diversos aspectos, seria obra de geração e que preferia ver seus pensamentos em movimento, em vida, "em irradiação, evocados na atmosfera em que vibram, frementes de revolta ou de fé, de cólera ou de esperanças, livres e sem nome como uma revoada de andorinhas".

Os deuses desfrutam de imaterialidade e por isso pesquisar em Rui o conteúdo cerebral, com a curiosidade mórbida de assemelhá-lo aos mortais, seria ofender a pureza integral de suas idéias luminosas, que abriram caminhos novos nos inúmeros setores de aplicação a que dedicou a maravilhosa qualidade que dele fez um temperamento imortal.

Rui foi um século de cultura conectado em um homem ou, se quisermos repetir o que disse um de seus biógrafos, "o construtor de uma catedral em cujas naves reboa o eco de todos os ideais de seu tempo". Catedral mística da polimorfia cultural, transmudou-se nos inúmeros rostos que lhe marcam a existência terrena, como lindes peremptórias de um domínio incontestável no império soberano do saber.

Rui-político, figura habilíssima de orador parlamentar cujas frases constituíam soberbas expressões de vivência democrática, sentia a efervescência procelosa da maresia popular e se antecipava aos fatos com uma agudeza de visão única. Ao proferir a conferência sobre o Partido Radical em 1869, já percebia a onda avassaladora da abolição quase presente e proclama, em pleno Império, que "a existência do elemento servil é a maior das abominações", pois "o espírito do século não tolera mais escravidão".

Empenhando-se na campanha civilista, derramou a torrente de sua eloqüência em discursos que formam uma constelação de estrelas vernaculares, onde ao lado da forma pulsa e vibra permanentemente o sentimento cívico da nacionalidade. Fez da luta política uma força de consciência e nela proclamava como únicos poderes legítimos a inteligência, o direito e a religião, símbolos da evolução da humanidade. Transformou sua candidatura, pelo poder do verbo incandescente, em um luzeiro de verdades e erigiu em dogma o princípio da intangibilidade da vontade popular. Tão forte sua convicção libertária que exclamava em carta: "Toda a vez que uma opinião lícita for convertida em crime, eu, em revolta com os inquisidores

políticos, me inscreverei na opinião perseguida".

Brilhante, com um cérebro incomensurável a abrigar um mundo de eloqüência, determinava a distância exata entre ela e a retórica, ao defini-lo como privilégio divino de palavra na sua expressão mais bela e mais natural, "a evidência alada, a inspiração resplandecente". Fê-la mais eruptiva ao proferir orações imortais no decurso dessa marcha de civismo, em que expôs aos olhos deslumbrados da coletividade toda a sua pujança intelectual.

Jurista, estruturou o direito constitucional brasileiro nas suas célebres petições de *habeas-corpus* ao Supremo Tribunal, definindo e difundindo as liberdades humanas ante as prepotências do poder dominante. Rasgou com o punhal de sua pena a obscuridade das regras então vigentes para nelas traçar, em linhas de fogo, a estrada da razão jurídica. Abriu em largos movimentos de sua mão, orientada por uma convicção raras vezes igualada, novas rotas de acesso ao homem para resistir aos desvarios autoritários. Pintou um mural de normas para a nacionalidade, nele enquadrando as situações reais que deviam merecer o apoio do direito.

Os grandes homens precisam de espaço para a medida de sua exata dimensão. Para Rui, Haia foi esse proscênio e de onde se lançou do regional para o universal. Lá, na contundente resposta gerada pelo incidente Martens assentou, em frases gravadas no mármore eterno das grandes definições que norteiam o mundo, a exata distância que vai da política em si como atividade, da política essencial em seu sentido mais alto, ao interesse supremo das nações e das relações entre os povos, defendendo princípios que converteram os usos flutuantes do direito costumeiro, em regras escritas postas sob a confiança dos Estados. Projetou-se desde então como um foguete da inteligência cultivada, no espaço sideral povoado de estrelas de primeira gama. Rui, por isso, tem o destino dos cometas eternos: iluminou em sua passagem os campos de sua intensa lavra jurídica e a luz que nele existe ilumina onde quer que seja buscada, sem o menor liame com o tempo, que em relação a ele é imutável.

A figura poliédrica do patrono torna-se soberba na fisionomia filológica. Que de novidades perfeitas exumou da história da língua portuguesa, para distribuir à larga como um perdulário da linguagem! Jogava com as palavras com a maravilhosa facilidade de quem maneja o tear, tecendo em letras de ouro peças artísticas de fino lavor. Tanto poetizava ao escrever "alar um pouco o espírito ao panorama do dia que reponta", como anatemizava o batoteiro ao marcá-lo com o ferrete de que "a natureza moldou nos instintos das espécies roazes, os dotes em que o aprimora". Profundo na sua sabedoria, gizava a forma de maneira a mais perfeita. Tanto ia da peroração filosófica ao afirmar não conhecer "duas grandezas tão vizinhas pela altitude, tão

semelhante pelas suas lições, tão paralelas na sua eternidade como a justiça e a morte", como se tornava um todo de sentimento filial ao dizer:

se o bem desabotoa alguma vez
a superfície agreste de minha vida,
vós sois a mão do semeador,
vós, cuja energia me criou o coração
e a consciência, cuja bênção
derramou a fecundidade sobre as urzes
de minha natureza. Vós, autores benignos
do meu ser, vós sois a árvore dadivosa,
cujos benefícios sobrevivem no
reconhecimento que não murcha.

Homem ímpar, homem-monumento, cuja altura gigantesca não pode ser dosada por nós, pobres ervas rasteiras que não nos abalançamos sequer a levantar os olhos para o infinito, Rui desmesurou-se e exauriu as forças pátrias, que não mais produziram fruto igual, repousando de uma gestação que se prolonga em demasia.

Uma das mais antigas criações do homem é o mito, cuja respeitabilidade, aponta Fromm, faz parte de nossa religião, com uma autoridade tradicional que passa a pertencer a um mundo intocável. Mas, como todos os mitos, há quem busque, em afã inglório, macular-lhe os contornos, esmerilhando detalhes miúdos dispensáveis ao conjunto. A essa atividade malsã não escapou Rui, conseqüência normal aos que superam as contingências do meio e trabalho alentado se fez na tentativa de derrubar o ídolo, cuja divindade imperecível se fez alvo de minudências e pequenezas.

Coisa estranha, porém, sucedeu: a sombra do imenso brasileiro, já de si excepcional, cresceu na razão direta da agressão e como que se materializou na defesa ardente feita por seus sectários. Porque as grandezas não podem ser diminuídas e valem pelo que contêm.

Coube-me, Sras. e Srs., a missão excelsa de falar sobre Rui, examinar-lhe a obra, refletir em derredor dos efeitos de sua atuação nacional. Pesquisar tanto é algo a fugir de mim mesmo, pois legítimo sacrilégio a que me abalançaria jamais, o bisturizar o corpo intelectual do grande baiano. Seria uma forma de pretender retalhar, sob cautela científica, a imponderabilidade de Deus.

O ANTECESSOR

Como se não bastasse a alegria interior do achego literário a propiciar o galardão de falar sobre Rui, surge-me o instante, fornecido pela destinação fatal dos seres vivos, de bosquejar ao redor de Waldemar Pedrosa, antecessor na cadeira acadêmica, honra em demasia a quem jamais a tanto aspirou, mas que me permite ver a beleza íntima de um homem singularmente bom, sábio e justo. Pago-me assim de uma antiga admiração e lamento profundo vai aqui, por ter de dizer, à distância da eternidade, o que sempre julguei de vero a seu respeito.

Nossa terra, com suas peculiaridades continentais, de quando em quando desperta da letargia dos tempos provocada pelo crescimento anormal. Acumula durante longo espaço o húmus caldeado pelos entrechoques da natureza, fermentando lentamente os depósitos seculares até que, saturada de prodigalidade, resolve lançar à tona o produto da cristalização de suas energias, a demonstrar a pujança das forças eternas. Explodiu de suas entranhas um jorro de luz – Waldemar Pedrosa –, misto de sábio e artista da palavra, de jurista e filólogo, pensador-filósofo que se enveredou na política para melhor provar as reais facetas de sua figura antológica.

Nasceu aqui, em uma época intensa sob todas as formas, quando a explosão econômica repercutia fundamente nos temperamentos humanos, forrando-se todos de anseios e premências, sentindo a vibração intensiva propulsionadora dos aprimoramentos materiais e culturais. Recebeu, por isso, a impetuosidade amazônica no verdor da juventude e com as amplas portas de um largo horizonte abertas aos olhos deslumbrados, de logo ingressou na atividade pública como oficial de Gabinete de seu venerando pai, o ilustre Jônatas Pedrosa. Linhagem de família, unida a uma fidalguia de espírito que sempre foi o envoltório de seu quadro pessoal. A partir daí, abriu as asas jovens e avançou célere no azul de seu próprio mundo, construindo uma vida intensa e belamente vivida.

Atuou em várias administrações do Estado com a luminosidade costumeira e que por isso se tornou seu ectoplasma intelectual, ascendendo com segurança e por qualidades próprias, aos altos cargos que dignificou com sua presença constante. Sereno e firme, intervinha quando tal se fazia mister, com admirável equilíbrio e ponderação.

As crises nacionais encontravam-no vigilante e compartilhou das responsabilidades públicas ao se eleger para a Assembléia Constituinte de 1946, onde se projetou com o brilhante parecer sobre a ilegalidade do Partido Comunista, enunciando conceitos de valiosa ponderação a respeito da segurança nacional e a necessidade de resguardá-la de agremiações que, por suas finalidades, contrapunham-se à estabilidade da ordem pública e social.

Nesse aspecto, em realidade, firmou dois entendimentos seguros: de um lado, o princípio da legitimidade da representação partidária, desde que o sectarismo não ofendesse as regras constitucionais estruturadoras da nação e, de outra parte, a regra doutrinária consistente na invalidade dessa mesma representação, quando colidente com os fundamentos políticos do Estado. Esse trabalho, de larga envergadura e erudição, merece ainda hoje ser meditado pela segurança dos pensamentos emitidos e, mais ainda, pela exata aplicação de uma corrente jurídico-política que alça a defesa institucional do Estado a uma categoria superior, como

guardião supremo dos interesses e metas coletivas. Assentou dessarte a pedra angular norteadora da atividade pertinente ao poder público, na efetivação das providências que iriam, mui justamente, pôr à margem da lei um partido que se opunha frontalmente à mentalidade democrática vigente e aceita pela maioria, em uma definição de atitude política ajustada a sua percepção dos problemas ligados às funções e deveres do Estado.

Profunda e intrinsecamente democrata, fez da prática da democracia o seu cotidiano e agia, pensava, professava e praticava a liberdade, inerente ao homem em sua plenitude consciente, como uma regra intangível a que obedecia com clara convicção de sua consciência desatada e firme. Abeirou-se em sua fase primeira nas lições dos juristas franceses, sendo comuns a seu espírito as obras de Duguit, Dendias, Vedel e Hauriaou, cujo conteúdo publicista se incorporou à sua formação, jamais permitindo que em nome de uma falsa noção de validez do poder fosse praticado, com plácito seu, qualquer atentado às liberdades individuais. Construiu seu próprio respeito e nele viveu.

As tendências naturais da época fizeram-no bacharel em Direito e o título lhe abriu as comportas do talento, fazendo-o brilhar onde quer que fosse chamado. Tanto fazia se se tratasse de causa particular ou do interesse do Estado, profissionalmente ajusta à especialidade selecionada ou fora dela, onde quer que surgisse oportunidade fazia do melhor.

Chamado a representar o Brasil na 6.ª sessão ordinária da Organização das Nações Unidas, realizada em Paris de novembro de 1951 a janeiro de 1952, participou das tarefas mais ingentes para a reestruturação do mundo do após-guerra. Integrando a Comissão de Tutela, com a finalidade de traçar a linha de conduta para o progressivo alevantamento das populações e territórios indígenas a um nível condizente, participou dos trabalhos em intervenções que definiam não só orientação segura e firme de lucidez política, como externava contextura jurídica internacional do melhor quilate. Na reunião de 22 de novembro, inscreveu-se para focalizar o problema da autonomia das regiões sob tutela e, ao assentar a posição brasileira, afirmou a tese, por todos os títulos correta, de que um território administrado internacionalmente por uma potência para isso credenciada, não tem sua liberdade condicionada à vontade do Estado mandatário. Problema de alta relevância, porque expunha à luz dos debates questão importantíssima ligada ao princípio da autodeterminação dos povos, teve no orador a elocução das normas que confirmam o instituto. Brilhou nesse debate e brilhou alto, recebendo aprovação do plenário a tese brasileira por ele defendida.

A seguir, partilhou do explosivo caso do Sudoeste Africano, nascido das preocupações colonialistas de Estados interessados e, ao examinar o relatório da Comissão sobre os territórios administrados, teve oportunidade de proferir o seu mais

belo e jurídico trabalho, ao apontar o erro que estava sendo cometido com o desvirtuamento dos objetivos da instituição internacional. Ressaltou que as inclinações imperialistas estavam concorrendo, com a sua inércia e displicência propositadas, para o declínio do prestígio do órgão e, ao sentir o drama das tribos africanas, assaltadas pelos Estados administradores e postos sob regime de escravidão e suplícios corporais, profligou o atentado como uma ofensa à integridade moral internacional, nestas palavras dignas de repetidas:

> *A nova era de civilização que as Nações Unidas começaram e vão construir para o mundo, a era da liberdade à qual são convidados a participar todos os povos que amam a paz e a justiça, não se pode fundar na violência e no envilecimento do homem,*

para em seguinte acentuar, em um ajustamento perfeito às reais e imperecíveis normas que regem a humanidade consciente de seus objetivos, que

> *o progresso na economia dos territórios não autônomos não se pode separar de seu desenvolvimento nos domínios social, político e educacional.*

Filiou-se, pois, ao processo evolucionista ensejador de independência pela aquisição das qualidades intrínsecas que amaduram os povos e lhes permite ascender na escala civilizatória como legítima aspiração. Foi tão realçante a repercussão do discurso de Waldemar Pedrosa, que jornais americanos, como o *New York Herald Tribune*, na edição de 20 de dezembro de 1951, comentam a posição brasileira exposta por seu delegado, com referência nominal ao orador, o que denota a importância do pronunciamento.

Ainda aqui, uma vez mais, a identidade de duas vidas brilhantes a serviço da pátria: Rui em Haia, na Segunda Conferência da Paz, na defesa intransigente das doutrinas que iriam reger o mundo de hoje, e Waldemar Pedrosa, o Rui glebário, representando o pensamento jurídico na Assembléia das Nações Unidas, no resguardo dos imprescritíveis direitos do homem à sua própria dignidade.

Ao lado dessa jornada jurídico-política, havia em Waldemar Pedrosa uma indesmentível vocação para o magistério, cujo notável desempenho teve por berço o concurso prestado para a cátedra de Francês da antiga Escola Normal do Estado. A obra – *Une Recherche Philologique* – é peça de raro artesanato cultural, trabalhada por mãos de artista rafaelino da forma pura, burilada com o carinho dos verdadeiros mestres e que recebeu encômios e louvores derramados, tal a perfeita demonstração pública de um conhecimento quase nativo da língua francesa. Como jamais produziu de assal-

to, pesquisou fundo e rastreou o material de que urgia para a feitura da obra-prima. Fez o excelente, porque de tão boa fonte jamais jorrou ruim água com eiva de qualquer turvidade.

Catedrático de Direito Penal de nossa breve sexagenária Faculdade, preparou gerações para o combate profissional da tribuna do júri, onde pontificava com estilo e vigor. Lecionava com a alma e transmitia seu entusiasmo contagiante pelas doutrinas modernas explicativas da conduta humana em face do delito, em aulas memoráveis de erudição, consagrando-se o mais perfeito penalista do Amazonas.

Tive a ventura de ouvi-lo como seu aluno nos idos de 1937 e ainda posso sentir vibrar, no ar vetusto do venerando estabelecimento, as explicações excepcionais do mestre, dissecando com o ágil manuseio de suas palavras as mais atualizadas tendências do Direito Penal. Aprofundava-se nas teorias de Von Liszt, Binding e Mezger, examinando detidamente as escolas neoclássicas de Detker e Nagler, a biológica racista de Nicolai e a autoritária de Dahm e Schaffstein, depois de enveredar, rijo e belo, na concepção tradicional da escola positiva, ressaitando a imponência do período antropológico de Lombroso, o conceito sociológico de Ferri e o esplendor jurídico de Garofalo. Eram familiares a seu estudo as doutrinas de Longhi e Grispigni, Florian e Garraud, Sabatini e de Nicola, como a visualização de Collajani e Lacassagne, cujas teorias explicava com uma clareza penetrante, permitindo assim a absorção das idéias expendidas, pelo natural fato lógico da enunciação empolgante.

Dele guardo, dessa fase da vida que entesoura na retina do espírito, as imagens e os ensinamentos que se fixam sem remição, um retrato físio-cultural que o tempo se incumbiu de polir e resguardar: um homem de rara beleza interior e por isso de estrutura excepcionalmente elevada, manso no falar, mas expendendo pensamentos de uma forma única, fidalgo no porte e no trato, humanista perfeito em um século onde o humanismo perde vez ante o tecnicismo avassalador, digno sob todos os títulos e cuja presença ainda é uma constante no panorama intelectual de nossa terra.

Além do mais perfeito, primoroso na elocução e nas imagens, palavra que encantava pelas vibrações emocionais de que se vestia, ao ressoar de modo impressionante no ambiente. Exemplo vivo dessa oratória é a saudação feita no átrio desta Academia, quando retornava, refeito de sua primeira grande enfermidade, o luminoso Adriano Jorge, grande até nos seus males.

Verdadeiro poema de sensibilidade, onde transparece a afeição sincera entre os dois grandes vultos o discurso, como tudo quanto era por ele lavrado, contém trechos alcandorados delimitadores da invulgar personalidade do nobre antecessor. Expressou o regozijo acadêmico pelo regresso do presidente e amigo, em palavras repontadas de comovida ternura.

Conferencista, enunciou na "Anterioridade da Lei" conceitos de convicção firme e decidida, ao proclamar que "a Lei penal é o reflexo da civilização de um povo, é o diapasão pelo qual se afere o grau de desenvolvimento político e social de um Estado". Verteu para a língua de Molière o discurso de posse de Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras, onde expõe à larga o domínio filológico.

Paraninfo da turma de bacharéis de 1939, a minha turma e a última que honrou com sua presença na cátedra, proferiu aula magistral de Direito, mostrando a perfeição das regras que conduzem o homem no seu viver coletivo e os deveres inerentes a essa função, mas ao mesmo tempo pondo de ressalto que o grande papel do advogado é a defesa intransigente das liberdades públicas, a proteção permanente contra o arbítrio, porque somente na Lei, como norma suprema e guieira da sociedade, está o abrigo seguro oferecido a todos que têm sede de justiça. Jamais disse o que não praticava e a integridade moral desse grande homem e grande coração que foi Waldemar Pedrosa, encontra reflexo espelhante em toda a sua vida, modelo de saber, virtudes cívicas, honra e dignidade.

É essa a visão que tenho dos dois grandes vultos que emolduram a Academia.

Cadeira n.º 1 – Péricles Moraes

J. Bernardo Cabral

É sempre um prazer renovado alguém se curvar à memória de Péricles Moraes, o esteta das letras e do pensamento, cujo talento confirma ter sido ele, de forma induvidosa, filho legítimo da erudição com a inteligência, e que nos deixou a melodia do seu esplendor cultural.

O saudoso Acadêmico Mendonça de Souza, que presidia a Academia quando nela tive a honra de ingressar – 9 de fevereiro de 1983 –, conceituou Péricles, de certa feita, como "o espadachim da prosa".

Nascido no Amazonas, no dia 28 de abril de 1882, tal qual o outro Péricles – o ateniense –, merece ele o cognome de Olímpico, porque sempre viveu dentro da maior simplicidade e no meio de uma sociedade de literatos, o que levou o saudoso Acadêmico padre Nonato Pinheiro a colocá-lo "no mais alto cimo da cordilheira mental de nossa terra".

Considerado como "Príncipe da Intelectualidade, Soberano do Pensamento" (Leôncio de Salignac e Souza) e a ele dever o Amazonas "a sua maior projeção mental no cenário da Pátria" (Ramayana de Chevalier), Péricles Moraes fez de *Figuras e Sensações*, fruto de estudos publicados na imprensa, o seu livro de estréia.

Conheci-o pessoalmente, em determinada manhã, quando, ainda aluno do Colégio Estadual do Amazonas, lá pelos idos de 1949, fui levado ao Templo augusto em que reinava dona Andrômaca, sua fiel esposa e dedicada companheira, pelas mãos do professor Mário Ypiranga Monteiro, que gozava de sua intimidade.

A impressão que deixou nitidamente marcada naquele jovem de então foi a de uma espécie de cheiro de santidade em tudo que dizia. Confirmo hoje, na maturidade – quando a capacidade de escolha e julgamento se aprimora –, que razão tinha Moacyr Rosas ao proclamar: "para todos nós, cultores das letras, insistimos neste ponto: é tarefa difícil visionar a figura de Péricles Moraes".

Por onde, pois, começar a traçar-lhe o perfil? Pela edição comemorativa do seu jubileu literário, em que a *Revista da Academia Amazonense de Letras*, em seu número 6, a ele dedicou nada menos de 278 páginas e na qual desfilaram depoimentos dos membros desta Academia, da Brasileira de Letras, de Sócios Correspondentes e de personalidades das letras e do jornalismo?

Como poder resumir o que é impossível de ser resumido, acrescido de correr o risco de não ser compreendido? Por outro

lado, que tarefa mais do que complexa, num artigo assim, resumir um livro inteiro sobre um homem mais do que inteiro?

Impetro, portanto, aos que me lêem, uma ordem de bondade e tolerância para que possa, aqui e acolá, pinçar traços da vida daquele a quem o grande Camille Mauclair, a respeito de *Figuras e Sensações*, assim se manifestou:

Vous pensez bien le plaisir profond que me fait votré étude; la reconnaissance que j'en eprouve fairt de moi votre ami. Vous avez admirablement résumé et synthétisé ma pensée... (Carta enviada de Saint-Leu-La-Forét, Seine et Oise, 9 juillet 24, In *Revista da Academia*, p. 173).

Seu segundo livro, *Coelho Neto e Sua Obra*, também como o primeiro impresso no Porto, Portugal, mereceu de Abguar Bastos este registro:

"Com a mesma preocupação elevada e honesta de comentador complexo, Péricles Moraes espremeu diamantes ao talento. Atirou ao público um novo livro, onde, em 172 páginas, espreita, analisa, define, consagra e realiza. Realiza, também, a sua estilização, sempre riscada a vertigem, sempre elástica e multiforme. Notamos que o autor é um fecundo observador. A sua observação é tão atilada que ele sente o que vê, com a mesma faculdade da perspectiva" (*Revista da Academia*, n.° 6, p. 192).

O próprio Coelho Neto, na troca da volumosa correspondência que ambos mantinham, não se esquivou de, em uma delas, declamar sobre essa obra:

"Acabo de ler o seu generoso livro sobre o "pobre de mim", como diria Fernão Mendes. Quanta lenha para o auto de fé que me espera! Em tal pira, de arômatas como os troncos do Líbano, a morte será deliciosa. Obrigado! Muito obrigado! (*Revista da Academia*, n.° 6, p. 220).

Seu terceiro livro, *Legendas & Águas-Fortes*, considerada por alguns como a sua obra clássica, mereceu do filólogo João Leda, como dá testemunho o não menos erudito pe. R. Nonato Pinheiro, a afirmação:

"Lendo-vos, tem-se a nítida impressão duma daquelas páginas tonitroantes de Chateaubriand, onde se ouve o ribombar dos trovões, fazendo estremecer nas selvas a colossal estrutura dos robles seculares. Não é um livro que se lê, é uma tempestade que se escuta" (*Revista da Academia*, n.° 6, p. 129).

Palmilhando o mesmo caminho, Alberto Rangel, criador do imortal *Inferno Verde*, assinala, em carta de Paris, datada de 18 de dezembro de 1935:

"A sua estima coerente e esclarecida de navegante nos meandros da composição literária, as linhas de simpatia com que sobretece a talagarça das idéias, a sã madureza do seu espírito, essa atenção e sobriedade que se distinguem os bons servidores e apreciadores das altas cousas do espírito, tudo isso se revela em *Legendas & Águas-Fortes*" (*Revista da Academia*, n.° 6, p. 182).

Não foi por outra razão que, depondo sobre Péricles Moraes, a respeito do seu *O*

ritmo da vida na arte da Condessa de Noialles, asseverou Remigio Fernandez:

"Trabalho de ciclope, de síntese admirável, inigualável, que funde, numa só peça de bronze, o exame crítico de toda a célebre escritora. Em França, o teu trabalho, na língua de Racine, seria a palavra definitiva para a prosperidade, quando esta quisesse ajuizar o valor literário da eminente prosadora e poetisa" (*Revista da Academia*, n.° 6, p. 175).

Nesse passo, merece ser destacada a opinião do sempre saudoso e festejado Waldemar Pedrosa, também ele Presidente desta Casa, sobre "a estrutura intelectual" do Patrono da Cadeira n.° 1:

"Péricles Moraes sentiu diretamente a emoção que lhe comunicaram o estilo e o pensamento dos escritores que mais se transfundiram na sua organização mental, porque os leu nos originais: Dante e D'Annunzio, Carlyle e Emerson, Flaubert e Maupassant.

O segredo da sua extraordinária cultura literária está nos seus vastos conhecimentos lingüísticos.

Nele, porém, mercê do temperamento artístico, o escritor sobrepujou o filólogo.

Péricles Moraes lê o inglês, o italiano e o francês, como o português".

Sua obra magistral não parou por aí. Os pósteros precisavam saber quem fora Araújo Filho e os contemporâneos teriam de reconhecer-lhe o fecundo talento. Dessa empreitada resultou a *Vida Luminosa de Araújo Filho*, sobre a qual se penitenciava Jayme Cardoso:

"Acabo de ler a *Vida Luminosa de Araújo Filho*, que Péricles Moraes escreveu e publicou. É uma biografia. É a biografia de um dos mais altos talentos que iluminaram a Amazônia nestes últimos anos".

E mais adiante:

"A vibrante e admirável organização literária de Péricles Moraes deu à *Vida Luminosa de Araújo Filho* a eloqüência e a elegância de um panegírico, no rigoroso significado vocabular do gênero. Sua prosa talhada em períodos de recorte perfeito possui o movimento largo das prosas que respiram. Sente-se que o escritor, antes de principiar a escrever, abre todas as janelas do seu gabinete. Misteriosa, infiltrante aragem – não sei, não posso fugir a esta observação – a que reúne em si a força e a harmonia dos jardins aristocráticos e das florestas indevassáveis" (*Revista da Academia*, p. 188-189).

Afinando pelo mesmo diapasão, deu a lume ainda o seu destacado *Leopoldo Peres*, a fim de repor as infâmias assacadas pela politicalha desenfreada àquele a quem dizia dever as maiores emoções de sua "humilde carreira de homem de letras provinciano".

Ao abrir a obra, fez questão de esculpir, dentre outros, os seguintes períodos:

"Nenhuma outra figura literária de sua geração, as numerosas que de mim se apaixonaram, tanto se alcandorou na minha estima e no meu fervoroso apreço. Nenhum outro amigo, por tamanhas

provas de confiança e simpatia, cresceu mais depressa na minha admiração".

Tendo produzido antes *Retrato de Augusto Linhares* e *Confidências Literárias*, já reconhecido e proclamado nacional e internacionalmente o seu amazônico talento, Péricles era um homem de exagerada modéstia, a ponto de, em carta dirigida ao professor Agnello Bittencourt, meu mestre no Colégio Estadual do Amazonas, e da qual tomei conhecimento pela gentileza do seu filho, Ulysses Bittencourt, também escritor de nomeada e saudoso membro desta Academia, fazer consignar o que se segue:

"Com grande surpresa minha, em sessão ordinária, e por aclamação, elegeram-me seu Presidente, em substituição do Adriano. Essa prova de apreço, sensibilizou-me profundamente, embora me julgue muito baixo da função que me foi delegada pela generosidade extrema dos meus confrades".

Se esse – "a vol d'oiseau" – é retrato pobre, esmaecido, mais pela falta de aptidão do pintor do que pelo colorido das tintas que usa, daquele que não prestou apenas serviços à cultura, à arte, à coisa pública, uma vez que exerceu as funções de prefeito da cidade de Coari, diretor da Instrução Pública do Amazonas, tabelião e secretário-geral do Estado, oportuno será destacar que também foi consagradora a sua atuação quando estava a sair do País da excepcionalidade institucional para o reordenamento constitucional.

Ao deixar o cargo de secretário-geral do Estado, recebeu ele, datado de 16 de fevereiro de 1946, documento no qual o então interventor federal, desembargador Emiliano Stanislau Affonso, fazia, dentre outras, estas considerações:

"Deve-lhe o povo sincera e decidida assistência pelas acertadas medidas sugeridas para a solução dos problemas de primeira ordem, e é oportuno se sabia ter Vossa Excelência, em determinadas crises, posto à margem sentimentos afetivos para somente olhar o bem da coletividade. Agora, de regresso ao ambiente sereno e luminoso do templo de Arte e de Sabedoria em que transformou o seu gabinete de estudos, leva o emérito patrício, com os meus aplausos e de todos os companheiros desta jornada histórica, em prol da restauração da Democracia pátria, as homenagens de um povo que o conceitua uma de suas glórias nos domínios do pensamento e padrão do caráter pelas suas excelentes virtudes" (*Revista da Academia*, n.° 6, p. 256).

Pois é esse notável varão – a quem o Presidente João Mendonça de Souza dedicou um ensaio de 68 páginas e a Câmara Municipal de Manaus, no distante ano de 1956, recebeu requerimento para transformar a sua data genetlíaca, 28 de abril, em dia consagrado à "Festa da Inteligência" que patrocina a cadeira em que os meus ilustres pares me fizeram sentar, a partir daquele longínquo ano de 1983, em decisão espontânea e unânime, prestando um ato de homenagem ex-

pressivo e consagrador, embora timbrado por uma indisfarçada generosidade.

Péricles Moraes, onde estiver, saberá que neste Cenáculo sempre será soletrado o seu nome com o mais profundo respeito e a mais sentida admiração.

Rimbaud

Thiago de Mello

Neste amanhecer da floresta, tanta é a saudade daquele nosso tempo, que te invento inteiro, caminhando a meu lado pela beira do rio Andirá. Como faz tempo, caminhávamos conversando, desde as areias da Ponta de Tralca, alto rochedo que mergulhava no mar, até as pedras da tua Isla Negra, que um dia de pronto deixaram de nos contar os seus segredos, porque já estavam todos guardados nas fotos do nosso irmão, o genial Antonio Quintana, para o teu livro *Piedras de Chile*. Era cuando conversábamos de nuestro tiempo de niños. Tu de los pájaros de Parral, donde naciste. De tus primeras namoradas – namoradas, no me interrumpes feliz: amores. Yo en la vida solo tube amoresi – De tus poemas en el Liceo de Temuco, donde escribiste tus primeros versos. Te conto (enquanto o brilho marinho de teu olhar se confunde ao das alvíssimas nuvens do céu da minha infância), que os teus cadernos em que guardavas os teus poemas, foram salvos da fogueira que teu pai ferroviário acendeu para queimar todos os teus papéis, já que não queria poeta na família, mas que tua querida irmã Laura, a quem eu dizia Laurinha como a ti, Paulinho, correndo o risco de queimar as mãos, salvou os teus dois cadernos. Me olhas espantado: – La Laurita los guardo? Sim, Paulinho, e um dia remexendo num baú antigo ela os reencontra e depois de andar por muita mão aparentada, caiu um dia na minha mão companheira. Dos cinco livros teus que vesti com o idioma do meu povo, acho que esses poemas da tua mocidade ganharam a roupa mais bonita.

Dizes que o feito merece um *tragulho*. Me perguntas pelas horas. Olho o céu e considero que já podemos obedecer a ensinação inglesa de que *never before twelve.* Te convido para que subamos a bela escada de maçaranduba da casa projetada por Lucio Costa, de quem te relembro que traduziste, a meu pedido, um texto dele para os Cadernos Brasileiros que nós dois editávamos. A ventura me ajudou: como se estivesse à tua espera, lá te aguardava luminosa uma *botella* do teu predileto Old Smuggler, cujo abençoado sabor levou tua lembrança a teu avô:

– Meu avô paterno era *tembleque*, e que seu punho tremia quando tomava o vinho. Devo a ele o pouco, um pouco que parece infinito, da figura e dos jeitos de minha mãe. Que perdi com poucos dias de nascido. Tudo que eu tenho dela é uma foto encontrada num desses acasos que a vida nos dá de presente. Mas ganhei outra mãe, tão boa para mim, a segunda mulher

de meu pai, a quem nunca consegui considerar nem chamar de madrasta, por isso inventei a palavra *Mamadre.*

– Confesso, Paulinho, que traduzi chorando este poema de amor a Trinidad que foi a mãe que a vida inventou para que nunca te sentisses órfão.

Vale a pena repetir o trago. As nuvens estão imóveis, defronte de nós, rentes ao debrum da floresta. Tu me perguntas por aquele avô meu sobre cujas virtudes iluminaste um colofon. Era o meu avô Joaquim Mitoso, pai de minha mãe dona Maria. Homem dos centros da mata, cego de cataratas, veio a Manaus para se tratar do diabetes que o impedia da cirurgia. Pois fui ser seu guia de cego. Durante três anos. Devo a ele o que mais sei sobre nuvens, ventos, árvores. Foi ele quem me ensinou a entender o que as estrelas dizem.

Engraçado! A eternidade não pôde contigo. Estás o mesmo, acho até que estás mais bonito. Nem tudo é fruto da minha invenção. Te pergunto pelos amigos. Os da nossa roda de mesa e de canto. Tu os trazes devagar, um a um.

Tua memória está pra lá de boa. Rubén Azocar, Juvêncio Valle, o enorme Manuel Solimano com a sua Meche. Recordas as pernas da filha dele, a Sandra Solimano, concordo que eram belas, Aída e Sergio Insunsa, Anamaria Vergara, Teresa Hamel, Orlando Oyarzum. Te pregunto por tu inseparable secretario Homero Arce y su mujer Maruja, quien fue uma de tus primeras namoradas cuando llegaste a Santiago.

– *Ya te he dicho que no tube namoradas. Tube amores. Maruja era muy bella!*

Me contas que a Fundación que leva teu nome (cuja sede está na linda Chascona, casa que por bondade tua vivi durante mais de cinco anos) tirou uma segunda edição de *Los Íntimos Metales*, livro de sonetos de Homero que traduzi e editei com desenhos que inauguraram a tua carreira de ilustrador da alegria.

– Te esqueceste, Paulinho, da Sara Vial, linda poeta que escreveu um livro sobre tua vida em Valparaiso?

– *Tiens razón, linda la Sara! Pena que en la eternidad esté proibida la entrada de libros.*

Caminhamos vagarosos pelas veredas da floresta. Te peço que contemples a beleza das escamas esmaltadas que a luz inventa nas águas do meu rio. Tu recitas com solenidade o teu verso famoso:

– *Amazonas, capital de las sílabas del água.*

É sonoro o silêncio da floresta. Te comove a alegria da multidão dos pássaros. Um deles está cantando o teu nome.

É o Japiim, amigo aqui da casa. Queres saber se é da mesma espécie do pássaro-sofrê, ao qual dedicaste uma Ode. Quem te deu de presente foi o Jorge Amado, com quem porventura agora conversas, num idioma que não conhecemos, se é que se permite o diálogo entre os que já

atravessaram o tempo. Comigo, sim, conversas e inventas, porque a conversa é nossa precisão, e inventar é o nosso forte. Ainda que sigas dizendo em muitas línguas que Deus te livre de inventar, que nada inventas, só cantas o que vives, o que vês, o que entra pela tua vida.

Na transparência radiosa do espaço, cruza uma garça. Asa de paz, comentas, acompanhando o vôo de asas imóveis. Profundos teus olhos sobem até as frondes mais altas das castanheiras. O ar é fino. As nuvens não caminham. Parecem corpos de mármore. De repente dão contigo a meu lado e começam a mover-se, vão desvanecendo, tomam forma de bailarinas, chamam o vento, querem dançar. Sabem que chegaste porque te quero. Pousas o olhar numa esplêndida borboleta azul-prateada. Não sei bem se me dizes ou se te adivinho que estás lembrando a borboleta irmã desta que ainda está bem conservada na tua casa-museu da Isla Negra...

– *Canta, hermanito, aquella canción de la mariposa azul, era un poema de... Bandeira.*

De Bandeira e Jaime Ovalle:

Vai, voa azulão
Companheiro, vai,
Vai ver minha ingrata,
Diz que sem ela o sertão
Não é mais sertão,
Oh, vai, azulão, vai contar,
Companheiro, vai.

Sais de um daqueles teus silêncios longos e me penetras com o teu olhar cheio de palavras:

– *Los colores de Nemesio Antunez, los de Mario Toral para mi libro* Arte de Pájaros, *ellos los vinieron recogerlosen los crepúsculos dorados de la noche y en los verdes de todos los colores de este pedazo de nuestra América que regaló una rama de su milagro a nuestro Tongoy.*

A palavra me vibra na memória: Tongoy. Meus neurônios fatigados me devolvem límpidos três versos de circunstância (acaso todo poema no es fructo de una bella o terrible circuntancia de la vida?) que me deixaste com tua perene tinta verde, naquela manhã do *Encuentro Del Hombre*, memorável realização do lindo poeta Gonzalo Rojas, quem te quer tanto, lá na Universidad de Concepción, el 62. Querias que eu, filho da floresta majestosa, conhecera o pedaço verde mais antigo de tua pátria, que um dia, por escrito, me deste de presente. Sucede que era a manhã em que me tocava falar sobre a vida do meu povo. Não te pude acompanhar. Mas pelo almoço aproxima-se de mim o doce Linus Pauling, que acabara de ganhar o prêmio Nobel de Química Molecular, e me entrega uma página cheia de tercetos com tua letra inconfundível. Um deles suavemente me dói: Que amigo, que compañero

Que no puede decir voy
Con usteds a Tongoy.

De repente dou comigo falando sozinho. Tua grande figura levou sumiço. O vento não corre sobre as águas do Andirá. O silêncio perdeu a voz. Num instante, mal a mal percebo, vinda de muito longe, como do fundo da terra, da fronde nobre de uma sumaumeira, a música suave do teu riso. Umas nuvens rosadas se reúnem e formam uma única nuvem grande, como la sola sombra larga do Nocturno do poeta Silva, e logo se escurece e deixam cair, com poder de chuvarada, a água celeste. Me deixaste sozinho, querido Paulinho. Preencho minha solidão com o estribilho de nossa canção predileta e canto sozinho: – Soy marinero!

Pois eis que, como se estivessem conosco na tua bela mesa redonda de jantar na Isla Negra, chegam nítidas, prolongadas, escandindo as sílabas afinadas, as vozes inconfundíveis de nossos companheiros que já deixaram este vale de sombras mas levaram com eles o gosto de cantar: Nemésio Antunes, Jorge Sanhueza, Orlando Oyarzum, Rubem Azocar e Delia Del Carril e Matilde, Silvia Cellis, invisíveis:

– *Me gusta el mar! Me gusta el mar.*

Entonces, del lugar en que no te alcanzo, me llega tu estrofa predileta, que primero, cantavas tu solo, con tu voz anasalada y suportablemente desafinada y en seguida en tono fortíssimo todos nosostros, los vasos de vino reunidos en el alto de la mesa, como una grande rosa de la alegría:

Cuantas estrellas ay en el cielo,
Tantos besos yo te daría.
Uno solo no bastaria
Para darte todo mi amor.

De minha ampla ventana te redescubro caminando vagaroso pela beira do rio, com o mesmo traje, a mesma boina, da primeira vez que nos encontramos na Livraria São José do Rio de Janeiro, pela mão do nosso grande Jorge Amado. Quero gritar, para que te abrigues da água torrencial. Como se me ouviras, te voltas sorrindo para mim (que ainda não tinha os cabelos iluminados pela neve da cordilheira), e te despedes:

– *Soy de Temuco, el país donde nace la lluvia.*

Com tua grande mão, me acenas largamente e desapareces na espessura da floresta.

Thiago de Mello,
Rio Andirá, julho, 2004.

Cinco poemas de Almir Diniz

CANTO DE LIBERDADE
À memória de Violeta Branca

No silêncio do tempo, ouvi teu canto
como um clarim de luz, de eternidade!
Nos teus versos de plena ansiedade
há "Rithmos inquietos", quase pranto...

Meus tímpanos captaram teu acalanto
ébrio de rebeldia e liberdade
– coroa a te cingir a mocidade
de enlevo, de ternura... e até de
[espanto...

Teus poemas havidos de momentos
sublimados de amor e de tormentos...
– fragmentos de urdidura liberal... –

Vão-te, poeta, a palma peregrina
de musa humana, esteta e cerebrina
a ofuscar sóis com belo halo imortal.

Manaus, 4/12/2000.

FÊNIX

Vem, oh! fênix, dos meus sonhos,
sacode as cinzas do tempo
e lança a luz dos teus olhos
no monturo da lembrança;
e espalha o carvão deixado
na turbulência dos anos
e sopra, ao fim desse périplo,
o renascer da esperança.

Acende o fogo abafado
pela umidade dos ciclos
envoltos de nuvens pardas
singrando as mágoas da vida;
molha o carvão aguardando
o vento que abana as brasas,
sob a pérgula dos sonhos
tangendo a chama esquecida.

E quando a aragem ligeira
beijar o tição retinto
e um ponto rubro brilhar
na escuridão da clausura...
verás uns fios de chamas
em labaredas se pondo
e sentirás de outros tempos
o meigo olor da ternura.

Então do escrínio das almas
onde hibernam nossos sonhos
e as esperanças dormitam
sob o calor da emoção,
há de surgir, vigoroso,
um novo fogo sagrado
cujas chamas crepitantes
flecharão teu coração.

TEUS OMBROS...

Teus ombros – que fímbrias louras
derramam-se feito espumas
de marés celestiais –,
são como cumes nevados,
são dois poemas dourados,
fidalgos, belos, reais.

Teus ombros, livres de rendas
são cones de luz na treva
de fascinante magia.
Quando os vejo, assim, desnudos,
imagino que são mudos
apelos com fidalguia.

Ante meus olhos de esteta
peregrina luz convexa
desce nesse firmamento
de teus ombros níveos, belos,
para integrar meus anelos
de puro deslumbramento.

GARIMPANDO EMOÇÕES

Nessa planura macia
a veludo parecendo
nela me vi renascendo
num floral de sedução,
de embriaguez e magia,
como a da luz na vidraça,
do vinho beijando a taça,
do amor vencendo a ilusão.

De brônzeo palor vestida,
nos gestos vagos receios,
na timidez dos ondeios,
no silêncio das tensões
vislumbrei os teus tremores
e certo de teus pendores
fui garimpar emoções.

DOIS VÉIU NUM PÉ-DE-VENTO

A véia tava assentada
num tronco. Se ria a véia!
As pelhanca da mocréia
inscurria adiscuidada.
Nisso uns vento traiçoêro
num ridimuium ligêro
levantô panavuêro
deixou a véia avexada.

A brusa afoi levantada
forgada, feita de chita
e a saia frôxa e bonita
avuô, a disgramada,
dexano a véia Kelé
sob o oiá torto do Zé
qui instava junto ao seus pé
lembrado coisas passada.

Intonces, Kelé, coitada,
aperriada qui nem
mostrado as coisa qui tem
as mão num dano pra nada
gritô: – te afasta véi Zé!
mas num novo rapapé
o vento insperto qui é
deixô a véia pelada.

Num seno zarôi nem nada
e teno os ói preso nela,
o véio gostano dela
veno a véia alvoroçada
lhe dixe: – s'importe não!
e aligêro pôs as mão
nos pissuido qui intão
tinha in segredo, a danada.

Mais qui nunca perriada
num disispêro medôin
falou: – Sai daqui dimôin
sai, me dexa assossegada
mas o Zé transfeito em moço
notano aquele alvoroço
da véia – de carne e osso –
deduziu: – dissimulada...

Mas num era – remoçada
tar quá o véiu – a Kelé
se alembrô: toda muié
é pro mode ser amada,
e cum saibo pensamento
se apruveitô du mumento
e qui nem diacho du vento
matrêra se fez ousada...

A tarde vêi insombrada
por nuvis chêa de chuva;
a veia, a vista já turva
pela vontade espritada
mode a ação irreverente
do véi Zé qui toda gente
dizia valer mais nada...

E quando a chuva passô
o sol zoiano o jardim
viu rolano no capim
a véia feito fulô
aberta, as peltas inté,
dizendo: o diacho do Zé
meus prazê arrenovô.

Colo de pai

Carmem Novoa

Vão-se
nossos colos
nossos amores primeiros.

Colo de pai
é assim: grande
para caber tanta ternura.
Único,
como ninho de águia
nas alturas abismais.

Colo de pai...
do alto dele,
eu-gigante!
abraçando plenitudes
beijando o azul.

À espreita,
um dia cinza e assassino
que os anos colecionam,
levam nossos colos
para sempre...

Agora,
são eles os gigantes
beijando o azul,
abraçando plenitudes.

Colo de pai
tinha que ser eterno!
Como primeiro amor
no peito do solitário.

A Casa perscrutada

Zemaria Pinto

1 – varanda

as estrelas na varanda
sussurram nos meus ouvidos
poemas de amor e ódio

insônia, pânico, estresse
a madrugada é uma fera
engendrada em pesadelos
figurados na vigília
que nos lacera a vontade
no severo dia-a-dia

o Cruzeiro aponta o norte
como um palhaço chorando
sobre a cidade invisível;
o luzeiro levantado
esparge trevas nos olhos
e muda o sono em ruína

se é tempo de temporal
os relâmpagos coriscam
rebrilhando a oriente
feito curumins brincando
– a chuva lava meu peito
na noite dentro da noite

na manhã descortinada
a dissonância dos pássaros
denuncia o novo tempo:
saindo da letargia
o corpo aos poucos se esperta
e entra em trabalho de sonho

o sol que a manhã levanta
reverbera em minha cara
poemas de amor e ódio

2 – quarto das meninas

limites da interdição:
um território incrustado
na impossível geografia
do meu reino ilimitado

hoje é o quarto das meninas
mas já foi portal de sonhos
oficina de vidências
porto de naus-esperanças
metamorfose em processo
permanente e corriqueiro

bonecas esfarrapadas
brincos, piercings, colares
batons, sutiãs, perfumes
o quadrilátero guarda
as marcas inevitáveis
do contínuo movimento

embora fixa no espaço
a câmara provisória
se transporta pelo tempo
em múltiplas dimensões
– mulheres que um dia foram
em crianças se revelam

um território impossível,
o velho reino incrustado
na geografia interdita:
limites do ilimitado

3 – escrivaninha

a escrivaninha é um móvel
num ponto inútil da sala
(debaixo de uma janela)

sua pesada arquitetura
torna-a feia agressiva
aos olhos acostumados
à transparência e leveza
dos outros móveis da casa

nauta de outras geografias
traz tatuada na tampa
os vestígios indeléveis
de batalhas e naufrágios
ais de amor assassinatos

três conchas feito gavetas
são depósitos de idéias
onde traças invisíveis
deixam traços furiosos
nas folhas esmaecidas

composições esquecidas
aos poucos são resgatadas
do túmulo violado
já nem tudo reconheço
mas sei que me fazem parte

anêmicas cançonetas
sonetos ossificados
noturnos anoitecidos
baladas banalizadas
delírios delituosos

poemas velhos poemas
refletindo no crepúsculo
memórias do meu desejo

4 – cama

um salto no precipício –
o corpo solto no espaço
pluma flutuando ao léu

a cama não é apenas
um móvel a mais da casa
é território de sonho
é nave nuvem viagem
explosão de plenilúnios
metaespaço não-destino

o sono cotidiano
é noturna travessia
o corpo se preparando
para os embates do dia
disposta ao centro do quarto
equilibra-se assimétrica
entre aparatos diversos –
uma lua fluorescente
romances canções poemas
sussurros urros gemidos

na breve arena estendidos
os corpos entrelaçados
semelham lírios floridos
sobre o campo semeados

pluma flutuando ao léu
o corpo solto no espaço –
um salto no precipício

5 – biblioteca

as paredes de papel
temperadas pelo tempo
são fortaleza de aço
forjado em fogo e silêncio

agrupados por assuntos
cada conjunto de livros
é um mar particular
com seus ventos, tempestades
seus seres imaginários
monstros, homens, potestades

poesia, teatro, ensaio
história, filosofia
romance, conto, novela
didática, teoria
cinema, artes, quadrinhos
música, fotografia

as chamas aprisionadas
entre as páginas dos livros
são metáforas perenes
imagem, símbolo, mito
semeadura de paixões
fronteiras com o infinito

um cômodo de papel
temperado pelo tempo
é território de sonhos
prazeres do pensamento

Poemas de Jorge Tufic

NOVA SAGA DO CACHIMBO
Para Haroldo de Campos, i.m

I

Na fria sala a brasa do cachimbo
queima o sândalo morno dos retratos;
tela à distância em que me vejo, nimbo
de outros corpos em torno de outros
[pratos
em torno de outras mesas;
[quanto limbo
de uma história que esqueço; estes
[relatos
vão-se nos rolos brancos: o elo o
[chimbo
restante da palavra ou destes fatos.
Na fria sala o sol visita o lenço
que deitei sobre lágrimas, e o grito
em cujas notas, hálito, me penso.
Sou página de ensaio, sou refino
daqueles que habitam, do que habito,
fábula tosca em noites de violino.

II

Agora que sou épico modelo
com as faias de Caronte o rosto
[amargo
desse mar que foi teu, já feito ao largo
a partir de uma estampa ou dum
[castelo.
Pouco importa se o texto é paralelo
às orlas de tua sede: o nobre encargo
de traduzir solapa as pautas de argo
como um barco se atira contra o belo.
Campos de Haroldo é *A última viagem*,
Calipso XXIV e Ulisses, este
que a Telêmaco entrega a própria
[imagem;
ou seja, o cetro e a ilha mais ofícios
de ampla ternura; e que se ponha a
[veste
dos deuses-lares para os sacrifícios.

III

Cachimbo a solidão desse feriado
quando a urbe completa fica ausente.
Henrique L. Alves surge reluzente
mas logo esvai-se para o Outro Lado.
Muitos partiram, raros têm ficado.
Nas ruas e nos prédios diferente
é o som das pedras largas; pouca
[gente,
fotomontagens, tempo sossegado.
Um pássaro bizarro altera o clima
do olhar sobre estas coisas; nada o
[prende
sendo ele vários, prévio, tarde acima.
Outros momentos cruzam-se (de leve).
Alguém pára, se volta; e, ao cabo,
[entende
que a permanência é estática, mas
[breve.

IV

Que são, final, cereja, noz, baunilha
no aspirado fruir da gema arcaica?
Pajé lendo caminhos saga incaica
dos primevos cahimbos? De que ilha
nascida de um trigal ou de uma antilha
veio até nós o argílico mosaico
o seco olhar da pedra o signo laico
de gravar entidades numa bilha?
Assim deve ter sido, a par do vinho,
a gênese do fumo e da fumaça:
aquele tinto, a outra feito arminho,
está saindo em dueto, oval, discreta,
para depois fundir-se no que passa.
E no que passa, funde-se o poeta.

AO LER O VELHO TUDE, DE ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

O Velho Tude é um sol que não declina,
escrito e figurado: um grande livro.
Chefe maior da tribo dos Menezes,
guardião feliz do máximo tesouro.

Vem a seguir Mamãe, Santa de nome,
cuja luz se aprofunda no mistério;
sentam-se juntos na fotografia
como juntos estão na Eternidade.

Tendo mais que esse olhar, posto que
[sonha,
Armando tece os fios com que tece
os polens da saudade e do carinho.

Nada falta ao poema de sua vida.
Falta, sim, divulgá-lo nesta hora
de orfandade, em que o mundo se
[devora.

Manaus, 25.11.2003.

MENSAGEM AO POETA FRANCISCO CARVALHO

Em teu poliedro, em teu caleidoscópio
geométricos silêncios armam tendas
vigilantes seteiras contra a morte
Eros e Anteros de arco-e-flexa em
punho.

És mourisca guitarra, os sons
gravados

nas mãos do Aleijadinho; és flauta e canto,
plenilúnio azulando nostalgias
que se grudam nos móveis da saudade.

Tudo percebes: anjos e crateras.
Tudo se move nas estrofes que ora
dá-nos esta figura: o teu silêncio

feito vigília, pássaro da noite
mergulhado na pedra e no mistério
que o rumor das palavras engravida.

Querido Poeta: obrigado pelo novo grande rebento cósmico, este "O silêncio é uma figura geométrica". Abraços do amigo e velho admirador.

CORDEL PARA LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

1 – Neste seu Livro das Velhas
Figuras de sua Natal,
dá-nos Cascudo as estórias
que a História não conta; e mal
de tantos casos perdidos
temos um guia oficial.

2 – Levanta da rua o pobre
que uma cidade apedreja;
descobre fatos grotescos
para que neles se veja
que a sombra vivente passa
como o trovão relampeja.

3 – Ressalta, também, os grandes,
desvela um mundo sumido,
nomes que o tempo não rói;
vai em busca do estampido
que sob os ermos sepulta
qualquer barão esquecido.

4 – Conta, o Bruxo, por exemplo,
de um velho senhor de gado
que só depois que morrera
de fortunas foi cobrado.
Levaram tudo da casa:
mobília, jóias, telhado.

5 – Nos fala de Childerico
onde a coragem se enfia
nos galopes da aventura;
pois este herói que porfia
com a sorte vai a cavalo,
mas leva um sonho por guia.

6 – Desmonta na pororoca,
pega o Acre de canoa,
extrai seringa na marra;
e logo, já numa boa,
volta um dia a Pau dos Ferros;
perde o mar, ganha a lagoa.

7 – O cronista, em sua rede,
nos leva nesse balanço
do mais cruel tiroteio
ao prêmio azul de um remanso.
O Rio Grande do Norte
poucas vezes tem descanso.

8 – Revoluções e partidos
conservadores ou não,
uns com o dedo no gatilho,
outros fazendo sermão,
encharcam de sangue a terra,
fincam cruzes no sertão.

9 – Desfilam perfis solenes
em contraponto com a rua,
seus pobres-diabos, rameiras
tristemente seminuas;
boêmios também repontam
quando as noites bordam luas.

10 – E ali está Zoraide Aranha
com sua voz de harpa sonora,
flor de seiva trescalante;
no sorriso a alma que chora,
Zoraide vive o poema
que nas palmas se demora.

11 – E ali está, pelos domingos,
O Luiz Pereira Jacome
simpatia moderada
que nem o tempo consome;
teve réis e teve escravo
a quem dera fama e nome.

12 – E ali está padre Adelino
com seu milagre de fonte,
dono de água tão pura
sem que jorrasse de um monte;
cacimba apenas de terra
para que a terra a desmonte.

13 – Porém que veio de um toque
nalguma pedra sagrada,
ninguém duvida ao sabê-la
quando mais que precisada;
linfa da cor desse encanto
donde sai a madrugada.

14 – E vem o galo da torre
de Santo Antônio, talvez
feito de bronze e plumagem
por um Silva português;
o galo canta as auroras
todinhas de uma só vez.

15 – Dom João VI, gordo e sujo,
traz Portugal nas galeras,
burocracia, vinagre,
novo sopro, novas eras;
comia os frangos de leite
e errava pelas taperas.

16 – Por toda a vasta baixada
fluminense desse antanho,
Dom João cuidava de frangos
mas não gostava de banho.
Daí a alcunha de sujo
com todo aquele tamanho.

17 – Gordo, lento, pesadão,
João Avelino é memória
dos tempos em que Cascudo
nada sabia de História.
Brotam do chão flores secas,
do estrume nasce a chicória.

18 – Contemporâneo do antigo
na prosa que vem do escuro,
nosso cronista recolhe
ouro velho no monturo,

risos, lágrimas, amores,
para as lições do futuro.

19 – Páginas belas, tão leves
quanto foi leve sua pena,
recortam brios de estirpe,
Manuel Joaquim de Açucena;
lembra qualquer ousadia
"se a alma não é pequena"...

20 – Prossegue o mestre a sua lavra
tendo por íntimo escudo
ser verdadeiro na pinça,
Luís da Câmara Cascudo,
onde o Brasil se debruça
para mil anos de estudo.

21 – Neste passo o livro segue,
aqui mesmo não termina;
para reter a verdade
que sob a poeira germina,
dele fica o nobre exemplo
que só aos raros fascina.

>>MURAL LITERÁRIO

Poemas de Tenório Telles

DESTINO

Para te saudar
a manhã luminosa
derrama sua torrente de cores

Fiapos áureos
são tecidos pelas horas
e o tempo com seu olhar fosforescente
esculpe teu rosto terno

A vida é uma tapeçaria
de acontecimentos
e circunstâncias cotidianas

Como um quadro
que se inscreve na memória
teus dias e destino se desenrolam

Nessa travessia
em que tudo se esvai
só a lembrança que
guardo de ti
há de ficar – como a borboleta amarela
que pousava nos arbustos
que margeavam os caminhos da infância

Que possas levantar
as velas do teu barco
e que os ventos protetores
te conduzam para águas calmas
e possas cumprir tua geografia de sonhos

Esperarei o retorno de tuas viagens
as notícias de um tempo
feliz para o homem
os relatos dos teus triunfos
teu canto temperado pelo mar
e as dores purgadas sob o furor dos ventos

Que o teu destino se cumpra
e possas chegar à outra margem
onde encontrarás as miragens que te seduziam

E então saberás que estão em ti
os tesouros
que buscaste.

CANÇÃO DA ESPERANÇA

Neste tempo desolado
de sonhos subtraídos
e utopias amortalhadas
– ergo este canto para celebrar
a esperança entressonhada.

Neste tempo de partos sem flores
de silêncio e de almas violadas
– ergo este canto para celebrar
a semente que arde em luz.

Neste tempo de vidas fraturadas
de olhos imantados e corações ressecados
– ergo este canto para celebrar
a inocência e o brilho da infância.

Neste tempo de morte e de sombras
de guerras e de campos devastados
– ergo este canto para celebrar
a vida e os que tombam pela liberdade.

Contra toda desesperança.
Contra toda cegueira e emudecimento.
Contra toda indiferença.

– Ergo este canto para celebrar
a manhã, os rios,
as florestas e seus enigmas.

– Ergo este canto para celebrar
os pássaros – suas cores e cantos;
as flores, o ser humano e a utopia
e também os olhos da amada.

É para vós este canto de esperança
– que mesmo sendo pranto –
se eleva como música luminosa.
É para vós este canto de exaltação
– que floresça em vossos olhos
– que se faça verdade em vossas bocas
e nasça como verdade em vossas vidas.

NO TEU PORTO

De tão longe
– velho marinheiro –
chego ao teu porto
levando no peito
um canto de luz. E no corpo
– tatuadas pelo tempo –
velhas histórias de amor,
esperança e sonhos.
Viajei mares longínquos,
busquei em arquipélagos desconhecidos
águas tranqüilas – um porto
onde ancorar meu barco.
Nessas viagens fiz-me senhor
do meu destino: vi a vida, vi a morte.
E muito de mim morreu e muito de mim renasceu.

Viver é esse aprendizado das perdas.
Viver é esse florescer de vida.

O mar é o mundo: com seus riscos e fascínio.
No enfrentamento de suas ondas,
de seus golpes e da distância
tecemos a tapeçaria da existência.
Às vezes nos perdemos,
às vezes o medo nos sufoca,
às vezes fraquejamos:
– Mas o que seríamos sem os temores?

Os que se lançam nas águas do grande mundo
conquistam-lhe os segredos e tesouros.
Aos que buscam a segurança da margem,
resta-lhes o naufrágio: afogam-se
nos sonhos que não puderam realizar.

Por não temer o tempo, as vagas e o infinito
deixo o porto e, sob a proteção da minha estrela,
lanço-me ao bravio oceano
– cavalgando-lhe o dorso –
buscando uma ilha encantada
onde vive uma dama de olhos
esmeraldinos – dela fiz-me servidor.

Com o coração em chamas,
levo-lhe flores: lírios, orquídeas selvagens
e meu canto enamorado,
tecido com a luz de meus olhos
e com os fios da esperança
que brotam no bosque da alma.

Um velho Pajé profetizou
o nosso encontro:
Viu uma estrela elevando-se na noite:
como um girassol, abria-se para o tempo
e o pássaro azul – que se nutria de seu perfume –
refugiou-se nas águas luminosas
de sua corola solar.

>>DISCURSOS

DISCURSO LIDO NA AAL, EM 20.3.2004, PELO POETA MAX CARPHENTIER NO LANÇAMENTO DOS LIVROS: *TERRITÓRIO NOTURNO*, DE ARIMATHÉA CAVALCANTI; *CORDELIM DE ALFARRÁBIOS II*, DE JORGE TUFIC, E *JORGE TUFIC: AS TENDAS DO CAMINHO*, DE ALENCAR E SILVA.

*TRÊS LIVROS**

Senhoras e Senhores,

Temos nesta manhã uma bela colheita de poesia em nossa terra. Trata-se dos três primeiros volumes da "Coleção de Textos Madrugada". Essa coleção, filha da iniciativa do poeta Jorge Tufic, celebra os cinqüenta anos do Clube da Madrugada, cuja importância para a cultura amazonense há tempos se estuda, desde os compêndios escolares. Vejamos, na medida adequada à natureza desse evento, as informações de conteúdo que lhes possa dar sobre as obras anunciadas. Pela ordem da coleção, temos: *Território Noturno*, de Arimathéa Cavalcanti; *Cordelim de Alfarrábios II*, de Jorge Tufic; e *Jorge Tufic: As Tendas do Caminho*, de Alencar e Silva.

1) *Território Noturno*, de Arimathéa Cavalcanti, é uma análise do livro de mesmo título do poeta Alencar e Silva. Compõe-se de Notas Interpretativas, de um Quadro Sinótico de Linguagem Figurada e de um Glossário. É no conjunto das Notas Interpretativas que o professor Arimathéa nos entrega a percepção técnica dos recursos estéticos que Alencar e Silva movimenta no seu *Território Noturno*. O analista, com suas lentes de estudioso acostumado aos serões de alta poesia, vai-se aprofundando nessa obra e se detendo diante dos poemas que mais o impressionam e o deixam na atitude fascinada e reflexiva de quem vai atravessando pórticos do mistério. Aí o autor vai desvendando, através da simbologia, as inquietações, as reflexões, as buscas existenciais que o poeta nos apresenta ornamentadas e cantantes como se para disfarçar a constelada nostalgia que elas exprimem. Nostalgia dotada de clarividência. A poesia sempre cobrirá de beleza profética a matéria atravessada pelo coração do poeta, seja essa matéria uma fogueira de topázios dos substratos minerais; seja a multidão de asas que fecham os crepúsculos, seja o clamor pela

paz e pelo bem que habita a profundeza de toda a questão social. Assim, Arimathéa esclarece para nós o universo majestoso de sombras ensolaradas da poética de Alencar e Silva. No Quadro de Linguagem Figurada, ele nos demonstra, como experiente professor de Português e Literatura, os recursos de estilo utilizados por Alencar e Silva. Abre-se aí riqueza instrumental das metáforas, das antíteses, das aliterações, das anáforas, que vale aos interessados como uma iniciação à extensa arte poética nos domínios das figuras de estilo. Temos também um interessante Glossário, que torna ainda mais agradável a leitura do *Território Noturno*, que é um país de sonho habitado por todos os luares e em que agora Alencar e Silva tem Arimathéa como companheiro, intérprete e alter ego. Nestes dias, quando rareiam os trabalhos competentes de crítica literária, o livro de Artimathéa Cavalcanti é um estímulo aos intelectuais do Amazonas, ao mesmo tempo em que é um tributo da inteligência e do coração aos valores transcendentais da grande poesia. Sagrados são os dons da poesia, que incluem o de elevar qualquer sofrimento e o de decifrar, pela beleza, as substâncias que reinam nos abismos.

2) Temos a seguir o *Cordelim de Alfarrábios II*, do poeta Jorge Tufic. Trata-se de uma coletânea de redondilhas de cordel com a clássica temática sertaneja, que envolve rastros de gado, gibões, perneiras, alpercatas, caatingas e juremas. Figuras antigas da cidade de Natal, levantadas pelo arqueólogo do folclore Câmara Cascudo, reaparecem em rimas de violeiro, contando histórias da terra e do homem perfumadas de mandacarus. Tenho a impressão de que Câmara Cascudo elegeria esses versos como o galo mais sintético para cantar os seus achados. Depois, partindo de uma rede sustentada pelos coqueiros do Rio Grande do Norte, Tufic migra como avoante às palmeiras de Fortaleza. Um parêntese necessário (Fortaleza, hoje, para o nosso poeta, que nela reside há mais de dez anos, é uma cidade transfigurada no espaço e no tempo: ela lhe serve conjuntamente de oásis do Líbano, de alpendre do Acre e de quintal de Manaus). Surgem aí, sob os ventos que ainda guardam o perfume de Iracema, os versos de homenagem à praça do Ferreira, espécie de parlamento informal de uma república sertaneja que o Ceará inventou, completamente humanizada pelo ócio ventilado, serenamente perenizada pelo encontro das gerações, docemente politizada pelos discursos de bêbados e de passarinhos. O livro tem ainda trovas e desafios de viola típicos dos menestréis nordestinos, uma técnica que tem aparência de improviso, mas vive da certeza comprovada de que a rima, com sua música intrínseca e sua capacidade de gerar imagens instantâneas, jamais desapontou os talentos que a adotam. Não me nego a satisfação de ler aqui uma estrofe do último poema do livro, em que Tufic tem a felicidade de resumir-se em versos, reunindo em bela confissão

sentimental e geopolítica às vertentes humanas que se harmonizam em sua vida e em sua compleição literária: *Venho de um rio tamanho/ do sertão que tenho em mim/ mas venho também dantanho/ perto de mares sem-fim./ Desse modo dividido,/ não me sinto arrependido/ de ter mudado pra cá:/ o mar canta em minhas veias,/ tenho um deserto de areias,/ sou turco do Ceará.*

3) O terceiro livro é um encontro de poetas. Alencar e Silva nos apresenta o denso estudo intitulado: *Jorge Tufic: As Tendas do Caminho*, em que encontramos, num plano retrospectivo, a visão de conjunto da obra poética do idealizador dessa Coleção de Textos. É um notável trabalho de síntese. Alencar e Silva retoma a juventude e acompanha Tufic desde o surgimento de *Varanda de Pássaros*, livro que traz um alento rejuvenescedor à poesia amazonense. O caminho que palmilham é vasto, com Tufic erguendo, a cada colina, suntuosa tenda de refrigério e abrindo um tesouro novo, na prodigalidade com que as Musas confirmam os seus mais valorosos amantes. Alencar e Silva, observador atilado, vai então contemplando e descrevendo: Ali está o ouro dos sonetos de *Retrato de Mãe*. Mais além, esplendem os muiraquitãs de *Quando as Noites Voavam* e as pepitas dos cinqüenta haicais de *Sinos de Papel*, sem falar das cintilações gerais de *Sagapanema* e *Cordelim de Alfarrábios I*. Num ponto da jornada, esse ponto atual, em que o tempo dá aos olhos a capacidade de apreender o valor e o perfil de cada tenda, Alencar e Silva identifica as duas fisionomias dominadoras do imenso itinerário, as duas vertentes principais da poesia de Tufic: uma delas, a primeira e mais antiga, se caracteriza pela postura geral e universal da inspiração; a outra, mais recente, define-se pelo volume transbordante das águas amazônicas, os grandes braços fluviais da temática ameríndia. Trazer a identificação desses dois campos de autônomas colheitas é, sem dúvida, um dos méritos desse livro. Temos aí a base para mais aprofundados estudos. Convém salientar, ainda, a pertinência e a propriedade do capítulo intitulado *Breve Notícia do Clube da Madrugada e da Poesia de Muro*, que demonstra a preeminência da atividade intelectual de Tufic em ambos os temas, e começa a resgatar o papel relevante que o grande e amável Aluísio Sampaio teve na vida literária de todos nós madrugadores. A última parte do livro é um presente antológico: são 53 poemas do poeta estudado, abrangendo todos os períodos de sua obra. Através deles nós também podemos freqüentar as maravilhosas tendas do caminho e, assim, triunfar do deserto circundante com os olhos banhados de alvoradas.

Tais são, prezados ouvintes, as informações que lhes posso oferecer. Muito obrigado pela atenção.

*Lido na AAL, em 20.3.2004.

DISCURSO PROFERIDO PELO ACADÊMICO ALENCAR E SILVA, NO LANÇAMENTO DOS LIVROS *CORDELIM DE ALFARRÁBIOS II* (POESIA) DO ACADÊMICO JORGE TUFIC, *TERRITÓRIO NOTURNO* (ENSAIO) DE ARIMATHÉA CAVALCANTI, E *JORGE TUFIC: AS TENDAS DO CAMINHO* (ENSAIO) DO ACADÊMICO ALENCAR E SILVA, REALIZADO EM 20 DE MARÇO DE 2004.

Senhor Presidente da Academia Amazonense de Letras

Confrades Acadêmicos

Meus Senhores e Senhoras,

Aqui estou – e espero ser breve – para dar cumprimento à alta honra de dirigir-vos, em meu próprio nome e no de Jorge Tufic e Arimathéa Cavalcanti, um agradecimento especial pelo ensejo de nos reunirmos nesta Casa, sob a proteção das Luzes que a habitam, para o ato de lançamento de três obras que, quando nada mais significassem, ainda assim, falariam da riqueza e pujança da criação literária em nosso Estado, não obstante a singularidade deste triplo lançamento constituir-se de obras editadas na capital cearense, por iniciativa do poeta Jorge Tufic, ora ali residente, e que se consubstancia na programação editorial da "Coleção de Textos Madrugada", destinada, daqui por diante, à divulgação – aqui e noutros pontos do País – da realidade cultural de Manaus, neste ano em que se comemora o Cinqüentenário do Clube da Madrugada. Ano em que, naqueles idos de 1954, os jovens de então, cientes de sua missão, procuravam vislumbrar, na perspectiva do tempo, a hora solar da transição em que, ainda iluminados, poderiam desaparecer com o Sol, deixando atrás de si, numa esteira luminosa, o Vale aparelhado para o trabalho de outros jovens ou de outras crianças, como registrávamos numa de nossas crônicas. É isso, precisamente, o que ora se cumpre: O Clube da Madrugada transformou-se em história e os novos construtores do futuro já exercitam seus instrumentos de ação cultural. Porque nisto consiste, em suma, o trabalho das gerações.

Com esta visão do momento histórico aqui vivido, não poderíamos jamais deixar de fazer uma menção especial a Jorge Tufic, pelo fato de ainda não se ter dado conta do tempo de parar, visto que continua a contribuir com o seu talento e a sua capacidade de realizações para o maior prestígio cultural de nossa gente, com o mesmo denodo e o mesmo ritmo de sua mocidade, ao fazer-se, inclusive, editor de seus companheiros. Cumpre notar, todavia, que após lançar mão dos poucos recursos de que dispunha, espera ele, naturalmente, contando para isso com a compreensão de todos, que este

lançamento se revista do necessário êxito, eis que o apurado final dos livros que aqui se adquiriu destinar-se-á ao custeio de outras obras que integrarão a Coleção de Textos Madrugada.

Peço-vos a necessária permissão, Senhores e Senhoras, para dizer uma palavra ao poeta e escritor Arimathéa Cavalcanti, autor de um dos livros, cujo estado de saúde privou-nos de sua presença neste cenáculo das letras planiciárias.

II

Discreto, recolhido em si mesmo, infenso a demonstrações, ele passa quase despercebido em sua cidade como o fino poeta que é. Em suma: não faz parte de antologias, nem figura sequer na obra monumental de Assis Brasil sobre a poesia brasileira no século 20 – o que me leva a supor que apenas uns poucos amigos – acidentalmente – lhe conheçam esse aspecto fecundo de sua sensibilidade e de seu vasto cabedal intelectual.

Que se trata de uma virtude cada vez mais rara, não há nenhuma dúvida; que se trata do exercício de um direito, também não há dúvida. Há, contudo, uma área que, por conservar-se velada, aguça a nossa curiosidade e nos incita a levantar uma ponta do véu. Se há limites para tudo, por certo que o haverá também para a mesma virtude... a partir do ponto em que ela nos priva do bom, do belo e do verdadeiro.

Não creio que devesse falar desse poeta sem dele acercar-me também discretamente. E é o que agora procuro fazer, ao dizer-lhe que esse *luxo* não mais se justifica, ainda que a hora seja contraditória e geral a desorientação. Pois, mesmo que faltasse ao momento a clareza que só as obras maturadas sabem comunicar-nos, cumprir-nos-ia buscá-las onde quer que se encontrassem. Eis que, uma vez produzidas, elas deixam de pertencer-nos, para vincular-se ao mundo da cultura. Mesmo que seu maior brilho esteja destinado aos olhos da posteridade.

São estas as palavras que se agitam há tempos, em meu pensamento, sempre que medito em Arimathéa Cavalcanti. Dileto amigo desde os bancos escolares e dos grêmios literários, creio conhecer-lhe em certa medida as inclinações de espírito e preferências literárias, segundo me tem sido possível detectá-las.

Estava-lhe, pois, a dever esta palavra, tanto pelos motivos enunciados quanto pela razão que ditou este pronunciamento público, qual seja o de não poder silenciar ante o belo, raro e paciente estudo sobre *Território Noturno*, que ele hoje nos entrega e que, segundo suas palavras, se trata de uma "contribuição para a análise interpretativa e de recursos poéticos" da referida obra. Por tudo isso, sabe-me bem à alma dirigir ao mestre esta palavra de agradecimento, estima e admiração, sentimentos que têm sua origem na vivência que nos vinculara ao tempo e espaço históricos que nos coube partilhar e onde, ainda agora, com renovada alegria, reencontro o admirável escritor

revestido daquelas mesmas virtudes que sempre lhe conferiram singularidade e nobreza tanto ao verso quanto à prosa.

Dir-se-á, pelo pouco que dele se sabe, que Arimathéa Cavalcanti se esquiva à publicidade. Tenho indicações, no entanto, para acreditar que não seja bem assim, mas que, antes, por pertencer à estirpe dos que se aplicam, desde sempre, aos estudos e ao labor literário, ele prefere manter-se longe dos focos e dos ruídos, só de longe em longe permitindo-se liberar-nos a beleza de seus textos. De qualquer modo, repito, trata-se de um *luxo* que não mais se justifica, mesmo em se tratando, como é o caso, de um daqueles que carregam sozinhos a sua bandeira, visto que, em essência, um pouco mais, um pouco menos, é o que todos fazem, ressalvadas, naturalmente, as exceções desprimorosas dos que não têm nem estandartes nem insígnias para empunhar e conduzir.

III

As lembranças mais recuadas que lhe guardo vêm do tempo em que firmei minhas primeiras amizades: quando comecei a participar das inquietações ideológicas e existenciais da nossa juventude, a partir da segunda metade da década de 1940 – já lá se vão mais de cinqüenta anos...

Era o tempo dos grêmios literários, que tão notórios e assinalados serviços viriam a desempenhar na vida cultural de Manaus e, por extensão, do nosso Estado. Vem, pois, desses longes a nossa amizade, quando, a exemplo de outras agremiações que o precederam, como o Centro Estudantal "Plácido Serrano", o Centro de Estudos da Mocidade e a Sociedade Cultural "Castro Alves" fundou-se o Grêmio Cultural "Gonçalves Dias", célula que, por seu turno, e por via de sucessivas cisões, daria origem a várias outras entidades congêneres, como o Grêmio Cultural "Álvares de Azevedo" e a SAEL – Sociedade Amazonense de Estudos Literários, de cujos seios sairiam depois as lideranças que passariam a reunir-se, a partir de 1954, no Clube da Madrugada, surgido como síntese aglutinadora daquelas inquietações, à semelhança de vasto estuário, para o qual convergissem as muitas águas da nossa inquieta mocidade, em luta por maiores espaços e mais amplos horizontes. Objetivava-se, deste modo, ter em mãos uma carga significativa que não se esgotasse no espaço de uma geração, mas se projetasse para além de nós e penetrasse no futuro apto ainda a estimular o espírito das gerações à conquista de seus supremos desideratos.

Ao tempo do Clube da Madrugada, porém, Arimathéa Cavalcanti já se encontrava absorvido pelo serviço público e pelo magistério, podendo, por isso, ser ele considerado um dos poucos poetas de méritos indiscutíveis a não ter participação no movimento, ainda que em tudo concordes com os seus postulados.

Grande alegria experimentei, portanto, quando, ao dirigirmos o *Jornal Cultura* e o *Suplemento Literário Amazonas*, pudemos contar com a colaboração de qualidade de Arimathéa Cavalcanti e outros valorosos companheiros, como Arthur Engrácio e Alcides Werk, cujos textos e competência profissional ajudaram, desde logo, a projetar aqueles periódicos entre os melhores que se publicavam no País. E lá estavam os textos primorosos do poeta e escritor a que nos referimos. Textos esses que clamam, de há muito, porque se os retirem das gavetas e os dêem à luz e se acrescentem à glória das nossas letras.

Por isso que nada mais indicado nos parece do que encerrar estas palavras dando à seleta assistência a preciosa oportunidade de conhecer o poema que lerei em seguida, saído da oficina poética de Arimathéa Cavalcanti, a fim de que o próprio Autor se convença, em definitivo, de que um poeta de sua expressão e do seu quilate não tem o direito de esquecer seus textos na gaveta.

Eis o poema:

DIAS IDOS, NÃO VIVIDOS

Arimathéa Cavalcanti

...as laranjeiras sem flores. Onde iam elas, as flores de antanho?
(Machado de Assis, In *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

Todos os rios pararam,
murcharam todas as flores
nem as fontes mais jorraram.
Acabaram-se os amores
de que outrora falaram.
Da música – este som cavo,
dos acordes do alaúde
ficaram somente os ais:
sustenidos de saudade
dos tempos do nunca mais.

Muito obrigado!

APRESENTAÇÃO DO LIVRO *O MERCADOR DE SONHOS & OUTROS CONTOS*, DE ALMIR DINIZ, PROFERIDO PELA ACADÊMICA CARMEN NOVOA SILVA.

Sr. Presidente da Academia Amazonense de Letras, Dr. Max Carphentier, Acadêmico Almir Diniz, Senhores Acadêmicos aqui presentes. Senhores e Senhoras, convidados a este Silogeu para o lançamento de mais um livro do escritor Almir Diniz, autor eclético de muitas obras intelectuais, de altas luzes e que já enveredou por vários gêneros literários. Na poesia ofereceu-nos doze livros, entre eles *Encontros com a Natureza*, *Caminhos da Alma*, *Corpo de Mulher*, *Andanças Poéticas*, *Os Deuses*, *O Elogio do Caboclo*, *Floradas do Corpo*, *Floradas da Alma*, *Plumas Humanas*, *Algemas de Ternura*, *Império das Almas* e *Corações em Chamas*. Todos eles plenos do lirismo, do regionalismo e da pura poesia das altas horas do espírito. Pablo Neruda, o poeta chileno, dizia que as palavras fervilham a todo momento na mente do poeta como um enxame de abelhas. E como todo poeta só amainava esse turbilhão do pensamento quando o transpunha para a mansidão das páginas do livro. Assim o faz Almir Diniz em sua profícua produção poética.

Quanto à prosa, é de sua lavra entre contos, crônicas e narrativas os livros *Pitoresco e o Hilariante na Imprensa*, *Nos Remansos da Saudade*, *Paiol de Lembranças* e *Sob a Concha de Panacarica*. Este último, é bom ressaltar, constituiu-se em tema do vestibular da Universidade Federal do Amazonas no ano de 2001. Importantíssima a idéia da contribuição do autor regional para a formação de novos universitários. Tornar-se-ão íntimos dos temas da terra e com a linguagem literariamente correta do bom escritor.

Sempre pensei que toda escola ou universidade devia ter um Programa de convite à leitura. Um salão imenso aberto ao consumismo do bom livro. E nas paredes a frase memorável de Montaigne, "Não faço nada sem alegria", para indicar, no caso, que o conceito de leitura obrigatória era falso. Que a leitura permite compreender a vida, mesmo que às vezes o preço seja ficar fora da própria vida.

No campo dos historiadores, Almir Diniz nos fornece *O Capineiro* e a *História do Poder Legislativo do Amazonas* (1871 a 1889). Como biógrafo, deu-nos seu *Dicionário Biográfico – Imortais do Amazonas*, obra que sob minha ótica deveria merecer a atenção especial dos educadores das novas gerações, por enfeixar num volume os chamados luminares da erudição do Amazonas e pertencentes aos quadros desta Academia de Letras. Intelectualidade que décadas atrás convivia e transmitia seu saber e cultura à gente deste chão amazônico, muitos deles

legando livros imprescindíveis à biblioteca do manauense e em boa hora reeditados pelo governo do Estado. Meu pensamento coincide com o de Emerson quando definia a biblioteca seja grande ou pequena, como uma espécie de gabinete mágico. Nele estão encantados os melhores espíritos da humanidade, mas esperam nossa palavra para sair de seu mutismo. Tem-se que abrir o livro, então eles (espíritos) despertam. Assim podemos contar com a companhia dos melhores nomes e homens que a humanidade produziu. Almir Diniz vem agora com o seu *Mercador de sonhos & outros contos* adentrar novamente no mundo do relato breve. E nele parece estar muito à vontade. É íntimo nas mil graças do conto. Miguel de Cervantes, autor da obra-prima espanhola *D. Quijote de La Mancha*, referia-se a esse gênero literário como "Os contos, uns encerram e têm graça neles mesmos, outros no modo de contá-los". Querendo expressar a diferença entre o conto tradicional e o literário. O primeiro não necessita de um contista que o fixe ou valorize baixo uma forma particular de exposição. São os que correm de boca em boca, de geração em geração e estão enraizados no imaginário popular. Perpetuam-se e propiciaram o nascimento do gênero contístico. O segundo, o conto literário, é o trabalho do homem de letras. Este mostra com estilo e graça os atrativos do relato, refinando-o e sofisticando seus efeitos. Oscar Wilde produziu os contos puros como *O Príncipe Feliz*, e Saramago, o português prêmio Nobel da Literatura, acaba de lançar a ficção de contos infantis intitulada *A Flor Maior do Mundo*.

Almir Diniz, neste seu *Mercador de sonhos*, como o diz o também membro desta Academia, Newton Sabbá Guimarães, no substancioso posfácio, "afasta-se da temática regionalística, em que é mestre, para se aproximar dos grandes temas universais e que fizeram as delícias e glórias dos maiores contistas, mormente os britânicos e franceses".

Mas na condição de nascido ribeirinho neste vasto Amazonas, o íntimo não lhe permite dar as costas aos temas fantástico-regionais e folclorísticos e, assim, dentre os 21 contos que compõem este livro, a maioria delata essa sua vivência interiorana como é o relato de "Capineiros" e o "Menino da Praia" dos quais passo agora a ler um trecho para não tornar-me extensa e mostrar toda a riqueza e beleza do imaginário e da realidade do homem do interior amazônico.

Pág. 101 – Capineiros;

Pág. 139 – Menino da Praia.

Diniz, nessa brevidade como soem ser os contos, exprime-se não só como recreação literária para o leitor, mas insiste em transcender.

O teólogo Leonardo Bott diz que transcendência é o "desafio mais secreto e escondido do ser humano". O autor, desde jovem, ousava e vencia desafios em níveis nacionais. Arrebatou o Prêmio Esso de Reportagem Norte-Nordeste com "Borra-

cha: Dinheiro, Sangue e Miséria". Prêmio este o mais requisitado à época e envolto na aura da seriedade de um júri seleto e moralmente íntegro. Transcendência é isso, é a superação de si mesmo vertida para suas obras intelectuais. Foi-lhe ofertado o talento como dom especialíssimo.

O Mercador de sonhos & outros contos leva indelevelmente essa marca da inspiração artística.

POSSE DE ANÍSIO MELLO NA CADEIRA N.º 3, DE GONÇALVES DIAS (29.8.2003)
FALA PRESIDENCIAL
MAX CARPHENTIER

Senhoras e Senhores,

Estamos atravessando o octogésimo quinto ano de fundação da Academia Amazonense de Letras. No dia 1.º de janeiro de 1918, ela nasceu sob a inspiração de legítimas pressões sociais e culturais, como aglutinadora de talentos e disposições que, interpretando os reclamos do progresso humano, organizaram-se como resposta categórica às necessidades de maiores luzes na vida mental e espiritual do nosso Estado. Forças da incessante luta do homem contra o obscurantismo nutrem a raiz socialmente benéfica que sustenta o edifício intelectual e moral das Academias de Letras. Certamente, nossos fundadores não ergueram esta instituição para si mesmos, mas para que se realize a doação conjugada de seus dons, e abriram-na para o regozijo e o triunfo da beleza e da verdade, da virtude e da sabedoria, da ciência e da arte nos passos da história humana. É simplesmente edificante e salvador o espírito das letras, no amplo e elevado conceito que envolve os registros notáveis da palavra que exprime com brilho os matizes da condição universal do homem. É assim que por aqui passaram e passam, sendo herdeiros e promotores das criações mais conspícuas do espírito, o poeta, o romancista, o crítico literário, o magistrado, o teatrólogo, o jurista, o professor, o médico, o historiador, o jornalista, o bioquímico, e a eles basta, para receberem a unção que os honra enquanto esclarece o nosso meio, basta-lhes o nome inconfundível e inconspurcável da Academia Amazonense de Letras. Sob essa égide e nesse convívio de vigília quase sacramental das letras, é que podem cumprir, em paz e com o justo apreço social, a sua missão de luzes, o seu destino de intérpretes e construtores que sabem transfigurar para a prosperidade a matéria do efêmero. Os séculos se apresentam como vasto conglomerado de matéria conceitual que exige salvação no corpo da palavra duradoura, para que se opere a evolução. Vem daí que as Academias de Letras são forjas do incrível dinamismo que existe no método da tradição, o qual absorve e transforma, medita e proclama, identifica e consagra.

Sob esse sortilégio de idealismo secular, esta instituição é assistida por incessantes e periódicos aportes de clarões que vêm caminhando em nossa direção passo a passo, seguramente, sem alardes e presunções.

Agora nos chega o tesouro humano de Anísio Mello. São riquezas da pintura e da poesia, da escultura, da pesquisa lingüística e do magistério das cores. Se me permitem o perigo da síntese a marca desse escritor é o equilíbrio de sua constante presença em mais de cinqüenta anos de vida dedicada à formação, à produção e ao debate cultural! Chega-nos no tempo bom de sua luta pensamental, quero dizer, quando está tranqüilo e frutífero na evangélica certeza de que conhecimento e sabedoria são afins, mas não se confundem, assim como não se confundem os frutos da concórdia com os das dissensões equivocadas, assim como também "são muitos os chamados e poucos os escolhidos"...

Havíamos designado o grande Moacir Andrade para recepcionar Anísio Mello, pelos pontos de convergência de suas atuações. Porém, por motivo de força maior, Moacir Andrade não está conosco nesta noite. Pedimos, então, que fosse o seu sucessor nesta missão o jovem e atuante professor de Literatura e editor Tenório Telles, que fará por nós o elogio da vida e da obra do novo Acadêmico.

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO ANÍSIO MELLO, PRONUNCIADO A 29 DE AGOSTO DE 2003.

Senhor Presidente da Academia Amazonense de Letras

Poeta e escritor Max Carphentier Luiz da Costa

Senhores Acadêmicos

Minhas Senhoras

Meus Senhores:

Queira Deus que minha missão nesta Casa seja próspera, produtiva e duradoura, correspondendo à confiança que depuseram em mim. Aqui estou pela benevolência de amigos, luminares da cultura do nosso Estado, que, numa atitude ímpar da minha vida, trouxeram-me ao seu convívio.

Por esta Academia já passaram e ainda passam os expoentes da cultura amazonense, emprestando de si os fulgores das suas inteligências privilegiadas, desde primeiro de janeiro de 1918, quando ela recebeu o nome de Sociedade Amazonense de Homens de Letras, hoje Academia Amazonense de Letras.

Sei de minha grande responsabilidade em assumir uma cadeira neste Sodalício, ainda mais pela tradição de cultura e luta em defesa das letras, das ciências e das artes. Sei, também, que por aqui passaram personalidades do mais alto quilate, que enumerá-las pode levar-me à omissão. Arrisco-me: Adriano Jorge, Agnello Bittencourt, André Araújo, Álvaro Maia, Huáscar de Figueiredo, João Leda, Jonas da Silva, Nunes Pereira, Péricles Moraes, Arthur Cézar Ferreira Reis, João Chrysostomo de Oliveira, Raimundo Nonato Pinheiro, Violeta Branca, Manuel Bastos Lira, Agenor Ferreira Lima, Américo Antony, para citar apenas alguns. A relação seria longa. Estas são algumas das estrelas de uma constelação fulgurante e interminável.

De muitos deles trago lembranças imorredouras pelos exemplos e pela admiração que nutri por muitos anos, acompanhando-os pelo noticiário ou pelos livros de suas lavras. Muitas vezes aqui estive para assistir a posse de novos acadêmicos, que me encantavam pela sua oratória brilhante e pela sua erudição, coroada naquele momento histórico.

O último ocupante da Cadeira n.º 3 foi o professor Agnello Uchôa Bittencourt, irmão do escritor, jornalista e contista Ulisses Bittencourt, filho do professor Agnello Bittencourt, mantendo a tradição da ilustre família neste Silogeu. Agnello Uchôa Bittencourt nasceu em Manaus em 1.º de julho de 1923. Estudou em Manaus, de 1934 a 1939; no Colégio Militar do Ceará, de 1940 a 1944; retornando a Manaus, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Amazonas em 1945. Foi

oficial do Exército tendo cursado o Núcleo de Preparação de Oficiais de Manaus, quando recebeu o espandim em 1944, chegando a segundo-tenente em 1948. A relação de cargos ocupados por Agnello vale por uma biografia, demonstrando suas múltiplas atividades.

Após longos anos de árdua e penosa caminhada, compulsando livros, seguindo os conselhos dos grandes mestres que tive, aqui estou, como um pássaro que busca abrigo, aninhando-se entre as águias que um dia sonhou tê-las em seu convívio. Nobre pretensão esta de traduzir meus anelos ao vento, enfunando como velas o desejo de vencer este mar e suas procelas. Sei da responsabilidade de continuar honrando esta Cadeira número 3 desta Academia, cujo Patrono é o maior poeta brasileiro, e ainda por terem passado por ela figuras estelares das nossas letras.

Por herança paterna, acostumei-me a admirar meus mestres e os homens de letras da minha terra. O lirismo, se o tenho, trago em minhas palavras de respeito e saudade, de amor pelo meu torrão natal, que granjeei pela minha origem ribeirinha, oriundo da orla do lago Jauari, em Itacoatiara. Ali vi as primeiras estrelas e os cardumes que prateavam as águas do rio Amazonas pela primeira vez.

Dali, acompanhado de meus pais e meus irmãos, passei o tempo lendo, nas folhas verdes da floresta, os hábitos caboclos das cidades do *hinterland* amazônico. Aprendi a amar as cidades que, ainda incipientes, ofertavam-me muito pela minha envergadura infantil. Aprendi, também, que em Urucurituba, Codajás, Anori, Tefé, Coari, etc., estavam os guardiões da floresta, dos seringais, dos castanhais, e os extratores de madeira e pescadores, que há séculos habitavam a selva, sem dizimá-la.

A Cadeira número 3 tem como Patrono um dos maiores poetas brasileiros: Antônio Gonçalves Dias, polígrafo que dominava seis idiomas e foi o primeiro poeta do Romantismo do País, posição esta disputada em primazia com Gonçalves de Magalhães, autor de *Suspiros poéticos e saudades*. Convém ressaltar que Gonçalves Dias, além de superar-se com *Os Timbiras*, escreveu obras na escola Indigenista, como o *Dicionário da Língua Tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil*.

Conta-nos Edgard Cavalheiro que Amadeu Amaral escreveu, certa vez, que se lhe fosse dado defender Gonçalves Dias como o maior poeta brasileiro, "não encontraria dificuldade alguma nessa tarefa, tal a grandeza e a beleza dos versos do cantor de 'Y Juca-Pirama'. Foi o criador do Indigenismo na poesia brasileira, como José de Alencar o foi na prosa, espalhador pródigo de emoções, poeta no sentido lato do vocábulo, Antônio Gonçalves Dias ocupa, em verdade, um dos mais altos postos da literatura brasileira".

Biógrafo do poeta, Soares Amora afirma que "a poesia da saudade da terra natal e de entes queridos, velho tema da

lírica em língua portuguesa, expressou-a Gonçalves Dias, principalmente, na "Canção do Exílio", poema que, no consenso da crítica e do público, resultou extremamente feliz no conteúdo e na forma, e logrou ser o mais popular dos poemas brasileiros". Outros poemas, como "O Canto do Piaga", "Leito de Folhas Verdes", e "Y Juca-Pirama", da linha indigenista, são os mais conhecidos, logrando, assim, a primazia de serem os poemas mais lidos da língua portuguesa.

Agora, Senhores Acadêmicos, minhas senhoras, meus senhores, encontro-me aqui regalado pelo esforço de muitos anos, pela minha vigília literária e artística. A ânsia de aprender era quase uma fixação e pervaguei pelos caminhos do saber, colhendo, aqui e ali, pétalas maravilhosas das guirlandas espraiadas pelo meu caminho, ditadas pelos gênios que precederam nestes difíceis passos da cultura. A minha preferência por autores nacionais não é uma xenofobia cultural, pois, antes deles, li e traduzi os clássicos do latim, do grego, do francês, do italiano, etc., embora, a bem da verdade, eu não domine fluentemente estes idiomas.

Nos saudosos tempos dos bancos escolares, fui agraciado com aulas de latim dos mestres monsenhor Manuel Monteiro e Agenor Ferreira Lima. Tenho pelos meus mestres a maior gratidão, eles ensinaram-me o caminho do mundo cultural e abriram as portas para muitas gerações e eu fui um dos que, ávido de saber, palmilhei, com os meninos do meu tempo, a estrada que ainda está aberta aos seus pósteros. Com eles aprendi a compulsar os compêndios da vida, entendê-los e amá-los. Neles vi o exemplo e a direção a seguir, lendo os autores clássicos e modernos.

Muitos dos meus colegas de ginásio chegaram à administração do Estado porque eram brilhantes. Muitos foram políticos, outros jornalistas, escritores e poetas. Os livros brotavam aos borbotões, criativos e inspiradores desse grupo de jovens, que muitas vezes não saía da nossa "ínsula" cultural.

O Clube da Madrugada, do qual sou seu atual presidente, coroou de glórias essa plêiade de idealistas, com mais de cem títulos, e que pretendia renovar a literatura amazonense em plena Segunda Guerra Mundial, hoje no correr dos seus quase cinqüenta anos de existência. Os oradores foram muitos e entre eles destacamos Almino Affonso, Randolpho Bittencourt, Farias de Carvalho, Guimarães de Paula, Fábio Lucena e muitos outros, defensores das letras e das artes.

O entusiasmo cresceu, pois anos antes, o presidente Getúlio Vargas por aqui passara e deixou sua marca no "Discurso do Rio Amazonas".

"Não há Estados grandes nem pequenos, ricos ou pobres, Estados que mandam, Estados que obedecem; todos são pequenos, todos são iguais, grande é apenas o Brasil". Acreditamos, e aqui o Amazonas com a sua imponência, com a sua cultura, com seu progresso, eleva o

País aos píncaros da glória.

O Amazonas foi sempre pródigo na sua cultura, a exemplo da sua natureza ensolarada e aconchegante. Entre os literatos mesclavam-se os músicos Cláudio Santoro, Nivaldo Santiago, Dirson Costa, Donizeth Gondim, etc., cujos talentos permanecem e ressoam pelo Brasil e pelo mundo. E como disse Thomas Carlyle: "A música aproxima-nos do infinito; por momentos, avistamos, através das nuvens, o eterno Mar de Luz, quando o canto nos arrebata e nos inspira".

Agora, num ritornelo poético, falemos do nosso poeta, o "primus inter pares" da poesia brasileira. Gonçalves Dias comemorou em 10 de agosto corrente 180 anos de nascimento. Aos quinze anos de idade viajou para Portugal para completar seus estudos na Universidade de Coimbra. Retornando ao Brasil, leciona, conforme informações dos seus biógrafos, História, no Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Viaja mais uma vez à Europa em missão do governo. De regresso, visita a Província do Ceará e Estados do Norte, passando alguns meses no Amazonas, onde ampliou o seu *Dicionário Tupi* que, lamentavelmente, a sua revisão final foi perdida no naufrágio do "Ville de Boulogne", onde perdeu a vida e parte de sua obra e do espólio literário do seu amigo Odorico Mendes, que buscava para posterior publicação.

Escritores e críticos de Gonçalves Dias assim o descrevem, numa tentativa de retrato falado, como o escritor Bulhões Pato, em *Documentos Maranhenses*, de Jomar Moraes:

"De mãos e pés pequenos, passos curtos e andar apressado, tinha movimentos ágeis. Os olhos eram pequenos e pardos, porém, muito expressivos e fascinantes", Bulhões Pato achava-o feio, de uma *fealdade original*. "Com um não sei quê de altivo e ingênuo na expressão dos olhos cristalinos. Adusta a cor da pele, os beiços grossos, as maçãs do rosto proeminentes, as vendas dilatadas, como para aspirar desafogadamente as brisas balsâmicas das suas florestas seculares".

Apesar da sua estatura baixa, acentua o biógrafo, "as mulheres gostavam dele".

De fato, Gonçalves Dias, na sua inconstância amorosa, conquistou muitos corações e teve algumas paixões platônicas, que agitaram a cabeça do poeta. Ana Amélia mereceu muitos poemas, como "Seus Olhos" e "A Leviana", mas foi Olímpia quem o levou ao Outeiro da Glória, tendo como padrinho Lisboa Serra.

O poema "Minha Vida e meus Amores" evoca os três amores portugueses da sua juventude estudantil. O lirismo dos versos denota a inconstância do poeta, a atração das divas pelo seu encanto e formosura:

(...) a juventude
Falou-me ao coração: – amemos, disse,
Porque amar é viver.
E esta era linda, como é linda a aurora
No fresco da manhã tingindo as nuvens

De rósea cor fagueira;
Aquela tinha um quê de anelos meigos
Artífice sublime;
Feiticeiro sorrir dos lábios dela
Prendeu-me o coração: – julguei-o ao menos,
Aquela outra sorria tristemente
Como um anjo no exílio, ou como o cálix
De flor pendida e murcha e já sem brilho.
Humilde flor tão bela e tão cheirosa,
No seu deserto perfumando aos ventos.
– Eu morreria feliz, dizia eu d'alma,
Se pudesse enxergar uma esperança
Naquela alma tão pura e tão formosa,
E um alegre sorrir nos lábios dela.

Entremeando momentos de grandes responsabilidades, e apesar da saúde precária, com enfermidades graves, generalizadas, Gonçalves Dias conseguiu superar essa estranha agonia, que o atormentou por toda a vida, e o fez desobrigar-se de funções importantes que desempenhou para o governo de muitos Estados, inclusive o Amazonas, exercida com responsabilidade, em diversas áreas.

A poesia de Gonçalves Dias marcou sua época, pois, com uma freqüência fora do comum, alcançou renome; o poeta freqüentava os salões da sociedade do seu tempo, onde declamava sempre novas produções, que eram aplaudidas por todos. Mas o poeta não parou nunca, traduziu "A noiva Messina", de Schiller, e escreveu peças teatrais. Num estudo crítico-biográfico, Antônio Soares Amora fez seu balanço, e concluiu: "Na ordem do relativo, Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves foram, sem dúvida, os nossos mais significativos poetas românticos; mas na ordem de valores absolutos, pouco a pouco chegou a crítica à convicção de que foi Gonçalves Dias a mais completa organização poética de nosso Romantismo, e foi, ainda, aquele a quem ficamos a dever a primeira definição de uma grande poesia brasileira".

A prodigalidade do poeta brasileiro é uma das suas características. A própria natureza o inspira para o romantismo de uma paisagem explícita e encantadora. Qualquer visão da paisagem é um poema. Tudo inspira porque tudo é Brasil. "Importa chamar a atenção para a brasilidade do poeta (Gonçalves Dias), não em função de seu nascimento em terras do Brasil, mas numa clara alusão ao conteúdo de sua obra, marcada, acentuada, e incontestavelmente, pelo seu sentimento nacional".

A poesia foi, desde os tempos de Anchieta, o grande filão da literatura brasileira, com poetas em todas as Escolas. Alguns procuravam seguir os ditames europeus, que, por sua vez, enveredavam

pelos rumos da poesia tradicional dos clássicos, traçados por Petrarca, Bocage, Camões, etc. Entre os poetas brasileiros, a começar por Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, seguem-se algumas dezenas de bardos em todos os Estados do País, de norte a sul. Assim, enfileiram-se Castro Alves, Fagundes Varela, Raimundo Correa, padre Antonio Thomaz, Guilherme de Almeida, Américo Antony, Hemetério Cabrinha, Álvaro Maia e outros. Não cabe aqui enorme elenco, onde figuram os poetas contemporâneos do Amazonas, aos quais rendo minhas homenagens, pelos bons momentos que tive de leituras inspiradas e sábias.

Tive a glória de conviver com muitos poetas e homens de letras da geração de meu pai, pelos quais ele nutria enorme admiração. Posso dizer que, por osmose, todos esses homens ilustres tornaram-se meus amigos, o que fazia com que eu e os "poetinhas" do meu tempo se tornassem poetas de verdade, "donos" das páginas dos jornais de Manaus da época, como *O Jornal*, *Jornal do Comércio*, *A Tarde*, *Diário da Tarde*, *O Tempo*, *A Crítica*, etc. e os jornais estudantis que se multiplicavam pelas escolas e pelos grêmios literários. Todos nós, poetas, jornalistas e escritores começamos por ali. E como os sonhos eram voláteis e enchiam nossas cabeças adolescentes, caminhavam com as imagens desses poetas. Éramos todos Gonçalves Dias, Castros Alves, Álvares de Azevedos, Bilacs, procurando chegar às barras de Petrarca... A ilusão dos poetinhas da província foi deixada de lado e tornou-se realidade. E hoje eles cantam com alma de poetas verdadeiros, como Max Carphentier, Alencar e Silva, Jorge Tufic, Luiz Bacellar, Almir Diniz, Almino Affonso, Áureo Nonato, e os saudosos poetas Guimarães de Paula, Farias de Carvalho e Paulo Monteiro de Lima, cujas imagens poéticas dividem a inspiração com o Magistério Supremo do Universo.

Não tive arrependimento, pois o que realizei procurei fazer da melhor forma ao meu alcance. Deus acompanhou-me em todos os momentos pelas mãos de minha mãe, a artista plástica Esther Mello, que, como professora, guiou minhas conquistas nas belas-artes: Medalha de Ouro no Salão da França Livre, em Paris, ganho de outras medalhas, uma centena de exposições coletivas e individuais. Pelo caminho, primeiro lugar no concurso público para ingresso no Banco da Amazônia, em São Paulo; dos primeiros colocados no vestibular das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras "Oswaldo Cruz", na capital paulista, onde cursei três anos de Línguas Neolatinas. Nas Faculdades Anchieta (Jesuíta), concluí o Curso de Letras. Meu *curriculum vitae* fala melhor do que estas palavras. Publiquei quase duas dezenas de obras e guardo outras tantas para publicá-las, se Deus quiser.

Voltando ao Patrono, como poeta sensível, Gonçalves Dias previu, como verdadeira profecia, o que um dia poderia ser o seu fim já em águas do Brasil, sem os sabiás e as palmeiras, recitados num

dos seus versos mais conhecidos: *Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá, / As aves que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá*. E escreve a mais profética página da sua desgraça:

Do naufrágio da vida há de arrojar-me
À praia tão querida, que ora deixo,
Tal parte o desterrado: um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
Donde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazido.

Dezenove anos depois de escrever este poema, cumpria-se como num vaticínio a tragédia do " Ville de Boulogne" que ceifou a vida do poeta, no Baixo dos Atins:

O mar, o teu rugido é um eco incerto
Da criadora voz de que surgiste:
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compeliste.

Assim foi a vida de Gonçalves Dias cuja obra, pela sua grandiosidade, carece de estudos profundos para registrar a passagem do maior poeta brasileiro, de inteligência privilegiada, exemplo para todas as gerações e orgulho para a cultura brasileira.

Muito Obrigado.

Anísio Mello

Em nome da vida, da esperança e da poesia

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Thiago de Mello

Foi a esperança que nos trouxe até aqui. Que nos manteve vivos quando a morte conspirava contra a civilização, contra o bem e contra o sonho. Foi a esperança de redenção da existência e de construção de um futuro mais promissor e feliz que impulsionou o ser humano na sua saga pela afirmação da verdade, da justiça, dos valores humanos e da liberdade. A humanidade é filha da esperança – nascida do sopro inicial [tênue milagre] –, promessa que foi se cumprindo a despeito das trevas e da morte, das discórdias e das guerras, da cegueira e da intolerância.

Aqui estamos – e o fato mais relevante é que estamos reunidos, nesta Casa consagrada à cultura e ao saber, sob o manto da esperança, para celebrar um homem e sua história. Estamos aqui porque acreditamos na vida, na beleza, na força regeneradora da arte, na magia das palavras – seus sons e cores, seus mistérios e verdades –, acreditamos na cultura como o antídoto que haverá de curar a alma do homem do ódio, do egoísmo e da barbárie, redimindo-o de sua ignorância e fazendo florescer, no solo ressecado do coração, o girassol da esperança.

Distinto público
Senhores Acadêmicos
Senhor Presidente da Academia Amazonense de Letras – Poeta Max Carphentier

É com a alma encharcada de esperança e com o coração entranhado de fé no poder transformador da arte e da beleza que cumpro a missão que vós me incumbistes. E o faço com a consciência de que o meu verbo é a expressão do nosso compromisso com a civilização, com a continuidade do bem e do belo,

com a tradição e com os novos caminhos que se descortinam diante da vida.

O evento que realizamos, e do qual somos testemunhas, é emblemático dessa cumplicidade do artista com a existência e o seu tempo. Marca a consagração e o reconhecimento público de um homem que dedicou o melhor de si à arte, ao saber e, especialmente, à formação da juventude. Persistindo na sua faina de forjar novos artistas, mantém vivo o ideal de sua mãe, através do Liceu de Arte do Amazonas Esther Mello.

O trabalho de Anísio Mello em prol das artes plásticas, das letras e da educação é afirmativo de seu compromisso com os valores mais nobres da civilização e também a credencial que justificou sua acolhida nesta Casa, onde passa a ocupar a Cadeira n.º 3, que tem como patrono uma das mais altas expressões da poesia brasileira – Gonçalves Dias – o primeiro grande poeta da Pátria, o que é, por si só, uma distinção ao novo confrade.

Num tempo tão refratário ao saber, às belas-letras – em que a memória jaz afogada no lago negro da ignorância e da indiferença – lembrar a excelsa figura de Gonçalves Dias – sua vida e sua obra – é um gesto de afirmação de nossos valores culturais. Sua história é exemplar – expressiva da força criativa e de caráter de um homem que, a despeito das limitações de seu tempo, das incompreensões e do preconceito, ousou ser. Fez-se poeta de um país que acabara de nascer, uma sociedade sem rosto, sem identidade e com um futuro a ser forjado em meio a tantas incertezas.

Cioso e apaixonado pela sua pátria, dedicou seu talento e sua vida ao desafio de ajudar na construção da nacionalidade, no forjamento de uma identidade que desse sentido à existência do povo brasileiro. Sintonizado com os valores estéticos do Romantismo, Gonçalves Dias fundamentou sua produção poética no resgate de nosso passado – valorizando especialmente a cultura nos habitantes nativos do Brasil, o que ensejou o surgimento de uma vertente importante e original do movimento romântico, o Indianismo – que teve como principais representantes o autor da célebre "Canção do Exílio" e o escritor José de Alencar, com seus romances com enfoque na figura idealizada do elemento indígena.

Gonçalves Dias afirmou-se pelo talento literário e riqueza temática de sua obra, expressiva de suas preocupações nacionalistas e de seu esforço de elaboração de uma linguagem inovadora, com a cor do nosso País e o cheiro de nossa gente. Pela maestria com que trabalhou o verso, aproveitando suas possibilidades expressivas – a melodia, o ritmo e a métrica, tornou-se um dos mais importantes poetas brasileiros de todos os tempos. Comprometido com a construção da identidade nacional, sua poesia mantém intrínseca relação com a terra – a natureza e o índio, temas afirmativos do caráter nativista de sua obra, de que é exemplo seu célebre poema "Y-Juca-Pirama" [o que há

de ser morto], em que relata os suplícios do último descendente da tribo tupi:

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro,
Do pranto que choro,
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

A poesia indianista de Gonçalves Dias é marcada por forte intensidade épica, em que o índio, como símbolo de nossa nacionalidade, é retratado de forma heróica e idealizada.

A presença de Anísio Mello dignifica a Casa de Péricles Moraes e honra o nome de Gonçalves Dias. Como homem de letras, o nosso confrade construiu uma reputação de poeta e pesquisador da literatura, com diversas obras publicadas. Participou dos primeiros acontecimentos que desaguaram na fundação do Clube da Madrugada, como testemunha o poeta Jorge Tufic:

"Corria o ano de 1949. Personagens desse tempo, um grupo atrevido de estudantes, dominado ainda pela sôfrega leitura desses poetas românticos, simbolistas e parnasianos, fez de um sombrio porão da rua Dr. Moreira... o lugar ideal para seus encontros diários. Esse porão servia de residência ao pintor Anísio Mello... freqüentavam o pequeno grêmio assim improvisado: Alencar e Silva, Guimarães de Paula, Farias de Carvalho,... Antísthenes Pinto e Jorge Tufic".

Comentando as leituras, os autores que eram lidos e estudados, Tufic nos informa que "os ídolos favoritos dessa época eram Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho e Olavo Bilac".

Essas leituras tiveram influência determinante sobre a sensibilidade e a obra do poeta Anísio Mello. Embora seja possível fazer a conexão entre o discurso poético de Anísio e a tendência lírico-espiritualista da moderna poesia brasileira, representada por Murilo Mendes, Cecília e, principalmente, Vinicius de Moraes, a análise de seus textos revela outras raízes. Sua poesia é toda plasmada por uma atmosfera romântica, o que deixa evidente a influência recebida de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu.

Anísio Mello estreou em 1950, com o livro *Lira Nascente*. A temática predominante nos textos é o amor – vertente pouco explorada na moderna poesia que se produz no Amazonas. Seus poemas têm como traço marcante a intensidade lírica, o conteúdo subjetivo – prenhes de ressonâncias românticas. O poema "Lembranças", do livro *Sexagésima Stella*, é uma evidência do lirismo que perpassa seus versos:

Na lembrança ficaste de permeio
a momentos de amor como te vi.
Foste rosa em meu peito e com receio
a primavera augusta então vivi.

Nos teus lábios agora me tonteio
e na luz de teus olhos refleti
todo um sonho feliz e agora creio
que o amor é como o beijo que senti.

Este amor que flutua mansamente
e incandesce a manhã tão de repente,
mais parece o delírio de um adeus.

Um dia partirei, quem sabe quando?
lembranças levarei sempre cantando,
com teus lábios impressos sobre os
[meus...

Seu discurso poético tem como temática recorrente o enleio amoroso. O conceito de lírico na obra de Anísio Mello está plasmado de pureza, de fervor e simplicidade. A ternura é um elemento marcante da sua poesia, destilada numa linguagem simples, sem rebuscamento. O texto "Mera Fantasia", do livro *Estrela do meu caminho*, publicado em 1962, é uma evidência dessa particularidade de sua sensibilidade poética:

Numa centelha de luz eu vi dos olhos teus
O amor brotando em flor,
Em límpido clarão.
Eras um sonho, na verdade imenso.
E eu um sonhador perdido de paixão...
Eras a luz a iluminar o mundo,
E eu a treva a bendizer tua luz.
Vinhas do sonho em primavera alvar,
E eu caminhava já mirando o fim...
E eu caminhei pro futuro, sem olhar para trás,
Deixando o sonho e as ilusões do mundo...
Não olhei mais o Amor... Nunca, jamais...

A saudade será um outro tema constante nas obras de Anísio Mello. Em alguns textos o autor desenvolverá uma temática mais subjetiva, cheia de ressonâncias existenciais, evidência da inquietude, da angústia do "eu do poeta" diante da inconstância, do vazio, do nada que nos sufoca.

O texto "Fiat", do livro *Vibrações*, de 1981, é ilustrativo dessa temática de cunho reflexivo. O poema é cheio de ressonâncias subjetivas, com forte conotação existencial. O poeta questiona a existência, o passado, o nada que nos devora,

essa subtração da vida, esmagamento da memória, a negação do sonho. Trata-se de um dos textos mais intensos de Anísio Mello:

Percorro com as mãos
meu corpo infame
e percebo a nódoa do prazer antigo
de lábios rubros de urucu
na festa azul da noite morta.
Cuspo em teu rosto esbofeteado
e pago a passagem do prazer do
[engano
flor da madrugada satânica e obscura
cortada em silhuetas de nanquim.
Percorro o mundo – Fênix que não
[morre
no fogo de tanta estupidez
para ver o mar em fogo a crepitar
o último caule da palmeira
e o casco em corrosão
a se esvair nas chamas
da galé antiga de milhões de sonhos.

As artes plásticas constituem a outra margem do labor artístico de Anísio Mello. Ao se afastar da representação mimética da vida, filia-se à arte abstrata. Diante de um mundo racionalizado e despojado de magia, o abstracionismo apela para o simbólico, para a revelação do universo intuitivo do ser. Sua matéria é impalpável, expresso através de cores e formas aparentemente sem relação com a realidade visual. Como afirmava o pintor Wassily Kandinsky, o mais destacado representante da estética da abstração: o artista deve ser cego frente à forma... Seu olho deve estar aberto para sua própria vida interior, seu ouvido sempre atento à voz da necessidade interior.

A pintura de Anísio Mello resulta desse esforço de equilibrar formas e cores, daí resultando um conjunto harmônico em que se projeta sua sensibilidade poética. A contenção enforma seu trabalho, a presença do artista maduro que trata seus temas e projeta seus espaços plásticos sem excesso ou gratuidade.

O artista é um criador de cenas perpassadas por intenso conteúdo poético, destacando-se a plasticidade no arranjo das cores e formas. A força das imagens e a delicadeza no ordenamento do conjunto são traços marcantes de sua técnica. Característica que não passaram despercebidas à sensibilidade de um crítico exigente como Sérgio Milliet: *Anísio Mello... chega a uma pintura em que o abstracionismo lírico se amalgama a um geometrismo nada rígido, antes elegante, como que a controlar a possível exuberância das manchas*.

Contemplar as pinturas de Anísio Mello é uma revelação da magia que encerra os objetos artísticos. É um mergulho num universo de cores e imagens, evocativo de um mundo impalpável, onírico e intuitivo – embotado pelo materialismo e frieza desse nosso tempo sombrio e trágico. Seus quadros são poemas que nos convidam para uma viagem através do mundo encantado do ser.

A trajetória artística de Anísio Mello é um testemunho de dedicação, perseverança e amor à arte. Sua história é afirmativa de uma vida consagrada ao belo, aos valores humanos e ao compromisso com a bondade e a nobreza. Nosso confrade faz parte da legião dos que conspiram a favor da justiça, da liberdade e do bem. Por isso o pássaro da poesia cruzou, hoje, o infinito, levando o sol preso ao bico e espalhando um canto luminoso para celebrar este acontecimento, marcante na vida do artista que recebemos para o nosso convívio, e na história de nossa Academia.

Para que a poesia ilumine nossas existências e para te celebrar, velho mestre, a quem tanto respeito e admiro, este canto de luz e esperança:

O pássaro da poesia
[imperceptível]
ensaia seu canto prateado
e incendeia a cortina
que nos separa
do espetáculo do mundo
sombras deixam
o casulo e voam
em busca de luz.
O coração em trevas
fulgura e floresce
como um sol originário
e inexplicável.

Exultantes te acolhemos sob a proteção deste Sodalício. Chegaste e és recebido neste templo que simboliza o saber, a cultura – onde se cultua a memória daqueles que se consagraram às artes e ao conhecimento em nossa terra. Trazes contigo a bondade, a esperança e o sal das vivências curtidas pelo tempo e esculpidas no teu ser generoso. Tua acolhida é o reconhecimento por tudo o que fizeste pela vida, pela arte e pela terra que te recebeu neste mundo de calamidades. Estamos todos honrados, porque o bem e o belo redimem nossas dores e acendem nossos olhos. E como dizia Shelley: "A poesia imortaliza tudo o que há de melhor e mais belo no mundo". E é por isso que nós te recebemos e te celebramos nesta noite memorável.

POSSE DE LUIZ MAXIMINO DE MIRANDA CORRÊA
FALA PRESIDENCIAL
MAX CARPHENTIER

Senhoras e Senhores,

Abstraindo-se o já rarefeito nomadismo e o pressionado aldeamento dos campos, o tempo social do homem transcorre nas cidades. O trabalho, as artes e o lazer, as instituições políticas, sociais e religiosas alcançam sua máxima expressão no conglomerado citadino. O fenômeno urbano de tal forma é envolvente que o estudo do desenvolvimento das cidades transformou-se em excelente ponto de observação da história e o urbanismo é consultado como ciência dos dias futuros. Já aprendemos a ver, na arquitetura das urbes, as mais distintas expressões da alma humana. Sabemos já que temos relação orgânica e emocional com as pontes, os monumentos, as calçadas, com o cotidiano chão que espia os nossos passos. Dizer que a cidade nos habita e se movimenta em nós não é uma figura poética, é uma descoberta interdisciplinar de caráter psicossocial. Os conceitos mais avançados de cidade há tempos migraram da Geografia Humana e da Sociologia para as mais refinadas elucubrações da Filosofia e da Política e até já foram lançadas as primeiras bases de uma Teologia da Cidade.

Essas considerações vêm a propósito da obra e do perfil intelectual de Luiz de Miranda Corrêa, que nos chega com grandes méritos de encantado estudioso de Manaus, ou melhor, de fidelíssimo amante de cidades. De fato, o seu livro *Roteiro Histórico e Sentimental de Manaus* é a doação valiosa de uma personalidade que se enamorou de sua cidade e a estudou em seus múltiplos aspectos, amando-a nos alicerces de sua formação, em seu desenvolvimento, em seus dotes arquitetônicos, em seus requebros tropicais e em seu destino. Para compreender a evolução, a história não despreza o sentimento. O que temos nesse livro é um ofertado coração, delicado e amoroso como o de beneditino, convertendo a informação em ternura, o mistério em abraço, a pedra em cântico, a herança dos antigos em beijos da memória. A bem-amada Manaus, nossa mãe e nossa filha, que ao mesmo tempo nos sustenta e se nutre de nós, encontrou nesse escritor de tradicional estirpe um intérprete duradouro dessa misteriosa simbiose entre a cidade e o homem, que em nossas veias fazem pulsar as avenidas e as avenidas nos socorrem com suprimentos existenciais de permanência e de encanto.

Como a sorte de todo grande amor é transbordar, porque essa é a vocação dos cálices repletos, essa afeição supra-urbana pela Manaus de nossos sonhos

estendeu-se a outras cidades em que viveu o andarilho da beleza, como aquela que está permanentemente sob o perdão de Cristo do Corcovado, como a Paris de Nossa Senhora rezando junto ao Sena e como, Luiz, aquela sensual e santa, perfumadíssima Sevilha. Senhores, Luiz de Miranda Corrêa é um amador de cidades, um fidalgo que acolhe em suas noites os corpos tatuados de miragens e de catedrais das mais belas esquinas do mundo. Se existe um espírito geral das aldeias, vilas e megalópoles, de alguma forma ele está aqui, com seus bosques, suas estátuas, seus edifícios de lâmpadas perpétuas, para celebrar conosco este austero rito de sagração acadêmica.

Sede bem-vindo a esta Casa, amável confrade. A Academia designou para recepcionar-vos o poeta Elson Farias, ele também um celebrante de Manaus, que vai se deter em outras considerações sobre vossa obra. Dá-se nesta noite um encontro feliz: Dois grandes filhos e amantes de Manaus se encontrarão naquela tribuna azul, próxima da alvorada de aniversário da cidade, tribuna cujas flamas da beleza e da verdade jamais se extinguem, porque assistidas pelo inconspurcável espírito das épocas, pela força incontrolável e peregrina das cidades permitidas por Deus nos sagrados caminhos dos homens.

DISCURSO DE POSSE DE LUIZ MAXIMINO MIRANDA CORRÊA, PRONUNCIADO EM 17 DE OUTUBRO DE 2003.

Cumpro, nesta noite, a grata obrigação de tomar posse da Cadeira n.º 37 desta ilustre Academia, para a qual fui eleito pela generosidade de meus pares.

O Patrono da referida Cadeira é o obidense Dr. Benjamin Lima, nascido no Pará, em 1885, e falecido no Rio de Janeiro, em 1948. Tornou-se, sucessivamente, crítico de Cinema, Teatral e Literário, em seguida, teatrólogo e, mais tarde, colaborou, em 1919, na redação de *O Paiz*, onde, por muitos anos, publicou coluna de sucesso e prestígio.

Após seu retorno a Manaus, assumiu sua posição na imprensa e no funcionalismo do Estado. Exerceu diferentes cargos e funções, entre eles o de professor de História Universal, no Ginásio Amazonense (Pedro II), e de Economia Política, na Escola de Comércio de Manaus. Promotor de Justiça, juiz municipal, juiz de Direito, foi, também, oficial de Gabinete do governador do Estado, diretor da Biblioteca Pública, diretor da Penitenciária, procurador do Estado e secretário da Prefeitura de Manaus. Foi, também, um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras e seu primeiro Presidente.

Benjamin Lima foi teatrólogo, um teatrólogo inspirado, autor das Comédias *O Homem Que Marcha*, *O Homem Que Ri* e *O Martírio de Don Juan*. *O Homem Que Marcha* concorreu, em 1925, ao Prêmio Academia Brasileira de Letras. Entre doze concorrentes, foi escolhido como vencedor, por Coelho Neto, Cláudio de Souza e A. Austragésilo, mas teve sua obra impugnada pelos acadêmicos Carlos de Laet e Osório Duque-Estrada, por se tratar de uma obra imoral. Levada a questão ao plenário da Academia, o prêmio foi conferido a Benjamin Lima, por apenas um voto.

Foi autor de outras peças teatrais – *Carrascos*, *Boa Noite*, *Quem Ri Afinal*, *Babilônia*, *O Amor e a Morte* e *Venenos*. Um de seus livros de maior sucesso foi o de crítica literária *Esse Jorge de Lima*, publicado em 1933.

Com a criação, em âmbito nacional, do Teatro-Escola, Benjamin Lima torna-se um paladino dessa idéia. Essa idéia e sua brilhante defesa fez com que Gustavo Capanema, então ministro de Educação e Cultura, criasse o "Curso Prático de Teatro" e o convidasse para dirigir o curso, o que fez com brilho, por alguns anos.

Exerceu o jornalismo, por largo tempo, também, no *Jornal do Brasil*, um dos mais importantes matutinos do Rio de Janeiro, da mesma forma que colaborou assiduamente com jornais da capital paulista.

Casado com dona Cacilda Mello, veio a falecer no Rio de Janeiro, em 9 de janeiro de 1948, sendo sucedido na Academia

Amazonense de Letras por seu filho, o ilustre jurista Carlos de Araújo Lima.

Como teria sido o jovem Benjamin Lima? Prefiro deixar falar os seus contemporâneos, que conheceram pessoalmente seu talento e seu charme. Raul de Azevedo, a quem Agnello Bittencourt atribui a descoberta, nos conta, em artigo publicado na *Revista da Academia Amazonense de Letras*, de setembro de 1955, como seria o inquieto e petulante estudante: Pois foi numa das claras manhãs de Manaus – não diremos uma bela manhã de sol porque lá todos os dias são lavados pelo sol – que entrou pela sala da redação um moço desempenado, elegante e imberbe, e logo vimos que era estudante, e foi nos dizendo: "Trago-lhe o meu primeiro artigo literário. É uma estréia. Chamo-me Benjamin Lima, estudante". Sentou-se. Olhei-o nos olhos vivos e respondi com a naturalidade de um confrade: "Muito agradecido. Vou ler, depois, o artigo". "Não, peço-lhe que o lesse agora". Fizemos a vontade do jovem estudante. Sempre, aliás, na nossa longa vida de imprensa, ajudamos milhares de moços que sempre nos foram ou nos são agradecidos. Após a leitura do artigo, dissemos: "Sairá amanhã".

O desempenado pós-adolescente, audacioso, sim, mas acreditando em seu talento, não se importava em invadir a redação de um jornal, dizer seu nome, exigir o reconhecimento de seu mérito. Ele já intuía que a imprensa seria, por toda sua vida, o mecanismo que o faria conhecido, não só na sua província mas nas principais cidades do Brasil.

Era, também, admirador de Oscar Wilde, esse mestre da fina ironia britânica, talvez somente igualada por seu conterrâneo Bernard Shaw. Seria marcante sua influência no estilo de Benjamin, quer em sua produção jornalística, mas sobretudo em sua dramaturgia. E é sobre a ironia e sua diferença do humorismo que Benjamin Lima escreveu página memorável:

"O humorismo, no fundo, é sempre ingênuo, e a ironia, uma aplicação (tanto para quem a perpetra quanto para quem a registra). O humorismo revela-se, em todos os casos, inofensivo, e não há hipótese em que a ironia não se patenteie maligna. O humorismo pode ser cândido, ao passo que a ironia nunca deixa de mostrar-se perversa, e tudo isso porque o humorismo é, antes, uma criação do sentimento, e a ironia, uma criação exclusiva do pensamento. Ironia é a busca do que existe de ridículo nas coisas sublimes. E, daí, o que ele tem de tipicamente sádico, vandálico, iconoclástico, profanador".

Vê-se nesse texto a pena e o intelecto, de um mestre com idéias originais. E, sem dúvida, um ensaísta. Talvez tenha faltado, nesse ensaio, o diagnóstico do sarcasmo, primo menor da ironia, no dizer do grande poeta Leopardi.

Admirador de Oscar Wilde, e qual pessoa civilizada não o é, acima de tudo de suas comédias elegantes e críticas da aristocracia britânica, e talvez influenciado por Wilde, em sua visão da ascendente

burguesia brasileira, sofrendo, por um lado, a influência francesa e, pelo outro, o poderio da velha Albion, sua lúcida inteligência organizou seus sueltos, na imprensa do País, nessa imprensa em que colaborou e, quando não, assinou editoriais no *Jornal do Brasil* e, parecendo querer abarcar o espaço imperial brasileiro, fez-se presente no já referido *O Paiz*, no *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, *Diário da Noite*, todos na antiga capital federal, foco da grande política e centro cultural por primazia. Colaborou, também, no *Correio Paulistano* e na *Gazeta*, da capital paulista, e, ainda no Rio, escreveu no *Jornal do Comércio*, *Gazeta Mercantil*, *O Dia*, *A Rua* e no *Jornal do Povo*. Em Santos, colaborou no *Diário* e, em Santa Maria de Belém do Grão-Pará, a bela cidade então metrópole da Amazônia, na aguerrida *Folha do Norte* e, mais tarde, em *O Imparcial*. Com essa excepcional produção literária, podemos considerá-lo um operário das letras e das idéias.

Eu tenho um pensamento próprio, talvez um tanto tolo, mas baseado na história de nosso País, ainda não um país, pois baseado em duas administrações distintas – o Maranhão e o Grão-Pará, no qual estávamos e, por muitos e muitos anos, nós amazonenses, incluídos como simples comarca, e o Estado do Brasil, dois imensos territórios, com governos próprios e governados pelo rei e a corte, diretamente de Lisboa. Essa idéia tola, talvez nem tão tola, é de que o rio Amazonas, ou "Estrada Real", no dizer dos portugueses, criou a nossa identidade. De Belém até Manaus, baixo Amazonas acima, nasceu a alma amazônica. Fosse em Óbidos, Faro, Barreirinha, Santarém, Parintins ou Itacoatiara, os governantes vieram dessas localidades, vilas, aldeias ou quase cidades. O baixo Amazonas, em termos sociológicos, é o Loire, da França. Foi essa alma que forjou Benjamin Franklin de Araújo Lima, alma ao mesmo tempo amazônica mas, também, universal. Nascido em Óbidos, formado em Manaus, onde criou asas até a consagração na capital da República, então a Cidade de São Sebastião. O Rio, onde todo intelectual sonhava viver e obter o seu espaço entre os vencedores.

Ele já nasceu um vencedor. Condenado à morte, ainda muito jovem, o que o fez viajar a Paris, para ouvir de um especialista importante que seu mal era incurável. Encontrou apoio na jovem dona Cacilda que, a despeito da oposição familiar, insistiu em casar. Terá sido esse amor que o fez sobreviver por tanto tempo e permitiu construir sua obra?... Quem já amou sabe muito bem que o grande amor faz um homem superar doenças e dificuldades. Dona Cacilda agraciou Benjamin com sete filhos, entre eles o grande jurista Carlos de Araújo Lima.

Ao fazer sua última viagem, no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras, para a homenagem póstuma, escolheu Peregrino Júnior, que resumiu sua trajetória: "Viveu para a alegria do ler e do escrever".

Não sou bacharel em Direito, muito menos advogado e "helás" criminalista ou jurista. Longe de mim tentar interpretar, julgar ou apenas entender esse magistral amazonense que foi Carlos de Araújo Lima, talvez o mais brilhante filho de dona Cacilda e de Benjamin Lima. Sou apenas um técnico de assuntos gerais. A glória desse Araújo Lima que, além do pai, teve um tio prefeito de Manaus e um dos maiores intérpretes da Amazônia, ainda ecoa pelo fórum do Rio de Janeiro, é razão de estudo e pesquisa nas faculdades de Direito do continente brasileiro.

Sua audácia em aceitar causas complicadas, talvez difíceis, me faz lembrar seu pai, que acreditava em si e em seu talento. Carlos era assim. Se, por acaso, assim não fosse, como teria aceito a defesa polêmica de Gregório Fortunato, o "Anjo Negro" de Getúlio Vargas, do tenente Bandeira, de Dana de Teffé, somente para citar o número cabalístico três. Causas que viraram uma novela, que fazia o povo brasileiro comprar jornais e semanários para seguir sua defesa, sua fantástica defesa.

Na verdade, eu preferi falar um instante sobre o escritor e seu estilo. Chegou-me, por acaso ou por amor, o livro *Descobrindo Portugal*, onde Carlos derrama seu carinho por nossa pátria ultramarina, o país e o povo que nos ensinaram a tolerância para aceitar todas as raças e todas as etnias do mundo.

Ritual cumprido, cerimonial resolvido a duras penas, peço vênia a essa ilustre audiência para fazer uma viagem no tempo, uma viagem a um tempo que me parece distante. Uma viagem ao meu passado.

Nasci em Manaus, de pai paraense e mãe amazonense, na av. Eduardo Ribeiro, 938, esquina da rua Monsenhor Coutinho, em frente à praça do Congresso. Meu pequeno mundo era limitado pelas ruínas do Palácio de Eduardo Ribeiro, que minha mente imaginativa teimava em ver como as ruínas do Fórum Romano. Em frente, o Ideal Club, com suas festas "black-tie", que me faziam imaginar a Paris, assunto quase cotidiano em nossa casa.

Naquela minha infância, provincianamente policiada, era possível driblar empregadas e aderentes e fugir para o mundo das fantasias.

Nos fundos de nossa casa, existia uma oficina de consertos de carros. Lá existia, também, o filho do borracheiro. Nessas fugas, Natito e eu corríamos pelo pequeno mundo ao nosso redor e entre uma pedrada nas janelas do Luso, na casa patrícia dos Mattos Areosa, chegávamos à Academia. Aqui não se toca. Aqui moram os deuses. Anos depois descobri que Natito tinha razão, aqui mora a inteligência e o talento. É a Casa de Péricles Moraes, Adriano Jorge, Torquato Tapajós, João Leda, Tenreiro Aranha, Araújo Lima, Inglês de Souza, Waldemar Pedrosa, Álvaro Maia, Félix Valois Coelho, e mais, e mais.

O meu sonho esotérico de infante realizou-se hoje.

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO LUIZ DE MIRANDA CORRÊA PROFERIDO EM SESSÃO SOLENE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, REALIZADA NA NOITE DE 17 DE OUTUBRO DE 2003, PELO ACADÊMICO ELSON FARIAS.

Prezados senhores:

Com alegria dou as boas-vindas a Luiz de Miranda Corrêa a esta Casa. Saúdo o escritor e os seus livros. Livros escritos com entusiasmo, ensaios sobre cultura e história, crônicas sobre a vida, prosa de ficção. Saúdo o escritor que faz dos seus dias um permanente laboratório de experiências, discutindo a Amazônia, virando mundo, conhecendo pessoas e fazendo amigos, provando do açúcar e do sal da existência, distribuindo bom humor e capitalizando sabedoria.

A inteligência de Manaus se rejubila ao tomar ciência de que a Academia o está recebendo nesta noite. Esta Casa que, no caminho do centenário, já exerceu e exerce papel ponderável no processo cultural da Amazônia, sem dúvida se enriquecerá com o concurso da sua sensibilidade. Esta Academia que em seus quadros já contou e conta, com figuras da maior expressão das letras nacionais, com raríssimas exceções entre as quais me incluo, completa-se ao recebê-lo hoje, na Cadeira n.º 37, de que é Patrono o grande dramaturgo, jornalista e ensaísta Benjamin Lima.

Guarda o nome do avô, o engenheiro e empresário paraense fundador da Cervejaria Miranda Corrêa, uma das marcas mais assíduas e profundas na história econômica e social da região. Considera-se um amazônida de quatro costados. Sua família possui raízes no Amazonas e no Pará. Mas em Manaus foi onde Luiz de Miranda Corrêa sedimentou a sua personalidade. Ama tanto a sua terra que jamais a abandonou. Um dia ele me disse que não podia ficar muito tempo sem ir ao Rio de Janeiro, a Nova York e Paris, mas para morar era Manaus, a cidade onde nasceu e onde fez o curso primário, numa escola particular, e o secundário no Colégio Dom Bosco, na época em que este era um dos mais disputados centros de formação intelectual e profissional da juventude amazonense. Depois foi para o Rio de Janeiro, onde fez o Científico no Colégio Internato São José. Sua formação mental e humana, nos domínios das atividades escolares, concluiu-se com o curso de História da Arte e Civilização, realizado em três anos no Museu do Louvre, em Paris.

Levado pelas mãos do mestre Arthur Cézar Ferreira Reis, este, também, um dos luminares desta Casa, exerceu funções técnicas na Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA, e, depois, na criação e instalação do Departamento de Turismo e Promoção

do Estado. Mais tarde, foi superintendente da Fundação Cultural do Amazonas, conselheiro e presidente do Conselho Estadual de Cultura, secretário-geral do Instituto Superior de Estudos da Amazônia – Isea e do Conselho Consultivo de Cultura. Em todas essas funções Luiz de Miranda Corrêa tem-se havido com o mais ágil desempenho, em face da facilidade com que circula nas altas esferas da administração pública e nos centros internacionais de cultura da mais alta expressão.

Seu espírito inquieto levou-o a outras atividades além da literatura. Entrou no mundo do cinema. Entre os seus filmes destaca-se *A Selva*, realizado em 1970, sobre um dos clássicos da Amazônia, o romance de Ferreira de Castro com o mesmo nome. Realizou *Como Matar uma Sogra*, de 1979, tirado de uma novela de Aluísio Azevedo, *O livro de uma sogra*, autor fundamental do período naturalista. Em 1979 realizou os curtas *A saga de Manaus* e *Região, Tradição e Modernidade*, contando com a participação de Gilberto Freire. Realizou, ainda, como coprodutor, *Amazonas, Amazonas*, dirigido por Gláuber Rocha. Produziu peças de teatro montadas no Teatro Galeria do Rio de Janeiro.

Tem militado na imprensa, colaborando nos jornais de Manaus, de Belém, de Porto Alegre e do Rio de Janeiro.

Seus livros cuidam da análise, da discussão, do debate sobre temas da atualidade e da história. Em *Manaus – Aspectos de sua Arquitetura*, de 1964, e *O Nascimento de uma cidade*, de 1966, Luiz de Miranda Corrêa examina a forma como os mestres portugueses lograram implantar, nos trópicos, os estilos de moradia concebidos na Península Ibérica. Em verdade, observa esses aspectos das formas de vida na Amazônia em várias oportunidades, fazendo palestras, concedendo entrevistas ou em simples conversas entre amigos.

Discorre na apreciação dessa arquitetura. Dos prédios residenciais do centro histórico de Manaus, servidos por soberbas platibandas guardadas com caprichosos ornamentos, sempre originais, fugindo à monotonia das repetições. As paredes frontais destas casas nascem do fio do passeio, direto da rua, com as portas abrindo de frente para as calçadas. Arquitetura que, enfim, domina a paisagem urbana de todo o mundo ocidental. Luiz de Miranda Corrêa chama a atenção para o fato de os mestres portugueses darem valor essencial ao pé direito alto, servido por olhos na altura dos forros, e ao porão, com que as moradias enfim se liberavam do excesso de calor e umidade, marca registrada do clima da Amazônia. Modernamente, este problema foi resolvido com os sistemas de ar-condicionado.

Em *A Borracha do Amazonas e a Segunda Guerra Mundial*, de 1967, Luiz de Miranda Corrêa traça um roteiro seguro, feito com muita lucidez, num panorama

completo dos acontecimentos. Os olhos do mundo sempre estiveram voltados para o valor da hévea, desde a divulgação feita em Paris por La Condamine, em 1743, a que batizou com o nome de caucho ou resina elástica. Com a Segunda Guerra Mundial, no entanto, a questão mais se acentuou porque as outras áreas fornecedoras do produto no mundo estavam sob o domínio do outro lado. A questão da borracha acentuou, cada vez mais, a cobiça do mundo desenvolvido sobre a região.

É oportuno lembrar que, além das questões da borracha, após o término da guerra, com a vitória dos Aliados, voltou-se a discutir a idéia antiga da organização de um instituto voltado aos estudos da região. Foi quando se propôs, avalizada pela Unesco, a criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica. Mas o povo brasileiro não aceitou o projeto. Achou que aquilo era uma intromissão em nosso território, verdadeiro atentado à soberania do País. Mobilizou o Congresso Nacional, a imprensa, os órgãos representativos da sociedade civil, e fez abortar a idéia. Sem ter outra saída, o presidente Getúlio Vargas aproveitou para criar o Inpa – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, isto em 1952, que hoje funciona em pleno sucesso, como uma das principais referências mundiais nos estudos amazônicos.

No *Roteiro Histórico e Sentimental da Cidade de Manaus*, de 1969, Luiz de Miranda Corrêa põe a serviço a sua experiência de cultor da história, mas, também, por ser um roteiro sentimental, retoma a força de sua alma de poeta. No seguinte trecho, recolhido às páginas 16, logo na entrada do livro, portanto, ele faz uma síntese maravilhosa do seu intento. E diz:

Qual o papel maior que Manaus desempenhará no futuro do Brasil? O que significará no contexto do desenvolvimento brasileiro a contribuição de uma comunidade que, através dos anos, vem teimando em ser brasileira? Essa a grande preocupação dos homens de governo e dos empresários de nossa terra, que não nos cabe responder no presente Guia. O que desejamos é transmitir aos brasileiros, dos mais diferentes Brasis, um pouco da história e dos costumes de uma estranha cidade tropical em que o Brasil português se encontra com o Brasil ameríndio e absorve influências plurinacionais, criando uma vivência tropical, de mil facetas às vezes conflitantes, mas guardando as tradições e certos costumes milenares dos indígenas, casando-as com os hábitos e costumes luso-brasileiros, que o nordestino trouxe em sua bagagem de bandeirante afoito, em busca de fortuna nos seringais do Purus ou do Madeira.

Mas Luiz de Miranda Corrêa se estende numa análise mais ampla ao longo do livro. Fala das águas e da floresta, fala da conquista do Amazonas, atem-se na figura de Lobo D'Almada, o grande estadista da Colônia, vai do Império aos dias da borracha. Ocupa-se de Eduardo Ribeiro, exemplo de

audácia e engenho de um autêntico desbravador. Tece considerações autorizadas sobre as casas construídas pelas famílias bafejadas com a riqueza da borracha. Refere-se ao Teatro Amazonas, sua história e seus mitos e cuida de outros prédios importantes na arquitetura da cidade. Este é, sem dúvida, o seu livro mais completo sobre Manaus. Faz um largo bosquejo sobre a paisagem urbana da cidade, com a nova arquitetura propiciada pela ação do governo e da iniciativa privada, muito produto da prancheta de arquitetos da linhagem de um Severiano Porto. Mas não se pode esquecer do capítulo sobre a cozinha amazonense, uma das mais suculentas e típicas, brilhando na linha de frente a saborosa tartarugada, que, também, não esqueceu Luiz de Miranda Corrêa.

A súmula do seu pensamento, no entanto, está no livro *Em nome de Deus em nome do rei*, lançado em 2002, onde analisa a influência portuguesa nas origens de nossa formação cultural. Para tanto, levanta os fundamentos da história de Portugal e a sua ação expansionista, eternizada por Camões sobre (...) *as memórias gloriosas daqueles reis que foram dilatando a Fé e o Império* (...) e levando o idioma às quatro partes do mundo, numa síntese magistral, em estilo fluente e simples, quase coloquial, uma das características, enfim, do seu modo de escrever. Encerra o livro traçando um amplo perfil do marquês de Pombal e a ação da sua política na Amazônia. Onde está a originalidade da abordagem se tantos pensadores d'aquém e d'além-mar já se ocuparam do assunto? Está no poder de síntese só possível em mãos de quem domine a matéria examinada, assumida pela vivência e pelo conhecimento.

Por mais que não pareça, ao avaliar as contradições que marcam os atos e as atitudes dos homens, as personalidades guardam um ponto de coerência no ritmo e no modo de caminhar. Algum íntimo impulso talvez tenha mobilizado o jovem Luiz de Miranda Corrêa a realizar o curso de História da Arte e Civilização, no Museu do Louvre, em Paris. Seria o ambiente em que viveu em Manaus, na casa do seu avô, misto de empresário e artista, pois tocava piano e compunha, e realizava periódicos encontros de boa música em sua casa, mantendo um salão que era verdadeira sala de concertos? Quem sabe! Mas o certo é que Luiz de Miranda Corrêa permaneceu caminhando pelas estradas escolhidas no mundo do saber, a história da Arte e Civilização. Arte e civilização amazônicas, tema de todos os seus livros.

Há, no entanto, um pormenor destoante, porque ninguém é assim tão perfeito na vida. Luiz de Miranda Corrêa comete um grave deslize. Mantém guardados, longe da luz da publicidade, os contos que escreveu e escreve, nos quais logra imantar muito da sua sensibilidade ao focalizar o comportamento da sociedade do seu tempo. Como sei disso, se os contos estão inéditos? É que o nosso companheiro de Clube da Madrugada, Arthur Engrácio, de saudosa memória,

pesquisando nos jornais, conseguiu ter acesso a um desses trabalhos, intitulado *O kyrie de Itaporanga*, incluindo-o na sua excelente *Antologia do Novo Conto Amazonense*, de 1971, verdadeira raridade bibliográfica.

Luiz de Miranda Corrêa está em dívida ainda com os seus leitores, em relação às páginas de memórias reunidas nos livros inéditos *Viramundos* e *31, Rue de La Harpe*, já anunciados, em cujas páginas, sem dúvida, deverá registrar observações sobre as inúmeras viagens que fez pelo Brasil, pelas Américas, Europa e África, na maioria das vezes por conta própria, e noutras a serviço da cultura nacional. Pelos bons serviços prestados, nessas áreas, recebeu inúmeras honrarias, destacando-se a Medalha Lauro Müller, do Ministério das Relações Exteriores, e a Grã-Cruz de Cavalheiro da Ordem do Mérito do Amazonas.

Mas, apreciemos uma seqüência da sua prosa de ficção:

Pouco a pouco a canoa se aproximava do barranco escarpado, apresentando sinais de seca das grandes. A lama grossa anunciava arraias e os garotos evitavam o lodaçal com respeito. Encarapitada no alto da margem, Itaporanga acordava para mais um dia sem futuro, e o padre alemão chegava ao fim da missa de finados e se preparava para entoar o Libera-me. *A igreja grande e inteiramente de mau gosto, cheia de painéis mal pintados evocando uma história de burgo sem passado, recebia naquela manhã a fina flor da sociedade, da política, e do comércio. Lá estavam o Prefeito, o Comissário, o Juiz Anacleto, Dr. Sidônio Paz orgulhosamente metido em seu terno de linho branco, D. Florzinha vestida meio de freira, a sorrir para o Padre Eterno numa sociedade limitada de devoção e sexo, o Bustamante Feitosa, mulato baiano muito respeitado por ser médico rico estabelecido com a melhor freqüência da cidade e até o Boitatá, com sua cara de retardado, fazendo caretas e dizendo palavrões em voz baixa.*

Esse é um trecho do conto *O Kyrie de Itaporanga*. E por aí vai contando o ocorrido, como se vê, tudo dentro de uma solenidade religiosa, onde se encomendava a alma de uma senhora que, por desventura ou engano, tomara veneno de cobra em vez de bicarbonato de sódio. É grande a fuxicaria em torno do infausto acontecimento. Em Itaporanga havia pessoas informadas sobre a vida e a morte de todo o mundo, mais do que sabiam ou sentiam os próprios agentes desses fatos, de tal forma que chegavam a tratar de assuntos sem nenhum fundo de verdade, simplesmente porque nunca aconteceram. Esses assuntos eram enredos criados pelos próprios fuxiqueiros.

Por aí vai tecendo a trama da sua estória, ambientada numa autêntica cidade amazônica, numa linguagem e com um vocabulário próprio da região, sem ser, vejam bem, um conto regionalista onde

vicejem personagens de fala estropiada. Mas se trata de uma página de legítima literatura amazônica.

Observando no texto citado, a existência de palavras como *canoa, barranco* e expressões como *seca das grandes*, referindo-se ao movimento das águas dos rios, não me furto em entrar na discussão da existência ou não de uma literatura amazônica ou amazonense. Uns afirmam que não existe literatura amazônica, mas somente literatura brasileira. Ora, mas se temos vários Brasis, verdade insofismável construída pelos sociólogos, porque não é possível a existência também de várias literaturas? Sabemos que a Literatura, além de outras fontes originais, é um fenômeno lingüístico e político. Quando falamos em literatura de Língua Portuguesa, ou Francesa, ou Inglesa, estamos olhando o problema do ângulo, do ponto de vista lingüístico; quando se fala de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, Inglesa ou Americana, Francesa ou Senegalesa, estamos vendo a questão do ponto de vista político. Na medida em que um povo se afirme e vá conquistando a sua identidade cultural, ele vai criando as suas formas de expressão e, entre essas formas de expressão, ele vai também conquistando uma Literatura própria. Neste sentido é que existe ou pode existir uma literatura amazônica, sem que se queira, com esse pensamento, ferir ou sequer arranhar os princípios da unidade nacional deste País-continente. E se de todo não se ficar convencido dessa realidade, é só consultar a vasta bibliografia existente sobre a região, só no âmbito da criação literária, sem referir aos relatos dos viajantes, desde o primeiro quartel do século 19, com Henrique João Wilkens e o seu poema *A Muhraida*, e os sonetos e odes de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, que aclimata os pastores árcades nas margens dos rios e nas curvas dos nossos igarapés.

Senhor Acadêmico Luiz de Miranda Corrêa:

Vós que tendes participado de tantos movimentos de cultura em nossa terra, no Clube da Madrugada, na União Brasileira de Escritores do Amazonas, no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, chegou a vez de contarmos com o vosso concurso indispensável na ilustre Casa de Péricles Moraes. Por suas qualidades de coração e de inteligência, apresento-vos as boas-vindas. A Casa é vossa, aqui podeis sentir-se à vontade.

>>NOTICIÁRIO DA ACADEMIA

Largo de São Sebastião é entregue aos manauenses

A população de Manaus e os turistas já podem novamente desfrutar da beleza arquitetônica da área do entorno do Teatro Amazonas, outrora reduzida a um grande estacionamento a céu aberto. No dia 15 de maio, o governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Cultura, devolveu à cidade o Largo de São Sebastião, totalmente restaurado. O restabelecimento da harmonia estética de um dos principais cartões-postais da capital foi comemorado com uma inauguração à altura: a montagem da ópera "A Flauta Mágica", de Mozart, encenada por artistas amazonenses. O espetáculo foi assistido por um público estimado de cinco mil pessoas.

O projeto de revitalização da área do entorno do Teatro Amazonas faz parte do programa Belle Époque e foi executado por uma equipe multidisciplinar. A metodologia utilizada por esses profissionais baseou-se na preservação dos elementos históricos e estéticos ainda existentes no local e na recuperação daqueles que haviam sofrido alterações. Durante as obras, a camada asfáltica das ruas adjacentes ao Teatro foi retirada, dando lugar ao piso original em blocos. As fachadas do casario das ruas Dez de Julho, Costa Azevedo e José Clemente foram restauradas. As calçadas, meios-fios, sarjetas e a arborização do local também sofreram intervenções. Além disso, o trânsito de veículos na área foi alterado, dando lugar a uma grande área onde as pessoas podem passear tranqüilamente.

A ambientação do local, com riqueza de detalhes, visa levar o turista e a população local a uma viagem no tempo, onde se pode reviver um pouco do glamour da Belle Époque, período que vai de 1890 a 1912. Dentre os elementos deste cenário estão os passeios de charretes, com veículos construídos à semelhança dos existentes no período áureo da borracha, e que são conduzidos por "charreteiros" vestidos a caráter. Cabines telefônicas, bancas de revistas e de tacacá, construídas em estrutura metálica também enfatizam o estilo da época.

CENTRO CULTURAL

Música, dança e teatro hoje dominam o lugar que antes era ocupado por meninos de rua e flanelinhas. Com objetivo de criar mais uma alternativa de lazer para a

população da cidade e para os turistas, as ruas do Largo de São Sebastião foram transformadas em Centro Cultural.

O Centro Cultural Largo de São Sebastião possui programação gratuita e funciona de segunda a segunda, de 9 às 21 horas. Dentre as opções do local, está a "Casa das Artes", localizada no número 564 da rua José clemente, esquina com a rua Barroso. O espaço possui serviços de empréstimos de livros, revistas, materiais e equipamentos artísticos, instrumentos musicais, DVD's, além de abrigar exposições de arte.

REQUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL

Um programa de capacitação profissional para os "flanelinhas" que atuavam no entorno do Teatro Amazonas também fez parte do projeto de revitalização do local. Cursos como o de charreteiro e de guia turístico foram oferecidos a esses trabalhadores com o objetivo de apresentar-lhes uma alternativa econômica e de inseri-los no mercado regular de trabalho.

8.º FESTIVAL AMAZONAS DE ÓPERA COMPROVA AMADURECIMENTO DE ARTISTAS LOCAIS

O 8.º Festival Amazonas de Ópera (FAO), realizado de 21 de abril a 28 de maio, foi marcado pela beleza dos espetáculos apresentados e pela presença cada vez mais numerosa de artistas amazonenses. O evento, promovido pelo governo do Estado, através da Secretaria de Cultura (SEC), foi orçado em R$ 3,4 milhões e gerou 77 postos de trabalhos diretos e, aproximadamente, 2.300 indiretos.

A programação do FAO contou com um total de nove espetáculos, dentre os quais 3 óperas, 5 concertos e um musical. Dentre as óperas apresentadas estão "O Crepúsculo dos Deuses", "Norma" e "A Fláuta Mágica". Os concertos "Aída", "Stabar Mater", "Pierrot Lunaire" e "Noite Transfigurada" e o concerto do Dia do Trabalhador também fizeram parte do calendário do evento.

Assim como ocorreu em edições anteriores, os espetáculos deste ano não ficaram restritos ao Teatro Amazonas (TA). Os palcos do Teatro da Instalação, do Studio 5 Centro de Convenções e a área do entorno do TA também foram utilizados para abrigar as montagens.

Na estréia do festival, as ilustres presenças do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e da primeira-dama, Marisa Letícia, abrilhantaram a primeira noite de espetáculos. O atraso de 44 minutos, devido à espera pela chegada de Lula, não desanimou o público que lotou o TA para assistir a obra-prima do compositor italiano Giuseppe Verdi, "Aída". A ópera, que conta a história do soldado egípcio Radamés, e da escrava etíope Aída, foi apresentada em forma de concerto, dividido em quatro atos, com uma hora e meia de duração.

O espetáculo de abertura do 8.º Festival Amazonas de Ópera teve a regência do maestro Luiz Fernando Malheiros e contou com a participação da Amazonas Filarmônica, Banda de Música do Comando Militar da Amazônia e dos solistas amazonenses Josenor Rocha, Tamar Freitas e Miquéias de Oliveira Pinto. Os corais do Amazonas, Juvenil, Jovem e de Câmara também participaram de "Aída", somando 250 vozes.

MUNDO OBSCURO

Dando continuidade ao festival, o palco do Teatro Amazonas recebeu a montagem de "O Crepúsculo dos Deuses", terceira parte da tetralogia "O anel dos Nibelungos", de Richard Wagner. A ópera, inédita no Brasil, foi apresentada nos dias 22, 25 e 28 de abril.

A ópera "O Crepúsculo dos Deuses" foi composta em 1866 e retrata um mundo obscuro, assolado pela ganância e corrupção. Para retratar com perfeição toda a densidade da obra, que possui 4 horas e 40 minutos de duração, os preparativos entre os artistas e a equipe técnica começaram em novembro de 2003. O espetáculo teve a direção de Aidan Lang e a participação da Amazônia Filarmônica, regida pelo maestro Luiz Fernando Malheiros.

TALENTOS AMAZÔNICOS

A apresentação da ópera "A Flauta Mágica", de Mozart, foi um marco na história do Festival Amazonas de Ópera. Pela primeira vez, em oito anos de realização do evento, a montagem contou com um elenco formado apenas por artistas amazonenses, comprovando o amadurecimento dos talentos locais que vêm se dedicando à música erudita. Os solistas Taís Bandeira e Humberto Vieira encabeçaram o elenco do espetáculo, apresentado nos dias 15 e 16 de maio.

Apresentada ao ar livre, no entorno do Teatro Amazonas, "A Flauta Mágica" também marcou a inauguração do Largo de São Sebastião, totalmente restaurado pelo projeto Belle Époque, tendo sido adaptada do original e cantada em português. As adaptações tiveram como objetivo tornar a obra acessível ao grande público.

O bom desempenho dos artistas locais também pôde ser conferido pelo público durante a apresentação do musical "A Lenda do Guaraná". Tradicionalmente encenado durante a Festa do Guaraná de Maués, o musical sofreu alguns ajustes para a exibição no Teatro Amazonas, como a incorporação de coro e orquestra. O espetáculo contou com um elenco formado por 47 bailarinos, todos integrantes do grupo Guaranaués, do município de Maués.

ROMANTISMO

O encerramento do 8.º Festival Amazonas de Ópera deu-se com a apresentação da ópera "Norma", de Vincenzo Bellini. A montagem, inédita no Estado, foi

apresentada nos dias 22, 25 e 28 de maio. "Norma" é a mais famosa composição de Bellini e narra a história de amor, traição e vingança entre Pollione e a alta sacerdotisa Norma.

Considerada uma ópera tecnicamente difícil, "Norma" também teve a participação de artistas amazonenses, do Coral do Amazonas, da Amazonas Filarmônica e da Banda Sinfônica do Centro Cultural Cláudio Santoro.

A EXPERIÊNCIA DO PROCESSO CRIADOR

No período de 8 de maio a 10 de julho de 2004, a Academia Amazonense de Letras realizou importante ciclo de palestras subordinado ao tema "A experiência do processo criador", com o qual abriu a nova programação cultural *Sábados da Academia*. Foram palestrantes os acadêmicos: Thiago de Mello, Max Carphentier, Almir Diniz, Francisco Gomes, Tenório Telles, Antonio Loureiro e Elson Farias.

Ao final do ciclo foram conferidos certificados de participação.

HOMENAGEM AOS ACADÊMICOS DESAPARECIDOS

Após a vitoriosa experiência do ciclo de palestras sobre o Processo Criador, a Academia Amazonense de Letras está realizando, no programa *Sábados da Academia*, uma série de conferências sob o título "Sessões em Memória". O ciclo foi aberto pelo Acadêmico Armando de Menezes que estudou a vida e a obra do saudoso Acadêmico romancista Paulo Jacob (31/7/2004).

O segundo conferencista (sábado, 7/8/2004) foi o Acadêmico Anísio Mello abordando aspectos da vida e da obra do Acadêmico Áureo Nonato, recentemente desaparecido.

PREENCHIMENTO DE VAGAS NA ACADEMIA

O Presidente Elson Farias, autorizado pelo órgão competente da Academia Amazonense de Letras, decidiu estabelecer plano para o preenchimento das vagas existentes no quadro de sócios efetivos do Silogeu.

A primeira vaga aberta foi a da poetisa Violeta Branca, Cadeira n.º 28, que tem como Patrono Annibal Theophilo. Concorreram Aníbal Beça, Vânia Pimentel e Zeneide Puga. Eleito Aníbal Beça. Assumirá brevemente. Será recepcionado pelo Acadêmico Antonio Loureiro.

A segunda vaga, oficialmente declarada aberta, foi a do poeta Anthístenes Pinto que ocupara a Cadeira n.º 27, de Tavares Bastos. Candidato único, foi eleito Zemaria Pinto a 16/5/2004. Tomou posse em sessão solene realizada no dia 3/9/2004, saudado pelo Acadêmico Francisco Gomes da Silva na gestão de Elson Farias.

Em seguida foi aberta a vaga de Plínio Coelho (Cadeira n.º 21, de Tenreiro Aranha). Concorreram Luiz Bacellar, Mário

Diogo de Melo e Rita Maria dos Santos Puga Barbosa. A eleição aconteceu no dia 24/7/2004, sendo eleito o poeta Luiz Bacellar que será recepcionado pelo Acadêmico Tenório Telles, em data a ser marcada.

Seguidamente foi aberta a vaga do amazonólogo Samuel Benchimol, Cadeira n.º 11, que tem como Patrono José Veríssimo. Concorreram Marcus Barros e Lourdes Buzaglo, sendo eleito o primeiro, na reunião de 27/8/2004. O novo imortal será saudado pelo Acadêmico Robério Braga, em data a ser definida.

Declarada aberta a vaga de Gebes Medeiros, que ocupava a Cadeira n.º 25, de Araújo Lima, foi eleito a 11/9/2004 o escritor Márcio Souza. Tomou posse no dia 29/10/2004 saudado pelo Acadêmico Zemaria Pinto na gestão de Elson Farias.

Abertas as vagas de Paulo Jacob e Mendonça de Souza, Cadeiras n.ºs 7 e 15, respectivamente, patrocinadas por Maranhão Sobrinho e Graça Aranha, candidataram-se para a primeira o jornalista e escritor Aldisio Filgueiras e, para a segunda os intelectuais Narciso Lobo, Jacinto Alves da Silva e Mário Diogo de Melo, sendo eleitos os escritores Aldisio Filgueiras e Narciso Lobo.

A última vaga existente, do historiador Mário Ypiranga Monteiro, encontra-se aberta.

PROJETO DE RESOLUÇÃO N.º 01/04

Cria a *Coleção Clássicos da Academia Amazonense*, e dá outras providências.

RESOLVE:

Art. 1.º – Cria a *Coleção Clássicos da Academia Amazonense*, destinada a reunir novas edições de livros de Acadêmicos do passado.

Art. 2.º – Cria Comissão Editorial composta por 3 (três) Acadêmicos. Nomeados pelo Presidente da Casa, com as seguintes designações e atribuições:

a – Coordenador Editorial, encarregado do programa de edições da *Coleção Clássicos da Academia Amazonense de Letras*;

b – Editor do Boletim, responsável pela circulação mensal do *Boletim Informativo*.

Parágrafo único – A Comissão se reunirá para definir sobre a programação das edições de livros, a linha editorial da Revista e do Boletim, sob a supervisão do Presidente da Casa.

Art. 3.º – Autoriza a celebração de convênios ou contratos visando implementar as providências determinadas por esta Resolução.

Art. 4.º – Esta Resolução entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala da Assembléia-Geral da Academia Amazonense de Letras, em Manaus, etc.

RESOLUÇÃO N.º 02/04

Cria a *Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes*, estabelece normas para sua concessão, e dá outras providências.

A **ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS**, na forma do seu Estatuto e considerando a proposta apresentada pela Diretoria da Casa,

RESOLVE:

Art. 1.º – Cria a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes, a ser conferida anualmente e destinada a expressar o reconhecimento da Academia a personalidades que se tenham destacado nos estudos e na interpretação da Amazônia, contemplando três modalidades.

Art. 2.º – Os agraciados serão escolhidos mediante o seguinte procedimento:

§ 1.º – Cada Acadêmico indicará, até o dia 15 de janeiro, 1 (um) nome por modalidade, isto é, de personalidades que se tenham destacado nos domínios das letras, das artes e do Mecenato Cultural, devendo contar, nos termos da indicação, a identidade, o domicílio do candidato e uma apreciação sucinta de sua obra;

§ 2.º – A Diretoria da Casa organizará três listas tríplices por modalidade, com os mais freqüentes nomes indicados pelos Acadêmicos;

§ 3.º – Na hipótese de as indicações dos Acadêmicos não atingirem um número estipulado, compete à Diretoria da Casa completar a indicação 3 (três) listas tríplices;

§ 4.º – As listas dos candidatos serão apresentadas à Assembléia-Geral da Academia, em sessão convocada especialmente para este fim, até o dia 31 de janeiro, quando serão escolhidos, em escrutínio secreto, os nomes dos agraciados.

Art. 3.º – A honraria será imposta em sessão solene da Academia que não ultrapassará a duração de 1 (uma) hora, obrigando-se aos membros efetivos o uso do traje a rigor e das insígnias acadêmicas, a 28 de abril, dia do nascimento em Manaus do ensaísta brasileiro Péricles Moraes cumprindo-se o seguinte cerimonial:

a – Composição da mesa e abertura dos trabalhos pelo Presidente da Academia, dizendo dos objetivos da solenidade e designado, antes, comissão composta por três Acadêmicos para fazer

introduzir os homenageados no recinto da reunião onde tomarão acento em local de destaque;

b – Leitura de um breve memorial feita pelo Secretário-Geral da Academia, sobre a vida e a obra de Péricles Moraes e a síntese dos currículos dos condecorados, destacando-se os trabalhos realizados e que motivaram a concessão da honraria;

c – Imposição da Medalha do Mérito pelo Presidente da Academia;

d – Discurso de um dos agraciados em nome dos demais sobre tema de sua escolha;

e – Discurso de saudação aos homenageados em nome da Academia, proferido por Acadêmico especialmente designado pelo Presidente da Casa.

§ 3.º – Serão dados a conhecer, entre o representante dos homenageados e o Acadêmico designado para saudá-los, os textos integrais do discurso, e cópias encaminhadas ao Presidente da Academia, com a antecedência de, no mínimo, uma semana antes do dia da solenidade.

§ 4.º – Os membros efetivos da Academia ficam impedidos de concorrer ao certame.

Art. 4.º – A medalha será confeccionada em liga dourada, com diâmetro de 35 mm (trinta e cinco milímetros), com passadeira e argola, nas cores do Estado do Amazonas, e terá gravada, em relevo, no anverso, a efígie do escritor, com a inscrição Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes, e, no verso, as insígnias da Casa, com a inscrição Academia Amazonense de Letras.

Parágrafo único – Aos galardoados com a Medalha do Mérito serão conferidos os diplomas correspondentes, assinados pelo Presidente e o Secretário-Geral da Academia.

Art. 5.º – Fica autorizada a celebração de contratos ou convênios visando implementar as providências determinadas por esta Resolução.

Art. 6.º – Esta Resolução entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala da Assembléia-Geral da
Academia Amazonense de Letras,
Manaus, 12 de maio de 2004.

Portaria n.º 02/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no uso de suas atribuições,

RESOLVE:

Designar Comissão constituída dos Acadêmicos Tenório Telles, Jorge Tufic e Alencar e Silva, para, sob a presidência do primeiro, coordenar as comemorações do Cinqüentenário de Fundação do Clube da Madrugada, a transcorrer no dia 22 de novembro de 2004.

Publique-se.

Manaus, Sala da Presidência, 23 de março de 2004.

Elson Farias
Presidente

Portaria n.º 06/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, usando de suas atribuições estatutárias, e

CONSIDERANDO a necessidade de adaptar o Estatuto da Academia às disposições do novo Código Civil, nos termos da Lei n.º 10.406, de 10 de janeiro de 2002;

RESOLVE:

DESIGNAR os Acadêmicos Armando Andrade de Menezes, Áderson Dutra (Relator) e Lafayette Vieira (Membro), para, sob a presidência do primeiro, constituírem a Comissão de Adaptação do Estatuto da Academia às disposições do novo Código Civil, nos termos do art. 2.031, da Lei n.º 10.406, de 10 de janeiro de 2002, devendo concluir seus trabalhos no prazo de 60 dias.

Dê-se ciência e cumpra-se.

Gabinete do Presidente da Academia Amazonense de Letras, em Manaus, 19 de maio de 2002.

Elson Farias
Presidente

Portaria n.º 07/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no uso de suas atribuições (Art. 24, "d", do Estatuto),

RESOLVE:

Nomear Comissão composta pelos seguintes confrades, para apreciar os pedidos de inscrição do preenchimento à vaga existente nesta Casa, Poltrona n.º 11, de José Veríssimo:

Acadêmico Arlindo Porto (Presidente)
Acadêmico Antonio Loureiro (Relator)
Acadêmico Francisco Gomes da Silva (Membro)

Publique-se.

Sala da Presidência, em Manaus, 30 de julho de 2004.

Elson Farias
Presidente

Portaria n.º 08/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no uso de suas atribuições,

CONSIDERANDO a necessidade de adaptar o Estatuto da Academia às disposições do novo Código Civil, nos termos da Lei n.º 10.406, de 10 de janeiro de 2002,

RESOLVE:

Designar a Comissão Editorial composta pelos seguintes Acadêmicos e as respectivas atribuições:

Acadêmico Tenório Telles, Coordenador Editorial;

Acadêmico Almir Diniz, Editor da Revista;

Acadêmico Anísio Mello, Editor do Boletim Informativo.

Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Manaus, 15 de junho de 2004.

Acadêmico Elson Farias
Presidente

Portaria n.º 09/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no uso de suas atribuições (Art. 24, "d", do Estatuto),

RESOLVE:

Nomear Comissão composta pelos seguintes confrades, para apreciar os pedidos de inscrição do preenchimento à vaga existente nesta Casa, Cadeira n.º 25, de Araújo Lima:

Acadêmico Ruy Lins (Presidente)
Acadêmico Anísio Melo (Relator)
Acadêmico Cláudio Chaves (Membro)

Publique-se.

Sala da Presidência, em Manaus, 29 de junho de 2004.

Elson Farias
Presidente

Portaria n.º 10/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no uso de suas atribuições (Art. 24, "d", do Estatuto),

RESOLVE:

Nomear Comissão composta pelos seguintes confrades, para apreciar os pedidos de inscrição do preenchimento à vaga existente nesta Casa, Cadeira n.º 7, de Maranhão Sobrinho:

Acadêmico Antonio José Souto Loureiro (Presidente)
Acadêmico Almir Diniz de Carvalho (Relator)
Acadêmico Francisco Gomes da Silva (Membro)

Publique-se.

Sala da Presidência, em Manaus, 7 de agosto de 2004.

Elson Farias
Presidente

Portaria n.º 11/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no uso de suas atribuições (Art. 24, "d", do Estatuto),

RESOLVE:

Nomear Comissão composta pelos seguintes confrades, para apreciar os pedidos de inscrição do preenchimento à vaga existente nesta Casa, Cadeira n.º 15, de Graça Aranha:

Acadêmico Armado de Menezes (Presidente)
Acadêmico Francisco Gomes da Silva (Relator)
Acadêmico Antonio Loureiro (Membro)

Publique-se.

Sala da Presidência, em Manaus, 24 de agosto de 2004.

Elson Farias
Presidente

Portaria n.º 12/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no uso de suas atribuições (Art. 24, "d", do Estatuto),

RESOLVE:

Nomear, em substituição ao titular designado pelas Portarias n.ºs 10 e 11, o Acadêmico Antonio Loureiro, ora em viagem fora do Estado a tratamento de saúde, o Acadêmico Áderson Pereira Dutra, para funcionar como Presidente da Comissão de exame aos concorrentes da Cadeira n.º 7, e membro da Comissão da Cadeira n.º 15.

Publique-se.

Sala da Presidência, em Manaus, 23 de setembro de 2004.

Elson Farias
Presidente

Portaria n.º 13/2004 – AAL

O Presidente da ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no uso de suas atribuições (Art. 24, "d", do Estatuto),

RESOLVE:

Nomear Comissão composta pelos seguintes confrades, para apreciar os pedidos de inscrição do preenchimento à vaga existente nesta Casa, Cadeira n.º 17, de Francisco de Castro:

Acadêmico Francisco Gomes da Silva (Presidente)

Acadêmico Antonio Loureiro (Relator)

Acadêmico Tenório Telles (Membro)

Publique-se.

Sala da Presidência, em Manaus, 28 de setembro de 2004.

Elson Farias
Presidente

ATA DE ASSEMBLÉIA-GERAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS REALIZADA NO DIA 12/5/2004.

Ao décimo segundo dia do mês de maio de dois mil e quatro, às 10 horas, em sua sede situada na rua Ramos Ferreira, 1009 – Centro, reuniu-se em sessão ordinária de Assembléia-Geral na Academia Amazonense de Letras, com a presença dos seguintes acadêmicos: Elson Farias (Presidente), Armando Andrade de Menezes (Vice-Presidente), Luiz de Miranda Corrêa (Secretário-Adjunto), Francisco Gomes da Silva (Tesoureiro), Arlindo Porto (Tesoureiro-Adjunto), Antonio Loureiro (Diretor do Patrimônio), Robério Braga, Oyama Ituassú, Moacir Andrade, Ruy Lins, Lafayette Vieira, Tenório Telles, Almir Diniz e Carmen Novoa. Após a abertura da reunião, pelo Presidente Elson Farias, o Acadêmico Tenório Telles leu o Parecer da Comissão Examinadora da Prestação de Contas de 2003, do ex-Presidente Max Carphentier, o qual foi aprovado por unanimidade. Na ocasião, o ex-Presidente Max Carphentier discorreu sobre o movimento financeiro de sua administração. Após apresentar a proposta orçamentária para exercício de 2004, o Presidente Elson Farias informou à Casa que a Academia firmou Termo de Cooperação Técnica e Financeira com a Associação de Amigos da Cultura e

interveniência do Estado do Amazonas, através da Secretaria de Estado de Cultura no valor de R$ 5.000,00 (cinco mil reais) mensais pelo prazo de 11 meses, a contar de fevereiro de 2004. Além da importância supra a AAC obriga-se a ceder pessoal necessário ao funcionamento da Entidade (um técnico, um auxiliar de serviços gerais e um estagiário da área de biblioteconomia). Continuando, determinou a leitura das redações finais das Resoluções n.ºs 01 e 02, a primeira criando o Projeto *Clássicos da Academia* que tem como objetivo republicar livros de Acadêmicos do passado e a segunda mandando cunhar a *Medalha do Mérito Cultural*, sugerida pela Acadêmica Carmem Novoa, para expressar o reconhecimento da AAL a personalidades ou instituições que se hajam destacado nos estudos e na interpretação da Amazônia, nas áreas de Letras, Artes e no Mecenato da Cultura. Ambos os Projetos de Resoluções foram aprovados por unanimidade. Em seguida, foi anunciada a discussão do Processo n.º 01/2004 – AAL, referente ao preenchimento da Cadeira n.º 28, que tem como Patrono Annibal Teophilo. Concorreram à vaga a professora Vânia Pimentel, o poeta Anibal Beça e a médica e professora Zeneida Puga, sendo eleito Anibal Beça. Foi criada uma Comissão integrada pelos Acadêmicos Francisco Gomes da Silva e Almir Diniz para comunicar a decisão da Casa ao candidato eleito. Marcada nova reunião para o próximo dia 1.º de junho corrente, às 10 horas. Do que para constar, lavrou-se a presente Ata que vai assinada pelos presentes.

ATA DE ASSEMBLÉIA-GERAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS DO DIA 16/6/2004.

No dia 16 de junho do ano de dois mil e quatro, pelas dez horas da manhã, reuniu-se em Assembléia-Geral a Academia Amazonense de Letras, com a presença dos Acadêmicos Elson Farias (presidente), Max Carphentier, Dom Luís Soares Vieira, Almir Diniz, Áderson Dutra, Ruy Lins, Moacir Andrade, Tenório Telles, Armando de Menezes, Lafayette Vieira, Carmem Novoa e Antonio Loureiro. Aberta a sessão, o Acadêmico Elson Farias convidou o Presidente do Colégio de ex-Presidentes, o Acadêmico Max Carphentier, para presidi-la, sendo designado o historiador Francisco Gomes para secretariá-la. Max Carphentier abriu a reunião destinada a eleger o novo ocupante da Cadeira n.º 27, de Tavares Bastos, vaga com o falecimento do Acadêmico Anthístenes Pinto. O Secretário leu a Ata da sessão anterior, que foi aprovada. O Presidente comunicou haver na mesa sete votos remetidos por sócios ausentes de Manaus, anunciou o processo eleitoral para preenchimento da Cadeira n.º 27, que tem como único candidato o escritor Zemaria Pinto. Leu o parecer da comissão que analisou a inscrição do referido candidato. Em seguida, fez distribuir as

respectivas cédulas de votação, procedendo, logo depois, a chamada nominal dos Acadêmicos. Designada a comissão escrutinadora, composta pelos Acadêmicos Almir Diniz e Antonio Loureiro, foi aberta a urna e contados os votos, com o seguinte resultado: votos sim, 16, não 1, em branco 3, totalizando 20 sufrágios. Proclamando o resultado, o Presidente declarou eleito o escritor Zemaria Pinto. Concluído o processo eleitoral, o Acadêmico Max Carphentier congratulou-se com o novo confrade eleito. Prosseguindo, convidou o Acadêmico Elson Farias para proceder à incineração dos votos, conforme o ritual. Foi designada comissão composta dos Acadêmicos Tenório Telles e Armando de Menezes para dar ciência da decisão ao eleito. Para saudar o novo imortal foi designado o Acadêmico Francisco Gomes.

ATA DE ASSEMBLÉIA-GERAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, REALIZADA NO DIA 24 DE JULHO DO ANO DE 2004.

Às 10 horas do dia 24 de julho do ano de dois mil e quatro, reuniu-se a Academia em Assembléia-Geral com a presença dos Acadêmicos Elson Farias (presidente), Max Carphentier, Francisco Gomes da Silva, Cláudio Chaves, Anísio Mello, Maximino de Miranda Corrêa, Almir Diniz, Áderson Dutra, Ruy Lins, Tenório Telles, Armando de Menezes, Carmem Nóvoa e Antonio Loureiro sob a presidência do Acadêmico Max Carphentier, funcionando como Secretário o imortal Francisco Gomes da Silva, com a finalidade de eleger o novo ocupante da Cadeira n.º 21, de Tenreiro Aranha. O Sr. Presidente informou que 4 acadêmicos – Bernardo Cabral, William Rodrigues, Thiago de Mello e Dom Luís Soares Vieira – haviam remetido seus votos, por encontrarem-se ausentes de Manaus. Ato contínuo, procedeu-se a leitura do parecer da Comissão incumbida de analisar os pedidos de inscrição à Cadeira acima mencionada sendo designados os Acadêmicos Tenório Telles e Almir Diniz para a função de escrutinadores. Concluída a votação e apurados os votos, registrou-se o seguinte resultado: 14 votos para o poeta Luiz Bacellar; 3 para Mário Diogo; 1 para Rita Puga e 1 em branco. Conhecido o resultado, o Presidente Max Carphentier proclamou eleito para Cadeira n.º 21 o poeta Luiz Bacellar, saudando-o com prolongada salva de palmas. Assumindo a presidência, o Sr. Elson Farias mandou proceder a incineração das cédulas eleitorais, após o que designou os Acadêmicos Tenório Telles e Maximino de Miranda Corrêa para o cumprimento da formalidade de comunicação oficial ao eleito, cuja saudação ficará a cargo de Tenório Telles. Facultada a palavra, usou-a o Acadêmico Cláudio Chaves para congratular-se com o Presidente Elson Farias pela forma democrática com que vem conduzindo a Academia, inclusive quanto à formalização do preenchimento das vagas existentes. Falaram também os Acadêmicos

Antonio Loureiro e Tenório Telles, dizendo da importância e significado de algumas medidas administrativas recentes. O Presidente Elson lembrou que após essa reunião, será servido o habitual chá acadêmico e a palestra programada, a ser proferida pelo Acadêmico Maximino de Miranda Corrêa, enfocando a figura do falecido escritor Leandro Tocantins. Esgotada a pauta, o Acadêmico Max Carphentier encerrou a reunião.

ATA DA REUNIÃO DE ASSEMBLÉIA GERAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, REALIZADA NO DIA 11 DE SETEMBRO DO ANO DE 2004.

Às 10 horas do dia 11 de setembro do ano de dois mil e quatro, reuniu-se em Assembléia-Geral a Academia Amazonense de Letras com a presença dos Acadêmicos Elson Farias, Almir Diniz, Ruy Lins, Zemaria Pinto, Tenório Telles, Moacir Andrade, Armando de Menezes, Dom Luís Soares Vieira, Carmen Novoa, Rosa Brito, José Braga, Francisco Gomes, Robério Braga, Áderson Dutra, a fim de deliberar sobre a pauta seguinte: 1. Abertura dos trabalhos; 2. Transmissão dos trabalhos para o Presidente do Colégio de ex-Presidentes; 3. Leitura da Ata da sessão anterior; 4. Eleição para preenchimento da Cadeira n.º 25, de Araújo Lima; 5. Palavra Franqueada; 6. Comunicações; 7. Encerramento. O Presidente abriu a sessão, convidando para presidi-la o Acadêmico Robério Braga, do Colégio de ex-Presidentes, e para secretariá-la o Acadêmico José Braga, que fez a leitura da Ata da sessão anterior, a qual foi aprovada. O Presidente comunicou que se encontra sobre a mesa dos trabalhos o voto do Acadêmico Antonio Loureiro que está ausente de Manaus a tratamento de saúde. Verificada a relação dos Acadêmicos presentes, a presidência declarou não haver número suficiente de membros para realização da eleição, daí derivando discussão em derredor da interpretação do Art. 24, item "h", do Estatuto. Vários Acadêmicos se manifestaram, sendo afinal posta em votação, proposta do Presidente considerando que o quórum deve ser entendido por metade e mais um dos Acadêmicos presentes ou representados e outra do Acadêmico José Braga, achando que o quórum deveria ser metade mais um dos membros efetivos da Casa. Posta em votação, venceu a proposta do Presidente Elson Farias por maioria. Ato contínuo, o condutor dos trabalhos leu o parecer da Comissão incumbida de analisar os pedidos de inscrição à Cadeira n.º 25 que tem como Patrono Araújo Lima e último ocupante Gebes Medeiros, e incumbiu os Acadêmicos Ruy Lins e Tenório Telles de fazer a distribuição das chapas eleitorais. Depositado em urna o voto enviado pelo Acadêmico Antonio Loureiro, Robério Braga autorizou que fosse efetivado o processo eleitoral, chamando nominalmente os votantes, um a um. Concluída a votação, o Presidente do Conselho soli-

citou que os escrutinadores Ruy Lins e Tenório Telles apurassem os votos e anunciassem o resultado, que foi o seguinte: 11 a favor e 5 contra o candidato Márcio Souza. Conhecido o resultado, o Presidente Robério Braga proclamou eleito para Cadeira n.º 25 o escritor Márcio Souza. Reassumindo a direção dos trabalhos, o Presidente Elson Farias mandou proceder à solenidade de incineração das cédulas eleitorais, após o que designou os Acadêmicos Armando de Menezes e Tenório Telles para cumprir a formalidade de comunicação oficial ao eleito, cuja saudação ficará a cargo do Acadêmico Zemaria Pinto. O Presidente Robério Braga, não havendo manifestações, encerrou a sessão. Do que para constar, lavrou-se a presente Ata que vai assinada pelos presentes.

ATAS DE REUNIÕES DA DIRETORIA

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS REALIZADA NO DIA 20/1/2004.

Ao vigésimo dia do mês de janeiro do ano de 2004, às 10 horas, em sua sede local, situada na rua Ramos Ferreira, 1009 – Centro, reuniu-se a Diretoria da Academia Amazonense de Letras com a presença dos seguintes Acadêmicos: Elson Farias (Presidente), Armando Andrade de Menezes (Vice-Presidente), Francisco Gomes (Tesoureiro), Ruy Lins e Tenório Telles. Estiveram ausentes com falta justificada os Acadêmicos José Braga (Secretário), Arlindo Porto (Tesoureiro-Adjunto) e Luiz Maximino Miranda Corrêa (Secretário-Adjunto). E sem justificativa de falta o Acadêmico Antonio Loureiro (Diretor do Patrimônio). Na ausência do titular, serviu como Secretário o Acadêmico Francisco Gomes, o qual leu o resumo das atividades desenvolvidas no mês corrente. Dando prosseguimento aos trabalhos, foram abordados os seguintes assuntos: eleição para o preenchimento das sete vagas existentes nos quadros da Academia; criação da Medalha do Mérito Literário Péricles Moraes; criação da Comissão Editorial; edição da Coleção Clássicos da Academia Amazonense de Letras; conferências e seminários; Revista e Boletim Informativo. O Presidente informou que irá formalizar o processo para preenchimento das vagas, havendo os presentes trocado opiniões a respeito. O seminário sobre a Amazônia, proposta pelo acadêmico Ruy Lins e as conferências literárias, proposição do Acadêmico Tenório Telles foram assuntos mais destacados, sendo que em relação ao primeiro, o Acadêmico Ruy Lins ficou de apresentar esboço mais detalhado, o mesmo ocorrendo com a propositura do Acadêmico Tenório Telles. Na oportunidade, o Acadêmico Armando Andrade de Menezes fez entrega de diversas fotografias sobre o lançamento de seu livro *O Velho Tude*, para constar do

acervo da Casa. Quanto à Medalha e Comissão Editorial, o Presidente fez entrega de um texto, sugerindo a emissão de uma Resolução sobre as mesmas, que foi aprovada.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS REALIZADA NO DIA 3/2/2004.

Ao terceiro dia do mês de fevereiro do ano de 2004, às 10 horas, em sua sede situada na rua Ramos Ferreira, 1009 – Centro, reuniu-se a Diretoria da Academia Amazonense de Letras com a presença dos Acadêmicos: Elson Farias (Presidente), Armando Andrade de Menezes (Vice-Presidente), Luiz Maximino Miranda Corrêa (Secretário-Adjunto), Francisco Gomes (Tesoureiro), Arlindo Porto (Tesoureiro-Adjunto), Antonio Loureiro (Diretor do Patrimônio). Esteve ausente com falta justificada o Acadêmico José Braga (Secretário-Geral). Iniciada a reunião, foi lido o resumo das atividades programadas para o mês corrente, a seguir foram discutidos os assuntos: definição sobre a feição prática e a periodicidade da Revista; ficando decidido que a Revista terá a periodicidade anual; participação da Academia na Política do Fundo de Cultura do Estado e do Município, ficando o Acadêmico Antonio Loureiro com a incumbência de marcar uma audiência com a Federação das Indústrias; e o Acadêmico Francisco Gomes para igual providenciar junto ao fundo de Cultura. Foi apreciada a redação final do projeto da Medalha do Mérito Péricles Moraes, ficando decidido pela criação da Medalha do Mérito Cultural da Literatura, Ciências, das Artes Sociais e do Mecenato Cultural. Na palavra franqueada, fizeram-se ouvir sobre o lançamento de seus livros os acadêmicos Almir Diniz (*Agenda Literária*) e Antonio Loureiro (*História da Medicina*). O Presidente encerrou a reunião com os votos de felicitações à nova administração da Associação dos Escritores do Amazonas, presidida pelo Acadêmico Armando Andrade de Menezes, que agradeceu e se colocou à disposição desta Casa, sugerindo, ainda, o envio de mensagem de pesar à família do Dr. Walter Dantas Góes, pelo falecimento deste.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS REALIZADA NO DIA 8/7/2004.

Aos oito dias do mês de julho de dois mil e quatro, reuniu-se em sessão ordinária a Diretoria juntamente com a comissão editorial da Academia Amazonense de Letras estando presente os seguintes Acadêmicos: Elson Farias (presidente), Tenório Telles, Armando de Menezes, Anísio Mello, Ruy Lins, Antonio Loureiro e Francisco Gomes. Para elaboração desta ata esteve presente a secretária Andressa Repolho. Feita a leitura da Ata anterior pelo Acadêmico

Anísio Mello, o Presidente e demais Acadêmicos aprovaram-na. Foi anunciada a seguinte pauta: 1. Avaliação dos Sábados da Academia; 2. Medalha do Mérito; 3. Criação de Coordenadorias: "Site", Sábados da Academia, Sala do Escritor. O Acadêmico Anísio Mello justificou sua ausência em alguns sábados, por motivo de doença, e sugere que seja dada a continuidade nessas atividades, inclusive depois das comemorações do Cinqüentenário do Clube da Madrugada. Sugerido pelo Presidente o nome do Acadêmico Antonio Loureiro para assumir a coordenadoria dos Sábados da Academia. Todos aprovaram. O Acadêmico Tenório Telles avalia que, apesar do público que participou desses sábados ser oscilante, deu para sensibilizar e que a freqüência tende a aumentar, sugerindo, para os próximos sábados, a utilização dos recursos de mídia, além da efetivação de contatos com as faculdades e escolas públicas tradicionais. O Acadêmico Ruy Lins sugere que essas palestras sejam publicadas. Foi lembrado pelo Presidente que o Acadêmico Arlindo Porto havia sugerido que palestras fossem publicadas em cadernos de fácil acesso aos interessados em geral. O Acadêmico Tenório Telles finaliza sua avaliação ressaltando que as palestras e suas publicações serão uma importante contribuição da Academia para a comunidade amazonense. O Acadêmico Francisco Gomes, fazendo sua avaliação, confirma as palavras do Acadêmico Tenório Telles. O Presidente retoma a palavra e põe em discussão a cunhagem da Medalha do Mérito, exibindo o modelo em papel do qual consta no verso a fotografia de Péricles Moraes e na frente o brasão da Academia, em autorelevo. Aprovado. Em seguida o Acadêmico Ruy Lins tece comentários quanto aos valores que serão inicialmente gastos para elaboração do *site* da Academia. O acadêmico Antonio Loureiro sugere a possibilidade de se fazer um site apenas com informações recentes e atividades atuais da Academia. O Presidente é pelo equilíbrio entre as duas propostas, o que é aprovado pelos demais Acadêmicos. O tesoureiro Francisco Gomes alvitra que os Acadêmicos façam doações para as despesas da elaboração deste site. Manifestaram-se alguns Acadêmicos, ficando estabelecido que Cláudio Chaves, Bernardo Cabral, Anísio Mello, Tenório Telles e Antonio Loureiro cada um doasse R$ 200,00, Armando de Menezes R$ 250,00, Francisco Gomes e Arlindo Porto R$ 300,00, e Elson Farias R$ 500,00. Quanto aos demais Acadêmicos o Tesoureiro, no tempo devido, com eles contataria. O Presidente informa que a Sala do Escritor deverá estar concluída provavelmente em agosto, e que será um espaço para oficinas literárias, onde se aprenderá a fazer poesia, ensaios, crônicas e que funcionará com o auxílio dos Acadêmicos; indica o Acadêmico eleito Zemaria Pinto para coordenar esse espaço. A indicação foi aprovada.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS NO DIA 12/8/2004.

Às 10 horas do dia 12 de agosto do ano de dois mil e quatro, reuniu-se a Diretoria da Academia Amazonense de Letras, presente os Acadêmicos Elson Farias (presidente), Armando de Menezes, Almir Diniz, Anísio Mello, Francisco Gomes da Silva e Tenório Telles. Os Acadêmicos Ruy Lins e José Braga justificaram a ausência. O Presidente abriu a sessão, convidando o Acadêmico Francisco Gomes da Silva para preceder a leitura da Ata da sessão anterior. Lida e aprovada. Na seqüência, o mesmo Acadêmico faz a leitura do expediente recebido e expedido. Retomando a palavra, o Presidente pediu aos presentes que sugerissem um nome para representar a Academia no Programa de Bolsas para Escritores, objeto do Ofício n.º 18/2004, da Secretaria de Cultura do Amazonas, recaindo a escolha dos Acadêmicos Almir Diniz e Anísio Mello. O Presidente teceu várias considerações a respeito dos projetos em andamento, falou sobre a Sala do Escritor, anunciando que aproximadamente, no final de agosto, as obras já estarão concluídas, e informando que a sala continuará com nome original de Aristophano Antony e será um espaço para realização de oficinas literárias, cursos intensivos e local para funcionamento do projeto "Plantão Acadêmico". Em seguida, discutiu-se a publicação dos "Clássicos da Academia", ficando decidido que o primeiro volume a ser editado será o clássico *Amazônia: a terra e o homem*, de Araújo Lima, com a apresentação do Secretário José Braga. Também será editada a série "Cadernos da Academia" aproveitando as contribuições das palestras que são realizadas pelos Acadêmicos nos "Sábados da Academia". Quem inaugurou o ciclo foi o Acadêmico Armando de Menezes homenageando o Acadêmico Paulo Jacob, recentemente falecido. As demais palestras também serão editadas. O Acadêmico Anísio Mello sugere que após a morte de cada membro desta Casa, a Academia solicitasse dos familiares os materiais bibliográficos como meio de facilitar as informações referentes a esse Acadêmico. Retomando o uso da palavra, o Presidente apresenta a arte-final da Medalha do Mérito, que foi aprovada, e brevemente será cunhada. Em seguida apresenta o Projeto do Centro de Ensino Alonso Souza, que é uma pequena escola do bairro da Japiinlândia dedicada ao ensino infantil e fundamental, apresentado pela professora Leni Fernandes. O projeto tem por objetivo despertar nos alunos a iniciação à prática artística e literária em linguagem simples com a presença de Acadêmicos que utilizem temas como literatura infantil, poesia e prosa. Serão quatro sessões de 1 hora e 30 minutos. Numa segunda fase a escola compareceria à Academia para recebimento de certificados. Os custos daí decorrentes foram discutidos, opinando a respeito os Acadêmicos Tenório Telles e

Anísio Mello, o Acadêmico Francisco Gomes da Silva ficou responsável pelo contato com a professora Leni Fernandes. O Acadêmico Armando de Menezes faz o uso da palavra afirmando a boa experiência que teve com esse tipo de atividades em escolas. O Presidente sugere que se crie uma fundação mantenedora para fazer frente às despesas da Academia, visto que esta depende de verbas provisórias do Estado. Essa fundação funcionaria como prestadora de serviços para Universidades, Secretaria de Cultura e Editoras. O Açadêmico Francisco Gomes da Silva apóia a idéia, pois também pensa na Academia auto-sustentável. O Acadêmico Almir Diniz concorda e diz que precisa estudar a legislação para maiores esclarecimentos, e confirma a boa idéia lembrando de instituições que funcionam dessa maneira e sugere contato com o Acadêmico Jefferson Peres para que seja verificada possibilidade de inclusão de verba no orçamento da União para custeio das atividades da Academia, inclusive para um programa de assistência social, aí incluída necessidade de ampliação da estrutura física da Entidade. O Acadêmico Francisco Gomes congratulou-se com o Presidente Elson Farias, solicitando um voto de louvor pela maneira como vem conduzindo o Silogeu. Aprovado. O Presidente agradece as palavras do confrade Francisco Gomes e comunica a visita feita ao poeta Anibal Beça em companhia dos Acadêmicos Francisco Gomes e Almir Diniz, confirmando que o poeta tomará posse em novembro deste ano. Informa ainda que o Colégio Nossa Senhora Aparecida vai convidar os alunos para participarem dos "Sábados da Academia" e que está preparando uma assessoria de imprensa para dinamizar a divulgação dos eventos na Academia. Por fim, informa que no dia 13 de agosto estará no Colégio Nossa Senhora Aparecida abordando o tema "Literatura Amazonense". Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente Ata.

ATA DA SESSÃO ORDINÁRIA DE DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS NO DIA 9/9/2004.

Às 10 horas do dia 9 de setembro do ano de dois mil e quatro, reuniu-se a Diretoria da Academia Amazonense de Letras, presentes os Acadêmicos Elson Farias (presidente), Armando de Menezes, Almir Diniz, Zemaria Pinto, Tenório Telles, Anísio Mello, Ruy Lins e Arlindo Porto. O Presidente abriu a sessão convidando o Acadêmico Anísio Mello para proceder a leitura Ata da sessão anterior. Lida e aprovada. O Presidente faz a leitura do expediente. O Acadêmico Tenório Telles informou que a coordenadora de agenda da candidata à Prefeitura de Manaus, deputada federal Vanessa Grazziotin, entrou em contato com o mesmo tratando de uma visita da referida senhora aos Acadêmicos, ocasião em que fará a leitura de seu plano de governo. O Acadêmico

Ruy Lins indaga se não ocorrerá visita de outros candidatos com o mesmo objetivo, sendo informado pelo Presidente que todos os candidatos serão bem-vindos, mas que a visita programada se deu por iniciativa da própria candidata. O Acadêmico Tenório Telles informa sobre o andamento das publicações do projeto *Clássicos da Academia* dizendo que o primeiro volume está em processo de diagramação. Serão oito publicações e pretende-se montar um banco de dados referente à vida e obra de autores e artistas que pertenceram a Academia. Quanto à série *Cadernos da Academia*, o Acadêmico Armando de Menezes está patrocinando o 1.º opúsculo em que homenageia o Acadêmico Paulo Jacob, estudando-lhe a vida e a obra. O mesmo Acadêmico prosseguiu apresentando discussão a respeito do formato da Revista da Academia sendo que o Acadêmico Almir Diniz sugeriu que se retomasse a forma tradicional de livro e todos concordaram. Tenório Telles continuou informando que as palestras do ciclo "Experiência do processo criador" serão reunidas em uma única publicação patrocinada pela Editora Valer. Sobre a Sala do Escritor, o Acadêmico Zemaria Pinto anuncia que a mesma está pronta e que iniciará uma oficina literária sobre o tema "Poesia – leitura e interpretação". Serão dez sessões nos sábados das 10 às 12h e se ultrapassar o limite de inscrições, será constituída nova turma no horário das 15 às 17h às terças-feiras. Informou ainda que será um espaço aberto para consultorias e bate-papos. O Acadêmico Ruy Lins sugere que a sala seja apresentada aos Acadêmicos no momento da Assembléia-Geral que acontecerá no próximo dia 11. O Presidente afirma que os Acadêmicos orientadores das oficinas serão remunerados e que os participantes deverão pagar taxa e receberão certificados. A respeito da organização administrativa da Academia, o Presidente informou a composição do quadro de servidores que é o seguinte: Antônio Urtiga, gerente administrativo e Andressa Repolho, secretária-executiva. Ressaltando a possibilidade de criar uma Diretoria Executiva para coordenar os eventos e atividades, descentralizando as ações com o intuito de cumprir os prazos. O Acadêmico Zemaria Pinto sugere a possibilidade de designação de um Acadêmico para responder pelas atividades de divulgação, visto haver necessidade de um representante da Academia junto à mídia. O Presidente Elson Farias facultou a palavra, usando-a o Acadêmico Arlindo Porto para informar sua mudança de endereço, mas que pretende manter o mesmo número de telefone. Esgotada a pauta, foi encerrada a sessão e lavrada a presente Ata que vai por todos assinada.

>>PÁGINA DE SAUDADE

Dificuldades financeiras retardaram o aparecimento do n.º 26 da *Revista da Academia Amazonense de Letras*. E, durante o espaço de tempo decorrido desde a circulação do número anterior até esta data, registraram-se, infelizmente, duas perdas irreparáveis no quadro de sócios efetivos do Silogeu.

No dia 11.3.2004 faleceu em Manaus o escritor Áureo Nonato. Nascido no bairro de São Raimundo, em Manaus, no primeiro dia de abril de 1921, o poeta e memorialista deixou publicados os livros *Os Bucheiros – Memorial de Infância*, 1983/86 (Prêmio Osvaldo Orico, 1982, da Academia Brasileira de Letras); *Porto de Catraias – Um memorial da Adolescência*, 1987; *Pitombas e Biribás*, 1993. Ocupava na Academia a Cadeira n.º 17, de Francisco de Castro, a qual teve como fundador o Dr. José Francisco de Araújo Lima e sucessores Leôncio de Salignac e Souza e Mário Verçosa.

Eleito a 15.5.1993, assumiu a 16.12.1993 a Cadeira n.º 17 da AAL, com recepção de Paulo Jacob, na presidência de Oyama Ituassú.

Dia 9.7.2004 faleceu, em Manaus, o historiador, folclorista e poeta Mário Ypiranga Monteiro. Nascido em Manaus dia 23.1.1909, o escritor deixou-nos mais de 100 títulos entre os quais *O Estado Social do Índio Brasileiro*, 1946; *Fundação de Manaus*, 1948/52; *Quarta Orbis Pars*, 1950; *A Capitania de São José do Rio Negro*; *Teatro Amazonas*; *O Espião do rei*, 2.ª ed.; *O Regatão*; *Síntese Histórica da Polícia Militar do Amazonas*; *O Tigreiro*; *O Atravessador*; *A Catedral Metropolitana de Manaus*; *Negritude e Modernidade*; *Gotas de Sangue*...

Foi eleito para o quadro de sócios efetivos da Academia Amazonense de Letras a 20.12.1947 para suceder na Cadeira n.º 10, do Barão do Rio Branco, ao fundador, professor Carlos Chauvin. Assumiu a 4.2.1948, sendo saudado pelo Acadêmico Huáscar de Figueiredo.

Este livro foi impresso na cidade de Manaus/AM, em dezembro de 2005, pela Grafisa.
A família tipográfica utilizada na composição do texto foi Zurich Cn BT no corpo 11.
O projeto gráfico – miolo e capa – foi feito pela Valer Editora.

Veículo por excelência de divulgação do labor acadêmico e da meritória produção literária, científica, historiográfica e mais manifestações do saber dos ilustrados componentes da austera Academia Amazonense de Letras, esta Revista, mais uma vez, insere-se nos hábitos da boa leitura como exige a ilustrada intelectualidade desta terra.

Valer
EDITORA
GRAFISA

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM